



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS LONDRINA**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA – PPGEN**

ZENAIDE APARECIDA NEGRÃO

**A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: O ENCANTAMENTO NA
FORMAÇÃO DO LEITOR**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**LONDRINA
2018**

ZENAIDE APARECIDA NEGRÃO

**A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: O ENCANTAMENTO NA
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Área de Concentração: Ciências Humanas

Orientadora: Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira

LONDRINA
2018

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação e o seu respectivo Produto Educacional estão licenciados sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação UTFPR - Câmpus Londrina

N385c Negrão, Zenaide Aparecida

A cartola mágica das palavras: o encantamento na formação do leitor / Zenaide Aparecida Negrão. - Londrina : [s.n.], 2018.
164 f.: il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilu Martens Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Londrina, 2018.

Bibliografia: f. 87-92.

1. Leitura. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Interesse na leitura. 4. Prática de Ensino. I. Oliveira, Marilu Martens, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. IV. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. V. Título.

CDD: 507



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN.
Mestrado Profissional
UTFPR Campus Londrina



TERMO DE APROVAÇÃO

A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: O ENCANTAMENTO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

por

ZENAIDE APARECIDA NEGRÃO

Dissertação de Mestrado apresentada no dia 19 de março de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA NATUREZA pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN, Campus Londrina, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A mestranda foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO** (Aprovado ou Reprovado).

Profa. Dra. Marilu Martins Oliveira (UTFPR)

Orientadora

Profa. Dra. Marileia Gartner (UNICENTRO)

Membro Titular

Profa. Dra. Alessandra Dutra (UTFPR)

Membro Titular

Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de
Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN.

Mestrado Profissional
UTFPR Campus Londrina

**A FOLHA DE APROVAÇÃO ASSINADA ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA SECRETARIA DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E DA
NATUREZA - PPGEN.**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Geraldo Ribeiro Negrão (*in memorian*) e Mercedes Martins Negrão, professores primeiros, para quem o estudo era a herança que ninguém poderia me tirar.

À tia Zélia Villas Boas Negrão (*in memorian*), primeira mestra, ensinou-me a segurar o lápis e desvendar o reino encantado das letras, palavras e mundos.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor dos Senhores, pelo dom da vida, da inteligência e capacidade.

À Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira, pela orientação segura e, principalmente, por me privilegiar com sua amizade, compartilhando “histórias sem fim” de vida e trabalho.

À minha família: mãe, irmãs, sobrinhos de sangue e sobrinhas do coração, parentes todos, marido, que me aceitam, ajudam e perdoam minhas indelicadezas e ausências.

Aos meus queridos que já não estão presentes, apesar das imensas falta e saudade, tenho certeza da reciprocidade do nosso amor.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, lugar de trabalho e estudo, sinto-me honrada de ser parte integrante desta instituição.

Às professoras da banca examinadora, Profa. Dra. Mariléia Gärtner, Profa. Dra. Alessandra Dutra, pela atenção e significativas contribuições a este trabalho.

Aos meus colegas docentes e demais servidores, pelo apoio e incentivo.

Às Gatas: Amanda Martins dos Reis, Eire Maria Rossi, Ermínia da Silva Simões Garcia, Luciana Carneiro Hernandez, Leda Maria Dalla Costa, Maria de Fatima Tondelli, Marisa Marques de Souza, Marilu Martens Oliveira, Rosangela Borges Pimenta, Sara Ilda Ibarra Enjoji, grupo de amigas-irmãs, com as quais divido confidências, alegrias, tristezas e, principalmente, festas.

Aos companheiros de viagem do mestrado, turma 2016, especialmente os “Humanos”, pelo carinho e atenção com a “mais experiente” da turma.

À querida Elaine Cristina Ferruzzi, que me abriu as portas do coração e da sua casa para que eu pudesse realizar o curso.

À Direção, equipe pedagógica, docentes e discentes do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal de Cornélio Procopio-PR, pela valiosa colaboração.

NEGRÃO, Zenaide Aparecida. *A Cartola Mágica das Palavras: o encantamento na formação do leitor*. 2018. 162 f. Dissertação – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2018.

RESUMO

A ausência de uma formação específica e continuada para o profissional ligado à educação, em especial pelo ensino da leitura, é assunto constante na sociedade, justificando-se, portanto, a presente investigação. Então, como promover, principalmente em relação aos professores, o interesse pela formação do leitor? Para responder à questão, foi realizado um estudo que resultou no desenvolvimento de dois produtos educacionais – um curso e um manual de atividades – com o objetivo primordial no ensino de literatura de forma lúdica e sedutora e, conseqüentemente, estimular a formação do leitor, e específicos: criar um Manual de Atividades; oferecer um curso aplicando as atividades do Manual; realizar uma exposição dos trabalhos realizados no curso e apresentar os resultados em eventos científicos. Este é um trabalho de caráter descritivo, bibliográfico, interventivo e, para tanto, realizou-se uma revisão das concepções teóricas de Bajard (2007), Campos (1999), Esteves (2010), Hutcheon (1991), Massi (2011), Coelho (1987), Zilbermann (1982), Rezende (1993), Gebara (2011), Pinheiro (2000), Altenfelder (2004), Gatti (2010), Lima (2015), Pinto (2014), entre outros, foram os suportes para o desenvolvimento da investigação. Assim foi criado o manual *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*, juntamente com o curso, de mesmo nome, destinado aos alunos do Ensino Normal, nível médio, de Cornélio Procópio-PR. Os bons resultados podem ser exemplificados pelos excelentes trabalhos apresentados, pelo envolvimento, entusiasmo e assiduidade dos alunos durante as aulas e pelo interesse de outros profissionais ligados à educação, quando da apresentação da pesquisa em evento científico. Portanto, a presente dissertação concretizou os objetivos propostos, contribuindo satisfatoriamente para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da literarua infantojuvenil.

Palavras-chave: Leitura; Literatura infantojuvenil; Formação do leitor; *A Cartola Mágica das palavras*; Guia de Atividades; Práticas de leitura.

NEGRÃO, Zenaide Aparecida. *The Magic Topper of Words: the enchantment in the reader's education*. 2018. 162 f. – Professional Master's Program in Teaching Human, Social and Nature Sciences. Federal Technological University of Paraná, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The absence of specific and continuous training of the professional involved in education, especially in the teaching of reading, is a constant subject in society, so such a subject is justified in the present investigation. Thus, how to promote, especially in relation to teachers, the interest in the reader's education? In order to answer this question, a study was conducted which has resulted in the development of two educational products - a course and a manual of activities - primarily focusing on the teaching of literature in a playful and seductive way. The aim was to stimulate the reader's education with the designing of an Activity Manual; offer a course applying the activities of the Manual; carry out an exhibition of the work developed in the course, as well as present the results obtained in scientific events. This is a descriptive, bibliographical and interventional research, and therefore, a review of the theoretical conceptions of Bajard (2007), Campos (1999), Esteves (2010), Hutcheon (1991), Massi (2011), Coelho (1987), Zilberman (1982), Rezende (1993), Gebara (2011), Pinheiro (2000), Altenfelder (2004), Gatti (2010), Lima (2015), Pinto (2014), among other supports for the development of the research. Thereby it was created the manual *The Magic Topper of Words: Activity Guide*, along with the homonym course, focused on the students of *Escola Normal (Teaching Education)*, high school level in Cornélio Procópio-PR and, from the good results, it was possible to accomplish the objectives proposed. The good results can be exemplified by the excellent work presented, by the student's involvement, enthusiasm and attendance during the classes and by interest of other professionals related to education when presenting the research in a scientific event. Therefor, the present dissertation fulfilled the objectives proposed contributing satisfactorily to the process of teaching learning reading and literature of children and young people.

Keywords: Reading; Children's Literature; Reader's education; *The Magic Topper of Words: Activity Guide*; Reading Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Prática utilizada: O polvo	61
Figura 2 - Texto produzido pelos alunos	62
Figura 3 - Texto produzido pelos alunos	64
Figura 4 - Produção dos alunos	66
Figura 5 - Produção dos alunos	66
Figura 6 - Produção dos alunos	67
Figura 7 - Produção dos alunos	68
Figura 8 - Produção dos alunos	68
Figura 9 - Saco de Brinquedo	69
Figura 10 - Produção dos alunos	69
Figura 11- Dedo.....	69
Figura 12 - Produção dos alunos	69
Figura 13 - Chocalho.....	70
Figura 14 - Produção dos alunos	70
Figura 15 - Boneco de Pano	70
Figura 16 - Produção dos alunos	70
Figura 17 - Urso de Pelúcia.....	71
Figura 18 - Produção dos alunos	71
Figura 19 - Bola.....	71
Figura 20 - Produção dos alunos	71
Figura 21 - Peteca.....	72
Figura 22 - Produção dos alunos	72
Figura 23 - Barco de Papel.....	72
Figura 24 - Produção dos alunos	72
Figura 25 - Pandorga	73
Figura 26 - Produção dos alunos	73
Figura 27 - Castelo de Areia.....	73
Figura 28 - Produção dos alunos	73
Figura 29 - Cata Vento.....	74
Figura 30 - Produção dos alunos	74
Figura 31 - Cavalo-de-Pau.....	74
Figura 32 - Produção dos alunos	74
Figura 33 - Perna-de-Pau.....	75
Figura 34 - Produção dos alunos	75
Figura 35 - Bolha de Sabão	75
Figura 36 - Produção dos alunos	75
Figura 37 - Trem de Lata.....	76
Figura 38 - Produção dos alunos	76
Figura 39 - Cinco Marias.....	76
Figura 40 - Produção dos alunos	76
Figura 41 – Tropa de Osso	77
Figura 42 - Produção dos alunos	77
Figura 43 - Tambor de Lata.....	77
Figura 44 - Produção dos alunos	77
Figura 45 - Balão de São João.....	78
Figura 46 - Produção dos alunos	78
Figura 47 - Saco de Brinquedos	78
Figura 48 - Produção dos alunos	78
Figura 49 - Produção dos alunos	79
Figura 50 - A Cartola Mágica das Palavras.....	149
Figura 51 - A Cartola Mágica das Palavras.....	150
Figura 52 - Produção dos alunos	151
Figura 53 - Produção dos alunos	151
Figura 54 - Produção dos alunos	152
Figura 55 - Produção dos alunos	152
Figura 56 - Produção dos alunos	153
Figura 57 - Produção dos alunos	154

Figura 58 - Cursistas.....	155
Figura 59 - Cursistas.....	156
Figura 60 - Cursistas.....	156
Figura 61 - Cursistas.....	157
Figura 62 - Jornal	158
Figura 63 - Jornal	158
Figura 64 - Jornal	159
Figura 65 - Jornal	159
Figura 66 - Jornal	160
Figura 67 - Jornal	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS PRIMEIRAS VARINHAS DE CONDÃO	16
1.1 OS PASSOS DA BAILARINA: LEITURA-LITERATURA	18
1.2 OS SALTOS DO TRAPEZISTA: LEITURA-LITERATURA-ESCOLA	22
1.3 NO CIRCO DA VIDA, DE EMÍLIAS E PEDRINHOS TODOS TÊM UM POUCO ..	25
2 NO PICADEIRO... HERÓIS, MELIANTES, POLICIAIS.....	29
2.1 O DOMADOR DE CHAPEUZINHO VERMELHO... AMARELOU	30
2.2 UMA FACA, DUAS FACAS... AS FACES DO ROMANCE HISTÓRICO	35
2.3 NO GLOBO DA MORTE... O ROMANCE POLICIAL	41
2.4 LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ... POESIANDO PALHAÇADAS.....	50
3 UMA NECESSÁRIA CONTEXTUALIZAÇÃO: A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL	55
3.1 NA CORDA BAMBA: CURSO PRESENCIAL	58
3.2 VAI, VAI, VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA	61
4 VAI, VAI, VAI, ACABAR A BRINCADEIRA... PALAVRAS FINAIS	82
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES.....	98
APÊNDICE A.....	99
A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: GUIA DE ATIVIDADES	99
APÊNDICE B	132
Plano de Aula 1	132
APÊNDICE C	134
APÊNDICE D.....	136
Plano de Aula 3	136
APÊNDICE E	138
Plano de Aula 4	138
APÊNDICE F	140
Plano de Aula 5	140
APÊNDICE G.....	142
Plano de Aula 6	142
ANEXOS	143
ANEXO A.....	144
Textos.....	144
ANEXO B.....	151
Imagens da Exposição.....	151
Jornal elaborado pelos alunos	160

INTRODUÇÃO

A arte é o mais esclarecedor dos ensinamentos bíblicos de que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Em qualquer de suas vertentes, nos momentos da criação e da apreciação, há qualquer coisa de divino na sensibilidade única que ela desperta em cada ser. E a Literatura, oral ou escrita, é a forma da arte pela palavra. Como o prazer de ler deve ser um direito de todos, uma grande preocupação inquieta a sociedade, em especial as pessoas ligadas à educação: como ensinar leitura?

A necessidade pelo estudo da formação do leitor é premente nos dias atuais, justificando-se, assim, a presente investigação. Acrescente-se que são muito comuns as notícias divulgadas pelos meios de comunicação de que as crianças, em idade escolar, não sabem ler e relatórios de instituições nacionais e internacionais de pesquisa também confirmam tal fato. Criou-se, inclusive, um termo para definir esses leitores: “alfabetismo funcional” (BAJARD, 2007, p. 9). Há uma queixa constante dos professores sobre a precariedade estrutural dos estabelecimentos de ensino, bem como de investimentos em sua capacitação, o que compromete o desempenho desses profissionais ao executar suas funções.

Por outro lado, políticas governamentais como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) disponibilizam acervos literários para todas as faixas da educação, com textos em prosa e verso, de vários gêneros narrativos, histórias em quadrinhos (HQ), dando importância, também, à leitura não verbal, acompanhados de instruções às escolas cadastradas em todo território nacional, de como usar tal material. Entretanto, somente pela distribuição “não se pode vislumbrar uma efetiva preocupação com a formação de leitores” (LIMA, 2015, p. 94).

Apesar de cursos como Magistério para capacitar pessoas ao Ensino Fundamental, Letras e Pedagogia para os níveis mais elevados da educação, o processo nem sempre é realizado a contento porque as muitas disciplinas exigidas pelos currículos consomem grande parte do programa, inviabilizando um estudo mais específico sobre a formação do leitor.

Diante disso, algumas questões podem ser levantadas: como é o processo de alfabetização escolar? Existe familiaridade entre o aluno e o livro? Como os textos, literários ou não, são apresentados às crianças? Quem é o professor que ensina a ler? Qual a sua formação? Ele tem acesso à capacitação durante sua vida profissional? Com que frequência? As instituições escolares procuram incentivá-lo à autoformação? Esse mestre gosta de ler? Tem tempo para isso? Como é avaliado pelos seus pares e pela sociedade na qual está

inserido? Somente o professor de Língua Portuguesa é o responsável pela leitura e sua instrumentalização?

De acordo com a realidade brasileira, sabe-se que aqueles que se dedicam a ensinar geralmente têm dupla ou tripla jornada de trabalho a fim de promoverem um sustento razoável para si e para os seus. Isso implica consequências muito significativas para esta pesquisa, que, apesar da sua importância, não serão todas analisadas, mas podem servir como sugestões a outros trabalhos sobre o tema. Primeiro: como o professor trabalha em duas ou três escolas, públicas ou privadas, dificilmente consegue de seus superiores uma licença, uma compensação de horário para se dedicar à sua formação (às vezes por causa do contrato de trabalho, por não ter quem o substitua ou pelo calendário escolar ser diferente entre uma escola e outra).

Segundo: o ônus empregado em cursos dessa natureza, geralmente bastante elevado, nem sempre oferece bolsas de estudos ou qualquer outra forma de investimento para compensar os gastos. Muitas vezes, os mesmos são gratuitos, porém distantes, o que implica gastos com transporte, estadia, alimentação, material teórico, livros, fotocópias, entre outros, que encarecem tais atividades.

Terceiro: a ausência de tempo. Sabe-se que os órgãos diretivos no sistema educacional brasileiro avaliam o professor pelo resultado de sua produção, isto é, impõem o cumprimento dos conteúdos, aprovação da maioria dos educandos de classes numerosas, além de avaliações nacionais para satisfazer políticas de governo que necessitam atingir metas impostas pelos organismos internacionais de desenvolvimento.

Outra exigência é feita pelo próprio processo de formação: não se deve negar a importância de uma pesquisa, de um trabalho, de uma experiência a ser publicada nos meios específicos para a divulgação científica. Essa é a forma como o conhecimento é difundido no espaço e no tempo, proporcionando novo aprendizado e troca de experiências que contribuem para a melhoria da educação. Também os órgãos de fomento pecam pelo excesso: a ânsia pela publicação tem promovido muito material de pouca ou de qualidade questionável. Isso é o reflexo das causas apresentadas anteriormente.

Ainda, não menos relevante, é o julgamento que a sociedade faz do professor. Segundo as notícias divulgadas em todas as mídias, há uma inversão de valores daqueles que deveriam ter a responsabilidade da educação, aprendida na família, desde os primeiros momentos de vida. Em função das múltiplas atividades que os pais desempenham atualmente, foi atribuída ao docente mais essa tarefa. A informação e a formação de um processo cognitivo, que deveriam ser desenvolvidas nas salas de aula, muitas vezes dão lugar a atividades relacionadas ao

comportamento, à ética, à moral, à sexualidade. E ainda os docentes são qualificados como alienados, relapsos, meros prestadores de serviços.

Diante disso, é comum verificar-se que a procura por cursos de formação de professores está em franca decadência. Dados anuais do Censo Escolar, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2016), mostram que há um crescente número de instituições públicas e particulares oferecendo cursos de formação de docentes, mas a procura por eles é cada vez menor, resultado dos motivos apresentados anteriormente aos quais somam-se, ainda, a baixa remuneração, a violência, a perda do *status* entre outros.

O contato com os profissionais da educação, particularmente aqueles que atuam na sala de aula, revela um cenário muito preocupante. Talvez os desmandos ocorridos ao longo desses anos, que serão explicitados nos capítulos seguintes, fizeram o professor perder o encantamento na execução do seu trabalho. Poucos são os que se referem à atividade escolar com entusiasmo, acreditando que podem fazer a diferença na vida de tantas crianças iniciantes na vida estudantil. Forma-se, assim, um círculo vicioso: um docente apático vai gerar alunos desmotivados e sem interesse. É preciso, então, promover todo tipo de atividade que possa despertar e restabelecer um encontro mais prazeroso entre tais indivíduos.

Por isso esta pesquisa teve como objetivo primordial apresentar o ensino da leitura de forma lúdica e sedutora e, conseqüentemente, estimular a formação do leitor, e como objetivos específicos: criar um Manual de Atividades; oferecer um curso aplicando as atividades do Manual; realizar uma exposição dos trabalhos realizados no curso e divulgar os resultados em eventos científicos. Optou-se pelos alunos do Ensino Normal, nível médio, uma vez que eles serão os primeiros mediadores, na esfera escolar, entre o mundo mágico das palavras e a criança. A proposta é rever os processos de letramento, aprimorando as técnicas e recepção do texto, oferecendo um material simples, objetivo, fruto da pesquisa e também da experiência da pesquisadora e de sua orientadora, desenvolvido e compilado ao longo de anos em sala de aula, numa tentativa de auxiliar a resolução do problema: *como promover, principalmente quanto aos professores, o interesse pela formação do leitor?*

Após a formatação de um material específico, foi oferecido aos alunos do Colégio Cristo Rei, de Cornélio Procópio-PR, Ensino Normal, um curso semipresencial, detalhado nos próximos capítulos, com a aplicação do referido Manual. Durante a realização dos encontros presenciais, foi possível observar que os alunos desconheciam as teorias oferecidas, ficando evidente a necessidade de atividades desse teor.

Para investigação e promoção de leituras que possam apresentar mais consistência ao leitor, é necessário o conhecimento de obras narrativas e poéticas. O *corpus* do estudo foi formado por escritores de ficção como João Carlos Marinho, Miguel Sanches Neto, Graciliano Ramos e Rodrigo Garcia Lopes, dando-se ênfase aos gêneros histórico e policial, e a temas de denúncia social. Já na poesia foram consultados: João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, José Paulo Paes, Roseana Murray, Ruth Rocha, Elias José, Bartolomeu Campos de Queirós, Fenando Pessoa, entre outros.

Uma preocupação da pesquisadora foi evitar que tais obras fossem meramente utilizadas para ensinar conceitos ou até pretexto para explicitar conteúdos de outras disciplinas. Assim, a partir de leituras propostas no manual, foi realizada uma atividade com técnicas expostas no *Guia de Atividades*, produto final que será apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Londrina, incentivando os cursistas a criarem outras possibilidades de trabalhar o mesmo texto. Dessa forma, o estudo foi caracterizado como descritivo, bibliográfico e interventivo com uma revisão das publicações mais importantes sobre os assuntos, abordados no trabalho: formação do leitor, romances histórico e policial, literatura infantojuvenil e poesia.

Muitas são as teorias sobre tais temas por isso optou-se, como suporte teórico, Bajard (2007), Campos (1999), Ceccantini e Pereira (2008). Para a abordagem da classificação do romance como histórico ou policial foram consultados Esteves (2010), Hutcheon (1991) e Massi (2011). Sob a égide de Literatura infantojuvenil, Coelho (1987), Zilbermann (1982) e Rezende (1993). Finalmente, para o estudo sobre poesia foram focados Gebara (2011), Pinheiro (2000) e Altenfelder (2004). Especificamente para o curso, foram consultadas as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (2008), Cosson (2009), Bordini e Aguiar (1988).

Uma explicação deve ser feita: a pesquisadora tem 40 anos de magistério, efetivamente em sala de aula, iniciando sua vida profissional na pré-escola, nos anos de 1970 e nos cursos superiores até a presente data, passando por diferentes realidades: das salas multisseriadas das escolas rurais, do Ensino Fundamental aos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, como professora de Literatura e de Produção de Texto. Por isso, quando há longos trechos, muitas observações, informações, referências que aparecem sem citação de fontes, são consequências dessa experiência o que resultou num repertório, numa “biblioteca” – tomando emprestados vocábulo e ideia da crítica francesa Samoyault, ao discorrer sobre intertextualidade. São as vozes de incontáveis leituras exigidas pela práxis que falam.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: uma visão geral, na Introdução; no primeiro capítulo, uma revisão de conceitos sobre a formação do leitor, leitura e literatura infantojuvenil no Ensino Médio; o segundo capítulo trata da contextualização, características e teorias do romance histórico, do policial e da poesia. O terceiro capítulo faz a apresentação do manual criado, do curso realizado e a análise dos trabalhos realizados pelos cursistas. Nas considerações finais, estão os resultados obtidos durante o estudo. Assim, abrem-se as cortinas para *A Cartola Mágica das palavras*: o encantamento na formação do leitor.

1 AS PRIMEIRAS VARINHAS DE CONDÃO

Ler é desvendar o mundo
(Zenaide A. Negrão)

Parafrazeando a frase “Escrever é desvendar o mundo,” da escritora francesa Simone de Beauvoir, o ato da escritura está intrinsecamente ligado à leitura. Há, assim, uma revelação de todas as impressões recebidas pelo inconsciente, a floradas no momento em que se concretiza a linguagem, seja por meio da leitura seja pela escrita. “O mundo real existe revestido pelo mundo da linguagem”, já afirmou Coelho (2008, p. 213). Vale lembrar que são múltiplas as linguagens, identificando diferentes grupos sociais, e as experiências e os saberes se concretizam por meio da palavra oral ou escrita. Atualmente, apesar de haver um predomínio da imagem sobre o escrito, das novas tecnologias chamarem a atenção mais que um livro, a redescoberta de caminhos que conduzem à compreensão do mundo circundante é mais do que necessária, uma vez que não se pode perder a oportunidade de se aproveitar a atração que a varinha mágica chamada *Internet* proporciona aos pequenos.

Antes, porém, a criança deve ser exposta às diversas formas de arte, desde a vida intrauterina. Desse modo, o seu primeiro contato com o mundo do imaginário ocorre por meio de vozes conhecidas. A cantiga de ninar, uma historinha lida, inventada, contada pelos familiares é o início da formação do leitor. “Nossa formação leitora tem início nas canções de ninar que, bebês ainda, nos acalentam o sono”, esclarece Aguiar (2011, p. 109). Imagina-se que toda ação para o desvelamento da palavra seja realizada num momento prazeroso, proporcionando o desenvolvimento oral e cognitivo necessário para o crescimento dos infantes.

Contudo, é preciso cuidado porque “não podemos confundir a capacidade de escutar um texto com o ato de ler” (BAJARD, 2007, p. 12). Este é um ato que requer aprendizado, não sendo inerente ao ser humano como respirar, dormir, ter fome, sede e sono. Logo, requer atenção constante em cada etapa, visando a um resultado satisfatório e aquele que está iniciando a criança no mundo da leitura deve estar sempre atento, dando-lhe a oportunidade de brincar com o livro, por meio dos sentidos (tocar, cheirar, olhar, ouvir); deve chamar sua atenção para o tipo das letras, instigar a sua curiosidade sobre o significado delas; estabelecer comparações entre as cores.

[...] ensinar a ler não é tão somente ensinar a decodificar a escrita. É, acima de tudo, ensinar a ler tudo, inclusive o que o texto sugere, segundo as experiências de alunos e professores, pois o professor também deveria entrar, no processo de ensino de leitura e interpretação de textos, com suas experiências de mundo e de leitura, favorecendo, com isso, a ampliação dos horizontes de leitura de seus alunos e, por recompensa e como acréscimo, esse professor veria o próprio universo de seu conhecimento ampliado pela visão nova, pela curiosidade instigante daqueles aos quais julga estar ensinando. Todos somos aprendizes e nada nos impede de aprender com nossas crianças (LIMA-HERNANDES, 2002, p. 14-15).

Os órgãos ligados à educação, ao longo da história, sempre se preocuparam com o procedimento formativo de quem ensina e de quem aprende a ler. Da ideologia humanista, do século XIX, cujo teor impunha ao ensino da Língua Portuguesa conhecimentos principalmente da gramática normativa e da leitura de textos canônicos literários, até os dias atuais, pouco foi modificada a maneira de transmitir e aprender, apesar dos inúmeros questionamentos sobre o papel da Língua Portuguesa na escola, registrados em conferências, seminários, simpósios e tantos outros estudos publicados anualmente. Entretanto, dentre essas reflexões, vale ressaltar a importância dada ao fato de que o aluno, ao iniciar sua vida escolar, depara-se com o contraditório entre o que ele fala, ouve, revela, e o que a escola se propõe a ensinar, ou seja, ele fica entre dois mundos – o real, vivido na sua família e grupo de amigos, e a forma elitista apresentada pelo professor. Conseqüentemente, foi necessária a criação de uma pedagogia que pudesse, se não acabar, pelo menos minimizar tal distanciamento.

Assim, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assumiram que a formação de leitores e produtores de textos deveria ser um dos objetivos principais do ensino da Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 10). Uma das possibilidades foi a adoção de diferentes tipos de texto: jornalísticos, histórias em quadrinhos (HQ), charges, letras de música, entre outros, além, é claro, daqueles consagrados pela Literatura. Tal diversidade proporcionou uma reflexão sobre temáticas mais atuais, de acordo com o momento vivido pelo educando, dando-lhe a oportunidade de comparação entre épocas, gêneros e linguagens diferentes, ampliando o seu conhecimento, permitindo uma maior compreensão do mundo a sua volta. De acordo com o documento

[...] o ensino deve levar o aluno a utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos, de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1998, p. 32).

Então, o trabalho didático-pedagógico do docente está diretamente relacionado a um ensino que considere as ações sociais e cognitivas de seus alunos. Daí a importância de que ele, professor, também tenha recebido, em sua formação, ensinamentos de como escolher a metodologia mais adequada, que valorize a construção e a reconstrução de sentidos de que textos, literários ou não, possam acrescentar no momento da recepção, pois, ao selecionar um texto, deve estar preparado para aproveitar os múltiplos significados oferecidos por ele, considerando o papel formador e humanizador para a construção do repertório e da visão de mundo sua e de seus alunos.

Para alguns pesquisadores, como Soares (1998) e Rojo (2009), tal prática deverá ir além do processo da alfabetização-alfabetismo e do letramento. Este termo recente, gerador de muitas polêmicas, postula duas abordagens: uma individual, na qual o sujeito é capaz de ler e escrever o seu próprio cotidiano; outra social, isto é, a relação deste saber com o seu meio circundante. Desse modo

[...] enquanto alfabetização refere-se à aquisição do código (relação fonema-grafema), alfabetismo tem a ver com o desenvolvimento de competências individuais de leitura e escrita e, letramento é tido como competência de usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita em contextos sociais diversos (NETZEL, 2016, p. 14).

Portanto, o procedimento é muito mais complexo. Não basta saber decodificar cada letra – alfabetização; juntar consoantes e vogais, criando sílabas para formar palavras – alfabetismo; é preciso incluí-las num contexto social dos quais todos participam e se integram – letramento, ou seja, deve haver um significado conhecido e utilizado no convívio social. Isso permite que o sujeito seja capaz não apenas de formar e tecer seu próprio referencial, mas compartilhá-lo com os seus pares. No momento em que essa tessitura se concretiza pela palavra escrita, possibilita-lhe contatos com outros povos e outras civilizações. Ao estabelecer esse diálogo, ele se obriga a emitir juízos, tomar posições sobre si e sobre o outro. Logo, na constituição de significados de um texto é fundamental que o mesmo obrigue o leitor a participar dessa construção.

1.1 OS PASSOS DA BAILARINA: LEITURA-LITERATURA

Historicamente, considerando a leitura do texto escrito, percebe-se que o percurso da leitura e da literatura está ligado ao século XVIII, a partir da Revolução Industrial e da ascensão da burguesia, e o que isso representou e representa até hoje, como consequência de uma nova

economia capitalista, dando origem às antagônicas classes sociais: a burguesia e o proletariado. Outros elementos indispensáveis como a impressão do livro, a reformulação da escola e o êxodo rural, expandindo a vida urbana, também contribuíram para que a leitura se tornasse algo insubstituível.

Há um desenrolar de várias ações simultâneas para que a prática do ato da leitura se tornasse obrigatória. A escola, o processo de alfabetização e a inserção do trabalhador no mercado de trabalho impuseram, a este último, o conhecimento de um código linguístico e “a habilidade de ler e escrever como condição primeira para a ascensão social” (ZILBERMAN, 1982, p. 98). Enquanto a comunicação se fazia apenas pela oralidade, o conhecimento adquirido era igual para todos, o saber popular era predominante e isso não desvalorizava ninguém (BORDINI; AGUIAR, 1988). Ainda que a Revolução Francesa de 1789 tivesse como um dos objetivos a criação da escola para possibilitar o conhecimento das letras ao povo, numa tentativa de acabar com essa dicotomia, o mesmo não foi alcançado porque ela repercutiu a mesma ideologia burguesa, aumentando esse desequilíbrio.

Desse modo, o livro, registro da linguagem oral por meio de um código escrito, torna-se uma fonte de pesquisa mais confiável, uma vez que a oralidade pode se perder com a memória ou ser modificada à medida que passa de geração a geração, mas o seu uso, desde o princípio, ficou restrito àqueles que detinham o poder na sociedade. Isso significa que quem sabia ler – os cultos – dominava os incultos.

Toda representação mental, independente da linguagem ser oral ou não verbal, é reflexo do meio em que foi gerada. No texto escrito, principalmente, é impossível uma total isenção das ideias, isso porque o próprio autor é resultado das circunstâncias no momento em que escreve. Assim, o livro passa a ser a principal ferramenta dessa nova forma de dominação, pois é reconhecido por todos que

[...] “a literatura para crianças e jovens tem desempenhado um papel predominantemente pedagógico, desde o século XVIII, quando da sua constituição em forma de comunicação escrita dirigida por um adulto a uma criança (PERROTTI, 1986, p. 27).

A impressão do livro unido ao papel da escola “expressam através de valores universais os interesses da burguesia” (FARIA, 1984, p.71) evidenciando, assim, a importância desses dois elementos dominadores: o adulto e o caráter pedagógico. A desigualdade social já era então perceptível, pois para os ricos havia a possibilidade de escolas particulares (sobretudo as religiosas) conhecidos internatos – distintos pelos gêneros, aos quais eram enviados os filhos,

para se tornarem grandes advogados e fazendeiros; e as filhas, para aprenderem as prendas domésticas, o canto, a tocar piano e, tempos mais tarde, a profissão de professora, visto que esta era a extensão de suas tarefas, em especial a maternidade. Aos mais pobres restavam duas alternativas: ou os pais não os enviavam à escola porque precisavam de seu trabalho, geralmente na lavoura; ou frequentavam alguns anos apenas para aprender as “primeiras letras”. Mesmo com a obrigatoriedade imposta pelo Estado, minimizando o trabalho infantil, não diminuiu essa diferença, uma vez que tais crianças eram direcionadas para o mundo do trabalho, prática presente até hoje. Em todos os níveis da educação formal, preparava-se o estudante para o emprego, dando ao trabalho, na maioria das vezes, uma conotação de sacrifício, de dificuldade e a única possibilidade de ascensão social.

No final do século XIX, o Brasil é despertado por acontecimentos históricos como a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República. Sai da sua condição de colonizado para entrar na era da modernização. Abre-se ao velho continente e recebe levas de imigrantes com experiências nessa forma de escolarização. A influência dessas pessoas obriga os detentores de poder a repensar a sociedade brasileira e tudo o que havia sido assimilado da cultura portuguesa. Surgem, então, dois tipos de literatura – a moralista, ufanista, indicando quais as qualidades deveriam ser cultivadas, exaltando por exemplo, o dever cívico de servir a pátria, proposta por Olavo Bilac; e por outro lado, a literatura de denúncia social, expondo as mazelas tanto do meio urbano quanto do rural, magnificamente descritas por escritores como Lima Barreto, Machado de Assis e Euclides da Cunha.

O Modernismo, a partir de 1920, realiza uma mudança mais profunda. O engajamento da intelectualidade e das massas populares, exigindo mais liberdade e direitos ao cidadão, provoca o presidente Getúlio Vargas que instaura um período ditatorial no país. A cultura fica, então, sob o poder do Estado.

Anos mais tarde, em 1964, a história se repete e o regime militar determina censura às produções culturais brasileiras. Nesses governos, impõe-se à escola o papel de porta-voz do autoritarismo, dando ênfase a obras que exaltassem o sistema, no primeiro, até a criação de disciplinas que reforçassem o poder do Estado, como Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), no segundo. A repressão impediu qualquer tentativa de promover a formação de leitores mais críticos, o que deu amplidão ao que Lucas (1985, p. 18-19) explica como “a dependência do sistema imperialista” que não se impõe à força, mas disfarçadamente domina as consciências.

[...] o mecanismo desse processo, que gera uma violência disfarçada, diluída e dificilmente conscientizada, é produto da “indústria da cultura”, forma superior

do imperialismo, fornecedora de bens imateriais que, além de cumprir função própria, homologa a dominação material (LUCAS, 1985, p. 18-19).

Além disso, a época também foi marcada pelo capitalismo multinacional e pela expansão dos meios de comunicação, dando origem ao que Lipovetsky e Serroy (2011, p. 11) denominaram “hipercultura universal”, uma cultura relativista, excessivamente cultivada pelos meios midiáticos, “que não reflete o mundo, mas o constitui, o engendra, o modela, e isso de maneira planetária”, disseminando massivamente qualquer forma de produção. Aparentemente, tal massificação deveria resultar em algo positivo, visto que ao ser amplamente difundida pelas mídias coloca o conhecimento ao alcance de todos – repetição dos objetivos da Revolução Francesa? Um simples toque na tela de um computador ou de um *smartphone* abre inúmeras possibilidades de acesso aos mais diferentes assuntos, transformando-os em fonte de entretenimento. Porém, essa efemeridade impede a reflexão, a crítica e uma vez mais é preciso cuidado, porque há outras formas de linguagem que necessitam ser desvendadas. São essas descobertas que impedem o homem de perder sua sensibilidade e, dentre elas, a leitura que, por meio do diálogo iniciado entre texto e leitor, restabelece a subjetividade, “desvela-se a complexidade humana representada na ficção” (CAMPOS, 1999, p. 12).

O ensino da leitura-literatura deve levar em conta três elementos fundamentais: “o sujeito leitor, os textos e obras e a ação do professor” (HOUXEL, 2013, p. 20), lembrando que o próprio mestre é um leitor que não pode ter uma interpretação acabada, imutável, o que impediria que seu educando se arriscasse a novas descobertas de sentido.

Na formação do pequeno aprendiz, entretanto, a linguagem literária deve estar sempre presente. Como já foram evidenciadas, as cantigas de ninar, as histórias contadas formadoras de seu primeiro repertório despertam também o imaginário e a criança começa a construir mundos, a sentir, a refletir, a comparar o que ouve com o que vivencia no seu dia a dia, por meio da palavra. Cada uma delas, então, vai adquirindo significados novos, e ela, tal como uma esponja, absorve os diversos conhecimentos de maneira prazerosa, penetrando nesse “reino encantado” e percebe que tudo pode ser transformado. Ressalte-se que tudo pode representar várias coisas.

Essa parece ser uma das principais diferenças entre o que se entende por texto literário e aquele não literário. Este não possibilita qualquer inferência por parte do leitor, está acabado, é rigidamente escrito dentro das normas propostas pelo autor e pelo meio que ele representa, não tem múltiplos significados. Ao contrário, a polissemia encontrada na literatura

[...] é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor; sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 15).

Abramovich (1991), em seu livro *Literatura Infantil – gostosuras e bobices*, faz um relato emocionante da sua aventura pelo mundo mágico das palavras. Para ela, o eco das palavras da mãe, todas as noites antes de dormir, repercutiram pela vida afora, transformando-a não apenas em uma ávida leitora como também em escritora. Por isso a escolha da obra fará toda a diferença no início do rito de passagem da compreensão oral para a leitura escrita.

1.2 OS SALTOS DO TRAPEZISTA: LEITURA-LITERATURA-ESCOLA

A sociedade contemporânea passou – e passa – por consideráveis transformações nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, em decorrência do acelerado processo de industrialização, da globalização, da inevitável difusão da cultura de massa pelos meios midiáticos. A consequência natural provocada por tais mudanças é a urgência com que o ser humano necessita ter sempre mais coisas.

Tal reflexo pode ser observado na família e também na escola. A sobrevivência dentro desse mundo consumista obriga os pais a permanecerem muito mais tempo no trabalho, diminuindo o tempo que deveria ser destinado à educação e à formação de laços afetivos com os filhos que, são encaminhados a espaços de convivência muito próximos daquilo que conhecerão, mais tarde, como escola. Creches, “escolinhas”, “hoteizinhos” espalham-se pelas cidades para atender a um número cada vez maior de bebês que ficam sob a guarda de pessoas às quais os pais transferem a sua obrigação de educar. Não se vai discutir o mérito dessa questão. O interesse pelo assunto está relacionado ao fato de que é muito comum que uma das atividades desenvolvidas pelas “tias”, nesses espaços, é justamente a leitura ou a contação de histórias aos pequenos. A consequência disso é que a criança, ao ingressar nas séries mais avançadas para o seu processo de alfabetização e letramento, já tem um bom convívio com os livros, um repertório de narrativas, de poesias, até mesmo algum conhecimento de certas habilidades com a escrita, favorecendo o encontro com a obra literária. Porém, duas questões devem ser respondidas, pensando-se na formação integral dessa pessoa nesse momento de iniciação: como e que tipo de leitura é apresentada à criança?

O paradigma inicial da Lei no. 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) previa uma resignificação sobre a forma como deveriam ser propostos os novos

conteúdos curriculares, dando-se ênfase ao processo de produzir aprendizagem gerando competências nos alunos. Logo, Mello (2000, p. 2) ao analisar a reforma postulada pela referida Lei, mostra que historicamente a divisão existente entre “professor polivalente e o especialista” distinguia-se na formação dos mesmos – um de nível médio e o outro de nível superior. E mesmo quando se exigiu que o docente das séries iniciais também tivesse curso superior, a procura recaiu sobre os cursos de Pedagogia, nas Faculdades de Educação. Segundo ela, houve um distanciamento nessa formação e o resultado foi um profissional com um conhecimento vasto, porém sem consistência de conteúdo e mesmo os alunos egressos dos cursos de Ensino Médio, interessados em lecionar para as séries iniciais, quando ingressavam no curso superior, não recebiam de forma mais reflexiva os “conteúdos ou objetos de ensino” que lhes permitiriam ensinar futuramente.

[...] Não é justificável que um jovem recém-saído do ensino médio possa preparar-se para ser professor de primeira a quarta série em um curso que não aprofunda nem amplia os conhecimentos previstos para serem transmitidos no início do Ensino Fundamental. Nem é aceitável a alegação de que os cursos de licenciatura “não sabem” ou “não têm vocação” para preparar professores de crianças pequenas (MELLO, 2000, p. 2).

Não será feita uma discussão sobre o Ensino Superior, isto é assunto para outra pesquisa, o foco são os “jovens recém-saídos do ensino médio” porque a práxis no cotidiano, as relações estabelecidas com outros mestres formadores desses futuros docentes inquietam esta pesquisadora há muito tempo, e isso se tornou o objetivo do presente trabalho, uma vez que a relação muito próxima entre leitor/leitura, em especial a literária, passa pelo professor e seus leitores-mirins. Como abordado anteriormente, a leitura requer aprendizado – logo há uma relação estreita com a escola - e ao acrescentar-lhe o adjetivo “literária”, valoriza-se uma modalidade específica de texto oral ou verbal cuja finalidade é despertar o mundo da fantasia, o mundo imaginário concebido pelos autores, diferenciando-se de outros textos pragmáticos dos quais a escola também se utiliza, porque,

[...] os textos, na sua singularidade, requerem atitudes diferentes e exclusivas por parte do leitor. As pessoas não se comportam da mesma maneira perante uma poesia e uma notícia no jornal impresso ou diante de um folheto de propaganda e de um manual didático (PAULINO et al., 2001, p. 6).

Logo, chega-se à conclusão sobre a quem cabe fazer a interação entre o que se propõe como leitura aos iniciantes desse processo: o professor. Surge, então, a necessidade de que esse docente seja, em primeiro lugar, um amante da leitura e, como mediador, que tenha amplos

conhecimentos sobre a Literatura Infantil. As escolas, geralmente, têm um bom acervo em suas bibliotecas, mas só isso não basta: é necessária atenção aos excessos (provocados pelas normas estabelecidas em grades curriculares), aos materiais (geralmente livros didáticos distribuídos pelos órgãos governamentais), para que não impeçam a criação de leitores proficientes. É preciso que o mestre saiba como usar os livros. Não basta entregar uma obra para a criança. É fundamental despertar-lhe a curiosidade, a começar pelo tamanho do livro, capa, letras, ilustrações, cores, traços, incitando a adivinhação sobre o conteúdo.

Requer dele, docente, uma boa fundamentação teórica e metodológica que lhe permita mais profundidade em suas próprias leituras, sabendo escolher uma obra a ser indicada aos alunos. Que haja, portanto, um plano de trabalho. A “aula” de leitura deve ser antecipadamente preparada, com objetivos e metodologia. Após o contato com o texto, o resultado não pode ser apenas as respostas a um questionário, o preenchimento de “fichas de leitura”, geralmente propostas nos livros didáticos. É preciso dar espaço para que a criança se manifeste, coloque-se frente ao que leu. Não se pode esquecer que a leitura envolve dois mundos diferenciados: a visão do autor e o mundo circundante dos pequenos. Se a realidade exposta na obra, mesmo que fantástica, for condizente com a sua vivência, isso lhe dará um imenso prazer, pois é natural que, nesse processo de encantamento, ela se coloque no papel da personagem.

Por isso o professor precisa estar atento aos interesses dos infantes. “O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 19), ou seja, daquilo que para ele faça sentido, circunscrito aos limites de seu círculo social. Logo, se a leitura representar sempre a sugestão do mestre, além da sua rígida interpretação do texto, o aluno terá pouca chance de se tornar um leitor autônomo e crítico, além de desmotivá-lo para outros textos.

Vários são os fatores que interferem nesses interesses: a idade, o sexo, o nível socioeconômico, o lugar de residência, a exposição aos meios de comunicação e ao letramento tecnológico. Conhecendo esses dados, o professor tem mais subsídios para traçar o seu planejamento, gradativamente propondo leituras mais profundas, estabelecendo intercâmbios com outras áreas culturais, e trabalhando a interdisciplinaridade com seus colegas. Essa é uma maneira de evitar o conceito arraigado durante décadas de que escola-professor apresentam títulos inócuos. Na fala de Pedrinho, personagem de Monteiro Lobato, percebe-se essa crítica:

[...] Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro... (LOBATO, 1956, p. 199).

A expressão da personagem de Monteiro Lobato revela uma realidade vivenciada nas décadas iniciais do século XX, no Brasil, mas não muito diferente do que acontece nos dias atuais. São comuns as declarações dos alunos de que não gostam de ler porque o texto é chato e não desperta interesse. Logo, se não houver o cuidado na oferta e apresentação da obra, provavelmente não ocorrerá a criatividade de interpretação que a literatura, em especial a infantojuvenil, oferece ao leitor. A criação de um texto literário concebido pelo homem é reflexo da própria vida e como tal é complexa, fascinante, misteriosa. De acordo com a evolução ao longo dos tempos, as relações entre leitor/obra mudam os conceitos desses elementos ora priorizando um ora outro, assim como a “função” que o mesmo deve ter. Atualmente, acredita-se que a recepção deve proporcionar o diálogo entre ambos e “para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor” (COELHO, 1987, p. 12-13).

Portanto, há que se lembrar que a leitura do texto literário não deve ficar “engessada” às normas, principalmente estéticas, que o classificam como tal. Conhecer os elementos estruturantes de uma obra é importante para uma boa recepção, mas é preciso do algo a mais que os estudiosos da formação do leitor chamam de “educação literária mais complexa” (PINTO, 2014, p. 125), ampliando a visão do leitor até o ponto de perceber a pluralidade de significados não se esgotando em si mesmos. A cada nova leitura, em diferentes épocas da vida, o bom texto dará uma nova interpretação. E como afirma Nunes (1988, p. 22): “eu sou leitora, logo eu participo intimamente desse jogo maravilhoso que é o livro: eu sou leitora, logo, eu crio”.

1.3 NO CIRCO DA VIDA, DE EMÍLIAS E PEDRINHOS TODOS TÊM UM POUCO

Estudiosos, com destaque para Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho e Alice Áurea Penteadó Martha dedicaram-se à história da literatura infantojuvenil e seus autores. Dada à quantidade de trabalhos encontrados e a necessidade desta pesquisa ser mais concisa, nos anexos há uma lista de *sugestões de leitura* sobre tais temas. Mas é imprescindível uma referência a Monteiro Lobato, considerado o “pai” da literatura infantil no país.

Até 1920, ano da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, cujo título foi alterado em 1921 para *Narizinho Arrebitado* (MARTHA, 2008, p. 11), a literatura destinada aos infantes era a tradução de contos de fada, gênero que teve na literatura oral seu nascimento, numa época em que não se fazia diferença entre criança e adulto e cujo objetivo era propagar

as virtudes apresentando sempre o dualismo bom versus mau. Os bonzinhos aceitavam com resignação os ensinamentos propostos para a sociedade de então e recebiam prêmios por isso, e mesmo com a ascensão da criança, com o advento da burguesia, como elemento que merecia atenção mais acurada, ainda assim a ideologia permaneceu dando ênfase a não discutir o que lhe era determinado. Daí que, mesmo anos mais tarde, os autores ainda escreviam livros nos quais ficava evidente que criança boazinha e bem educada não devia fazer barulho, nem fazer muitas perguntas, além de sair de perto dos adultos quando estes estivessem conversando.

A voz aos pequenos foi dada, na literatura brasileira, por Monteiro Lobato, que valorizava sobremaneira o poder da imaginação infantil. A transformação da boneca Emília em um ser que fala, pensa e age é muito mais que mexer com a possibilidade de que o imaginário da criança concordasse com esses procedimentos. Foi a solução encontrada para fazer a transposição de voz do elemento humano, uma vez que Narizinho ainda retratava o protótipo descrito acima. É com a Emília e outros seres falantes do Sítio do Picapau Amarelo que as gerações seguintes são formadas dentro de uma nova visão de comportamento.

Outra grande invenção de Lobato foi a valorização do que é nacional de uma forma realista, sem o ufanismo nem a crítica severa de autores de momentos anteriores da história literária brasileira: se a terra não é o paraíso saudoso e idílico de Gonçalves Dias, também não é a depauperada, dominada por formigas, vista por Lima Barreto. Se o Sítio do Picapau Amarelo não tem boa terra para a agricultura, seu espaço se transforma num cenário de magia para o qual convergem pessoas e animais reais e imaginários, saídos de outras histórias, tornando-se um polo cultural, profetizando a tendência ao turismo ecológico que tantas fazendas improdutivas adotaram, nas últimas décadas do século XX e iniciais do XXI.

Leitores de Lobato transformaram-se em grandes escritores da literatura infantil brasileira. Lygia Bojunga Nunes (1988), ganhadora do prêmio Hans Christian Andersen, considerado o “Nobel” da literatura infantil, em 1982, não nega que, como assídua leitora das obras dele, sofreu uma enorme influência em tudo o que escreve. Em seus livros são percebidos, além da constituição das personagens femininas muito próximos à Emília, a linguagem lobatiana. E outros muitos caminham na mesma esteira. Só para citar alguns, vale a pena lembrar João Carlos Marinho, Maurício de Souza e Ziraldo Alves Pinto.

Por que existe uma estreita ligação desses autores com a obra de Lobato, é preciso observar como foram criadas algumas de suas personagens. Em *A bolsa Amarela* (NUNES, 1987), a autora cria Raquel, uma menina com aproximadamente dez anos numa família de adultos que não têm tempo para dar atenção a ela. Isso lhe provoca três “vontades”: ser grande, ser homem e ser escritora. Num processo metalinguístico, a última “vontade” acontece

naturalmente, sem o seu conhecimento. Primeiro, por meio de cartas e da criação de personagens inventadas para dar vazão à sua necessidade de afeto e companheirismo, transformando-as em suas confidentes. A escritura de um romance, “a coisa mais inventada do mundo” provoca-lhe nova decepção com os adultos: “eles não estavam só rindo da minha história: tavam rindo de mim também e das coisas que eu pensava”, [...] “se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim” (NUNES, 1987, p. 20).

Outras personagens são introduzidas na narrativa como animais antropomorfizados e cada uma tem uma história, reflexo das vontades de Raquel ou da sua visão de mundo: as alegrias, as tristezas, a insatisfação consigo mesma, com o mundo, com os adultos, com os sistemas impregnados da ideologia que, por intermédio da linguagem infantil, desvela, com muito lirismo, o pensamento da criança. “o homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda chuva mulher tinha que ter curva” (NUNES, 1987, p. 49). E *A bolsa amarela* é um diálogo constante com o leitor, sem a segregação de faixa etária, sexo ou quaisquer outros pré-conceitos, geralmente os classificatórios de literatura infantil como um gênero menor.

Ziraldo Alves Pinto e Maurício de Sousa também afirmam terem sido leitores de Monteiro Lobato. Ambos têm em comum, além da palavra escrita, a imagem, a ilustração de suas criações. Para um leitor com uma biblioteca interior mais acurada, é impossível não estabelecer parâmetros entre Maluquinho/Julietta, personagens de *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo (1980), e Pedrinho/Emília, de *A menina do narizinho arrebitado* (1920), obra escrita por Monteiro Lobato. Com *Uma professora muito maluquinha* (1955), a narrativa é apresentada pelos seus narradores Athos, Porthos, Aramis e Dartagnan, ex-alunos da Professora Maluquinha, numa referência aos *Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, recurso também utilizado por Lobato ao colocar personagens da história da literatura universal em seus livros para crianças brasileiras.

Maurício de Souza, ao criar a *Mônica*, em 1963, como companheira de Cebolinha, nas tiras do jornal *Folha de São Paulo*, não imaginava que ela se transformaria na preferida do público, não apenas infantil, a ponto de sua invenção requerer uma revista só para ela. Segundo o autor, a personagem foi inspirada em sua filha homônima, ao observá-la enquanto brincava com as irmãs, colocando as características físicas – dentuça, baixinha, gordinha – caricatamente transpostas para a ficção. A independência de ser e agir de Mônica, a aproxima de Emília, e a linguagem usada por ela, tão ao gosto dos pequenos, identifica-a com as personagens, da mesma forma que aproximava os leitores de Lobato.

“Ninguém toca nesse gordo! Covardes são vocês! Ele é doente, ouvi o professor dizer”. Assim, João Carlos Marinho (1969, p. 61) apresenta sua personagem feminina, Berenice, da obra *O gênio do Crime*. Inicialmente, ela é a única mulher da Turma do Gordo, uma série de livros de aventura, envolvendo marginais, policiais e detetives, turma formada por um grupo de crianças entre dez/doze anos, em idade escolar, na cidade grande. Apesar de viver em espaços opostos, uma no campo e outra na cidade, do momento presente estar recheado de tecnologias, Berenice é a Emília contemporânea. É a surpresa que encanta os adultos em cada novo conceito formulado pela criança. “Vou *te aprender* um negócio: um detetive, por mais que disfarce, carrega seu *detetivismo* até na maneira de soar o nariz ou então manteiga não chama manteiga e chama Atlas Geográfico Universal” (MARINHO, 1969, p. 63; grifos da pesquisadora). É a personificação da autonomia: “Ótimo. Vamos descobrir juntos o crime e depois eu fico tua namorada, tá?” (MARINHO, 1969, p. 64). Persistente, perspicaz, persuasiva: nada melhor para defini-la.

Muitos outros autores evidenciam a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantojuvenil brasileira e para a criação de suas próprias obras. Além dos já citados, é impossível não perceber a influência lobatiana em Sylvia Orthof, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira, dentre outros. A partir da década de 1970, houve uma enorme preocupação com a leitura, mobilizando vários setores da sociedade: autores, livreiros, editoras, professores e instituições acadêmicas voltaram-se para o problema, organizando várias ações para melhorar a relação leitor-livro. Cursos em todos os níveis educacionais foram ofertados no país, assim como feiras do livro, encontros entre autor-leitor. Também os meios de comunicação, especialmente a TV, adaptaram obras consagradas não só infantis, mas também a literatura de adulto, no intuito de ampliar o conhecimento da população.

Bienais, festivais, feiras, mostras de livros se espalham pela terra verde e amarela. É muito bom saber que o número de leitores aumentou consideravelmente nos últimos anos (NOGUEIRA, 2016), (MELLO, 2016) e isso proporciona um imenso prazer a todos aqueles que estão ligados, direta ou indiretamente, a esse resultado. Porém ainda é pouco. Num país de cultura diversificada, de extensão continental, de desigualdade social tão acentuada é imprescindível que toda sociedade se mobilize, que valorize mais o papel do educador, que este tenha acesso a uma formação continuada para melhor desempenhar o papel mágico que desperta o brilho nos olhos e o encantamento desses aprendizes em construção.

2 NO PICADEIRO... HERÓIS, MELIANTES, POLICIAIS

“Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã”
(Carlos Drummond de Andrade)

Uma inquietação constante da pesquisadora, ao longo de suas atividades como professora, é como reinventar a mesma situação de ensino e aprendizagem, a tal ponto que seus alunos possam (re)descobrir a capacidade leitora de maneira mais lúdica, mais sensível e criativa. Trava-se aí a “luta mais vã” da qual fala o poeta, uma vez que é imperativo estabelecer uma dialética entre o silêncio e a palavra que instiga a sua decodificação e o seu significado. Sabe-se que para se decifrar o enigma da palavra escrita é necessário mais que a compreensão de unir vogais e consoantes. Vários são os fatores que devem ser levados em conta, no momento da alfabetização, a fim de estimular a leitura: a surpresa ao descobrir o sentido daquela letra, a alegria de “contar” aos pais que já sabe como escrever seu nome, a leitura em voz alta das primeiras palavras dos letreiros na fachada de casas comerciais, a identificação da marca do carro da família, por um único vocábulo. Além disso, se a criança tiver como espelho o seu próprio mestre, ela desejará continuar lendo uma obra pelo brilho que vê nos olhos dele. Assim

[...] Considerando que o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo em que sujeitos desejanter encontram nela uma possibilidade de interlocução com o mundo, espera-se que o professor seja um agente fundamental na mediação entre alunos e suportes textuais, um impulsionador e guia, no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida (SANTOS; SOUZA, 2004, p. 81).

Mas para que esse docente seja tal “impulsionador e guia” deve receber ao longo de sua formação, vários conhecimentos teóricos e práticos sobre como ensinar leitura da obra literária. Para isso, é fundamental que tenha contato com as características que diferenciam os textos literários dos demais gêneros. Que conheça uma narrativa histórica tradicional para conseguir diferenciá-la da contemporânea, o que é desconstrução do romance pós-moderno, como se caracterizam os romances policiais, por que o jeito de escrever e ler poesia é diferente do da prosa. Como o objetivo desta pesquisa é oferecer aos educadores um material acessível para suas consultas, serão apresentados algumas teorias, sem a mínima pretensão de explorar um tema tão amplo e com tantos estudos realizados, por isso as sugestões de leitura, no final deste trabalho.

2.1 O DOMADOR DE CHAPEUZINHO VERMELHO... AMARELOU

A partir da metade do século XX, ocorreram muitas alterações em todos setores da vida humana que implicaram consequências drásticas nas relações sociais, na práxis e na cultura. Duas guerras mundiais, a diáspora provocada pela guerra fria entre Estados Unidos da América e Rússia (na época U.R.S.S.), o avanço das tecnologias e dos meios de comunicação, que, juntamente com a ampliação do capitalismo, transformaram os países em uma aldeia global, assim denominados por McLuhan na década de 1960.

É consenso entre os pesquisadores que, principalmente as duas últimas causas, apontadas anteriormente, têm uma consequência direta sobre arte, linguagem e literatura:

[...] A explosão dos meios de comunicação de uma forma nunca vista na História, bem como a globalização do sistema econômico, trouxeram consequências que incidem inevitavelmente não somente sobre o papel da arte na sociedade contemporânea, como também sobre a função da linguagem e a natureza da literatura (FERNANDES, 2010, p. 45).

A mesma pesquisadora afirma, ainda, que tudo o que foi criado após a segunda metade do século vinte não tem um nome ou características precisas na sua identificação, isto porque:

[...] as teorias exemplares das primeiras décadas, atreladas ao paradigma da modernidade, já não são suficientes como instrumentos de percepção de certos fenômenos típicos da segunda metade do século XX, decorrentes principalmente da implosão devastadora das fronteiras entre arte e produtos da indústria cultural (FERNANDES, 2010, p. 45).

Um termo, entretanto, tem sobressaído em várias áreas do conhecimento – Pós-modernismo – o que, a princípio, faz pensar também nas características propostas pelo movimento estético anterior, conhecido como Modernismo. Mas a famosa frase de Mário de Andrade “Não sabemos definir o que queremos mas sabemos o que não queremos”, no início do movimento, causa um estranhamento uma vez que para os modernistas brasileiros a negação do passado deveria ter um caráter de destruição nas formas de arte recebidas pelas influências europeias. Deixando os exageros de lado, a literatura, um dos focos desta dissertação, envereda por vários temas como a denúncia social, o nacionalismo não mais idealizado como no Romantismo, porém mais afeito à realidade plausível da nossa formação enquanto diversidade de raças, credos e culturas.

Por outro lado, sabe-se que, de acordo com a historicidade dos estilos literários, que há um movimento de ruptura e retomada na evolução do pensamento daqueles que se reuniam em torno de uma nova proposta artística. Por exemplo: o Romantismo nega as posições caracterizadoras do Arcadismo – a busca do prazer proporcionado pelas estéticas clássicas, a crença na capacidade transformadora do homem por meio da razão – e volta-se para ideais propostos pelo Barroco como a luta entre os opostos, a religiosidade, os questionamentos existenciais que deram origem a obras cujo teor estava impregnado da fuga, da solidão, do inconformismo do estar no mundo conhecido também como “mal do século”, além de evidenciar o idealismo libertário e social, consequência das revoluções francesa e industrial (MOISÉS, 1971, p. 127).

Portanto, ao longo da História, o homem conhecendo, querendo, aceitando ou não, sabia qual era o seu lugar no mundo e agia de acordo com a ideologia vigente. Tomando como parâmetros os estudos já realizados sobre a história literária, pode-se considerar o período conhecido como Pós-modernismo como uma retomada de antigos valores propostos pela sociedade? Entretanto, Lipovetsky e Serroy (2011) discordam. Para eles, o mundo está passando por uma “desorientação cultural”:

[...] A cultura-mundo da hipermodernidade coincide com o fim da guerra fria e, mais amplamente, com a dissolução das ideologias progressistas que afirmam que a história tem um sentido, que ela avança necessariamente pelo caminho da liberdade e da felicidade. [...] A Grande Desorientação não para aí: agora todas as esferas da vida social e íntima são afetadas. A família, a identidade sexual, as relações entre gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias: a incerteza tornou-se a coisa mais bem partilhada do mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 19-21).

Ainda que muitos pesquisadores tenham estudado tais fenômenos, não se tem uma única definição para caracterizar esse período pós Modernismo. Costa (2011), por exemplo, atribuiu vários nominativos: hipermodernidade, supermodernidade, pós-modernidade. No Pós-modernismo, ora concebido como ruptura ora como continuidade, é importante ressaltar que a falta de uma significação precisa não invalida o tipo de cultura desse período, visto que quaisquer manifestações acompanham as pessoas porque são feitas por elas. Entretanto, vive-se na época da globalização e a cultura se tornou um bem de consumo, regida pelas mesmas leis de mercado de outros produtos.

Isso tem provocado muitos questionamentos sobre os critérios valorativos da obra de arte. De um lado estão os métodos e teorias que destacam os elementos estruturais em si, que sempre foram ensinados, principalmente ao professor de leitura e literatura, durante a sua

formação. De outro, as tendências desafiadoras da arte contemporânea que impõem sempre a pergunta: isso é uma obra literária? Um dos criadores e divulgadores do Estruturalismo, na década de 1970, Tzvetan Todorov (2009), propunha um estudo da essência do texto, afastando-o de qualquer relação com a vida, com o leitor, com o mundo, enfim. Mas em *A Literatura em perigo* questiona tal teoria evidenciando a necessidade de um equilíbrio entre tal prática e a realidade, na forma como a literatura tem sido apresentada aos jovens.

Vale ressaltar que a grande maioria de material didático, muitas vezes a única fonte de consulta para professor e aluno, apresenta a obra literária fragmentada, engessada pelos estudos sobre o momento histórico, principais representantes e obras, características, períodos como se fosse possível determinar, por meio de datas, onde começa e termina uma estética literária. Numa espécie de *mea culpa*, o teórico afirma “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2009, p. 22).

Há que se ter cuidado, portanto, ao classificar uma obra como literária ou não, pois como parte contígua da sociedade, corre-se o risco de não entender, nem de se aceitar um ponto de vista ou então ser definido como alienado pela massificação imperativa da indústria de consumo sob a qual a literatura também está subjacente.

Tais preocupações não são recentes. Bakhtin (1987), ao analisar o riso e o cômico no contexto da cultura popular na Idade Média e no Renascimento, postula a existência de duas linguagens: uma que evidenciava o lado positivo, elogiando as qualidades de um determinado fato/ação/personagem; outra, extraoficial:

[...] as grosserias, os juramentos e as obscenidades são os elementos não oficiais da linguagem. Eles são, e assim eram considerados, como uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia etc (BAKHTIN, 1987, p. 162).

Interessante notar o uso dos “juramentos”, que, desde essa época, já tinham o sentido cômico e mesmo aqueles que se referiam aos objetos sagrados eram considerados como uma permissividade dada a essa nova forma de se expressar, principalmente na linguagem oral. Impossível não fazer um aparte para mostrar o cômico recentemente ocorrido nas sessões do Congresso brasileiro em que os parlamentares iniciavam seu voto: “Pela minha fé, pela minha família, por Deus, pela pátria...”.

A literatura, como uma das artes que registra as formas de linguagem vigentes numa determinada época, possibilita encontrar narrativas abordando temas da marginalidade, das minorias, das diferenças, mas é preciso cuidado, principalmente com a forma de expressão linguística. Não é porque o assunto trata da promiscuidade sexual, por exemplo, que a linguagem deva ser chula.

[...] Embora seja difícil à consciência pós-moderna atribuir à arte missão emancipadora, engajada em grandes projetos de revolução social, a análise de muitas produções confirma como as diferentes linguagens da arte ainda podem ter a função essencial de transformar sensibilidades, alterar imagens e mudar a percepção do real (FERNANDES, 2010, p. 44).

A expressão “época pós-moderna”, usada por Joseph Arnold Toynbee (1889-1975) em 1947, no final da Segunda Guerra Mundial, num momento fundamental para a modernidade

[...] simboliza a superação do homem pela destruição, em franca oposição ao projeto iluminista da modernidade que, desde o século XVIII, cultuou a Ciência para o desenvolvimento do progresso humano por meio do conhecimento (MELLO, 2007, p. 182).

Mello (2007) ressalta, ainda, a transformação sofrida por uma sociedade individualista, centrada em si mesma, sem a preocupação com o mundo à sua volta. O importante é o significado de algo para si, não para os outros. É a supervalorização dos signos, empregando o que há de mais avançado proporcionado pela tecnologia, num ritmo absurdamente rápido.

Diante de tais afirmações, há que se considerar para a criação dessa nova expressão artística a predominância do simulacro, assim como

[...] as características centrais associadas ao pós-modernismo nas artes estão: a abolição da fronteira entre arte e vida cotidiana; a derrocada da distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa/popular, uma promiscuidade estilística, favorecendo o ecletismo e a mistura de códigos, paródia, pastiche, ironia, diversão e a celebração da ‘ausência da profundidade’ da cultura; o declínio da originalidade/generalidade do produtor artístico e a suposição de que a arte também pode ser somente repetição (FEATHERSTONE, 1995. apud COSTA, 2011, p. 4).

Na grande maioria das obras publicadas nas últimas décadas, e em outras manifestações artísticas, são encontrados os recursos citados, especialmente a paródia, a paráfrase e o pastiche, todos ligados à intertextualidade, porém este último, de acordo com Fernandes (2010), não estabelece uma ruptura com o texto que o precede.

Em seu livro *Paródia, Paráfrase & Cia.*, Affonso Romano de Sant’Anna (1985) apresenta um estudo sobre tais recursos, afirmando que a paródia, como arte, surgiu num comentário de Aristóteles, em sua obra *Poética* (335 a.C), sobre uma inversão ocorrida na epopeia. Na Grécia antiga, a tragédia e a epopeia eram gêneros utilizados para descrever a nobreza, enquanto a comédia representava o povo. Usa uma definição do termo bastante simples: “paródia significa uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: para – ode)” (SANT’ANNA, 1985, p. 12). De acordo com a gramática – para, par = ao lado, proximidade + ode = canto = canto paralelo (BECHARA, 2009, p. 368), evidencia-se o fato de que a “ode” era um poema para ser cantado. Dessa forma, já se pode ter uma noção do que seja a paródia: a partir de um texto preexistente, cria-se outro distante do significado do primeiro, faz-se uma crítica, geralmente usando termos cômicos e bem-humorados.

O emprego dessa linguagem, visto em Bakhtin como teoria da carnavalização, mostra uma inversão, um desvio dos paradigmas já consagrados como oficiais e ao ser transportada para a obra ficcional provoca uma ambiguidade a qual chamou de paródia (POKULAT, 2012, p. 53). Esta ambiguidade está relacionada ao dialogismo, isto é, à coexistência de duas vozes existentes num texto, indicando a atração e a rejeição entre elas (MURIEL, 2007). Sant’Anna (1985, p. 82), de modo bem didático e simples, afirma que “na paráfrase o *desvio* é mínimo e na paródia o *desvio* é total” (grifos do autor). Também nesse sentido:

[...] A paródia é a deformação [...], o pastiche é a imitação criativa [...], a paráfrase é o desenvolvimento de um texto preexistente. A paródia deforma, censura, imita (criativamente), desenvolve, referencia e não transcreve um texto preexistente. O pastiche imita criativamente, referencia e transcreve, mas não deforma, não censura e não desenvolve um texto preexistente. A paráfrase desenvolve, referencia, mas não deforma, não censura, não imita, não desenvolve e não transcreve (antes reescreve) um texto preexistente” (CEIA, 2010).

Na leitura dos livros propostos como *corpus* desta pesquisa, foi possível identificar, entre outros, tais recursos de linguagem, o que possibilita classificá-los como pós-modernos, uma vez que, partindo de algo já existente – a ficção infantil, tanto a histórica como a policial tradicionais – acompanha essa nova cultura, na qual os produtos são reinventados, reescritos e têm a mesma finalidade: ser objeto de consumo. A partir do conhecimento sobre a teoria ora exposta, ficou mais acessível a (des)construção dos elementos estruturantes da narrativa, bem como a importância da seleção da palavra no momento da criação literária. Entretanto, há que se respeitar sempre o significado “humanizador” tomado por empréstimo de Antônio Cândido

e a resposta de Todorov (2009, p. 23), a si mesmo ao questionar-se sobre a razão de amar a literatura “porque ela me ajuda a viver”.

2.2 UMA FACA, DUAS FACAS... AS FACES DO ROMANCE HISTÓRICO

O homem sempre teve uma necessidade de “contar”, de deixar para a posteridade os fatos que aconteceram com ele, com seu povo e seu processo civilizatório. Assim nasceu o romance histórico. De Homero, na Antiguidade grega, passando por Walter Scott, no século XIX; de José de Alencar, no Romantismo brasileiro, aos autores contemporâneos, há uma releitura de acontecimentos que são apresentados de acordo com a ideologia da época, explícita na visão de mundo do autor.

A história e a literatura já foram consideradas “ramos da mesma árvore do saber” (HUTCHEON, 1991). Com a separação, no século XIX, o ensinamento de Aristóteles de que a história revela o real e a literatura o que poderia ter acontecido, ou seja, a ficção, ambas continuam compartilhando de fatos e personagens comuns, o que Esteves (2008) classifica como “gênero narrativo híbrido” e os romances históricos, desde que Walter Scott publicou, em 1819, o livro *Ivanhoé*, tornaram-se frequentes nas livrarias, disputando o interesse dos leitores em diferentes épocas. De acordo com a proposta de Scott, a ação narrativa acontece num passado anterior ao momento em que o escritor cria sua obra. Corrobora para sua verossimilhança a utilização de elementos precisos, como vestuário, hábitos alimentares, ideologia, religião, figuras históricas, entre outros. Acrescentam-se personagens heroicos, capazes de grandes feitos no combate ao mal, representado pelos vilões, que tanto podem ser uma pessoa, como um sistema econômico ou um regime de governo.

Durante o período conhecido como Romantismo, por exemplo, características dos cavaleiros da Idade Média, de movimentos como as Cruzadas, foram personagens obrigatórios dos escritores europeus. Incentivados por um público de origem burguesa, menos letrado, de gosto literário formado pela leitura de jornais e folhetins, com a impressão de livros em escala industrial e a elevação do poder aquisitivo dessa classe emergente, a literatura adapta-se a esses novos consumidores, que almejavam ser nobres nos costumes, posto que não o são de origem. Dessa forma, a nobreza perde o poder político e econômico e as obras clássicas, mais restritas à aristocracia, dão lugar aos ensinamentos da burguesia, lembrando que, para Luckács, o romance é a epopeia do homem burguês.

Paradoxalmente, os mesmos valores combatidos por essa nova sociedade serão os elementos estruturais desse novo romance. Mesmo no Brasil, embora o país não tenha um

passado tão antigo, José de Alencar deu ao índio não só feições, como lampejos da educação aristocrática do europeu, apesar de que seu objetivo era realizar uma literatura nacional, desvinculada de Portugal, retratando a realidade brasileira. Assim, Peri é um gentil-homem, nos moldes dos heróis do francês Dumas.

Logo, não serão mais os nobres os protagonistas, como Ricardo Coração de Leão, mas burgueses como Aurélia, de *Senhora*, criação inesquecível de Alencar; e até mesmo uma figura picaresca, um anti-herói como Leonardo Pataca, o Sargento de Milícias.

A literatura, portanto, acompanha a evolução da sociedade. Isto significa que a cada nova modificação, novos discursos são criados e vivenciados pelo homem e assim grandes transformações ocorreram durante o século XX. Ao autor, por exemplo, foi dado o poder de estabelecer os parâmetros mais convenientes para sua obra.

[...] o autor contemporâneo não se sente obrigado a copiar ou refletir o mundo externo e cria o seu próprio universo sem se sujeitar nem ao pacto da veracidade que impõe o discurso histórico, nem ao pacto da verossimilhança que mantinha, de certa forma, o discurso ficcional mais tradicional (ESTEVEVES, 2008, p. 59).

A este romance pós-moderno, mais independente, Linda Hutcheon (1991) define como “metaficção historiográfica”, confrontando o que há de mais contraditório no gênero, ao mostrar a realidade presente, questionando-se o passado e quem o escreveu. Ele é verídico? Ou seja, colocam-se em dúvida as verdades e as mentiras que são encontradas em muitas obras.

Esteves (2010) chama a atenção também ao fato de que embora personagens, feitos históricos e lugares tenham existido na realidade, após serem transformados em matéria narrativa perdem a categoria de real. Nesse mesmo raciocínio, estabelece a polêmica entre verdade-mentira que ocorre na obra ficcional:

[...] Todos sabemos que os romances mentem, mas é por meio dessa mentira que eles expressam uma curiosa verdade que só pode expressar-se assim dissimulada, encoberta, disfarçada daquilo que não é (ESTEVEVES, 2010, p. 20).

Indo mais além, pode-se afirmar serem essas “verdades encobertas” que revelam, para a posteridade, o tipo de sociedade existente num determinado período da História. Por mais fidelidade que um historiador desse à vida urbana do Rio de Janeiro durante o reinado de D. Pedro II, os detalhes dessa sociedade são melhor conhecidos nos romances de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis, entre outros. Isso porque “a

literatura conta histórias que a história escrita pelos historiadores não sabe, não quer ou não pode contar” (ESTEVES, 2010, p. 20).

Em seu trabalho investigativo sobre o romance histórico criado por Scott, Esteves (2010) afirma que tal narrativa é centrada em dois princípios: no primeiro, o escritor já conhece a ação que descreve porque ela aconteceu num passado muito anterior ao momento da escritura, podendo assim reconstruir a ambientação da narrativa, enquanto o enredo é formado por personagens ou fatos inventados por ele; no segundo é que há um “episódio amoroso geralmente problemático, cujo desenlace pode variar, ainda que, na maioria das vezes, termine na esfera do trágico” (ESTEVES, 2010, p. 32).

Ora, a partir da visão pós-modernista estabelecida nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, que permite ao romancista poderes sobre sua criação, as principais mudanças nesse modelo clássico de relato estão ligadas aos questionamentos feitos pelos escritores sobre a veracidade exposta do passado, dos personagens, da ambientação, dos hábitos e regimes construtores da sociedade passada.

Tudo isso é apresentado com o emprego de uma linguagem em que predominam a paródia, a sátira, o pastiche, a ironia, o humor, com a intenção de dialogar com o leitor, fazendo-o cúmplice das dúvidas e certezas que as épocas anteriores pregavam como verdadeiras. Assim, os escritores contemporâneos desmistificam a História, transgredindo as características do chamado romance histórico clássico, ou seja, fazem uma reinterpretação dos fatos, sem a preocupação com o julgamento que os historiadores fizeram ao longo do tempo.

É a desconstrução que se observa, por exemplo, em *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes (2014), narrativa que aborda o possível assassinato de um funcionário da *Parana Plantations Limited*, no Brasil conhecida como Companhia de Terras Norte do Paraná, na década de 1930, envolvendo o Rei Edward VIII, da Inglaterra e seu romance com Wallis Warfield Simpson (ambos supostamente partidários dos ideais de Hitler), Getúlio Vargas, Winston Churchill, além de Lord Lovat – principal responsável pela companhia. Todos são pessoas reais transformadas em personagens e Adam Blake, poliglota e tradutor, que teria a função de ajudar na conversação com os imigrantes da nova Babel brasileira, elemento ficcional, como dublê de Sherlock Holmes.

A narrativa tem início com a visita de Mister Churchill a Lord Lovat em seu escritório, em Londres, revelando a existência de uma carta endereçada à residência particular do rei, a qual teria sido enviada do escritório da Parana Plantations em Londrina. Nela, um poema provençal e o desaparecimento de três funcionários da companhia causam grande “mal-estar” no regente e em sua amante.

Lord Lovat e Adam Blake vêm para o Brasil e iniciam uma investigação, confirmando o desaparecimento do casal de médicos (Kurt-Peter e Magdalene) e do contador da empresa, Erich Nussbaum. Aparentemente um crime passionai, mas à medida que Blake vai investigando, surgem outros crimes, sendo uma das vítimas, Lorinda, dona do bordel mais famoso da época, em cuja casa muitos negócios, inclusive na esfera política, foram arranjados. Também o envolvimento entre os alemães que se instalaram em terras norte-paranaenses e o governo de Hitler são revelados.

Em *O Trovador*, os dados históricos encontrados na obra serviram de pano de fundo para o desenvolvimento da ação. Uma escolha perfeita para “passar” ao leitor a verossimilhança necessária, despertando e prendendo a sua atenção. As presenças do rei e do ministro da Inglaterra; de Churchill e do presidente do Brasil, personagens importantes do século XX, provocam, nos mais jovens, a curiosidade; e nos mais velhos, a constatação dos acontecimentos revelados.

A colonização de Londrina pela subsidiária da companhia inglesa, o fluxo intenso de imigrantes de várias etnias e regiões brasileiras, a estrada de ferro São Paulo-Paraná, a devastação da floresta rica em madeira de lei, principalmente de peroba, uma árvore quase perene, símbolo da cidade, hoje raramente encontrada no *campus* da Universidade Estadual, quando da sua construção conhecida como Perobal, são fatos que geram muitos questionamentos: se a empresa Parana Plantations Ltda. é inglesa, por que tantos alemães na região, a ponto de uma cidade – Rolândia – ser dedicada ao legendário herói alemão, Roland? Como foi a negociação entre o governo brasileiro (esferas federal e estadual) e a Inglaterra? Para onde foram levadas as milhares de toneladas de madeira retiradas e transportadas pela estrada de ferro, também subsidiária da companhia inglesa? Tais reflexões incidem sobre os fatos históricos e os interrogam.

Assim, percebe-se na obra estudada a existência da estrutura clássica histórica: a ação acontece no século passado, entre 1930-36, e há várias menções históricas recorrentes: a guerra da Inglaterra, contra colonos franceses e holandeses (bôeres) na África do Sul; as Leis de Nuremberg deflagradas por Hitler; as descrições minuciosas da mata, das cidades, das pessoas do início da colonização. Ao mesmo tempo que se conhece tais episódios, há uma reavaliação do passado pela ótica do autor que faz, por sua vez, uma recriação desses fatos, possibilitando ao leitor novas releituras.

Não se trata, portanto, de mera paráfrase de fatos já conhecidos e narrados. Há um olhar crítico do autor, uma nova interpretação de acontecimentos e pessoas a eles relacionadas, aproximando-os dos nossos dias.

[...] andam reclamando que nosso prefeito não sabe separar seus negócios particulares daqueles da prefeitura. Mistura de interesses, compreende? O senhor sabe, ele tem mais sangue brasileiro que inglês no corpo” (LOPES, 2014, p. 138).

Percebe-se nessa fala, a crítica dos estrangeiros aqui radicados, sobre a moral e a ética dos brasileiros. Mais severa ainda e também muito atual, é a frase seguinte: [...] você já viu alguém cheio da gaita ser preso nesta cidade? (LOPES, 2014, p. 198). O emprego da ironia nos dois excertos do livro, provoca o riso no leitor pela sua semelhança com acontecimentos atuais e tem como objetivo apontar as mazelas dos fatos oficiais.

Sabidamente o autor apresenta outra forma de romper com a História real e satisfazer a imaginação do leitor, colocando uma dúvida sobre o verdadeiro motivo da abdicação do rei Edward: como um monarca deixaria o poder, apenas porque estava querendo se casar com uma estrangeira americana, duas vezes divorciada? _ “Não é mais uma simples questão de Vossa Alteza poder ou não se casar com a senhora Simpson” (LOPES, 2014, p. 388).

A ficção é muito mais convincente, apontando para os negócios envolvendo a Parana Plantation Ltda., cujo principal acionista, era o rei. Portanto, motivos suficientes para derrubar qualquer governo: as revelações de Nussbaum em seu dossiê incriminando o rei; a relação de Wallis com o serviço secreto alemão; a operação *noigandres*, a operação triangular; as remessas de dinheiro e de grandes quantidades de madeira, além dos lucros da companhia, para a Alemanha. Ironicamente, o autor revela a arrogância de sua majestade: “É mesmo?- retrucou o rei, cruzando as mãos sobre o peito e levantando o queixo. _ Do que poderiam me acusar?” _ de alta traição ao Império Britânico, senhor” (LOPES, 2014, p. 387).

A literatura contemporânea reflete o momento de mudanças provocadas pela rapidez como as informações chegam para as pessoas, de acordo com as regras do mundo mercantil e tecnológico. Não há mais barreiras entre os vários segmentos artísticos. Não se tem clareza sobre os conceitos clássico, popular ou de massa. A ideologia do “é proibido proibir”, que tomou conta da geração 60, do século XX, tem proporções inimagináveis em todos os ramos do conhecimento, da arte, da moral, da ética. Daí ser muito difícil classificar uma obra, bem como pensar qual foi o objetivo do autor ao escrevê-la. Meramente comercial? Aproveitou-se de um fato histórico, policial, político – marcantes ou não – como chamariz? Faz da realidade a fonte de inspiração pela necessidade que o ser humano tem de ver aplacadas suas angústias? Denúncia para tentar acabar com a alienação de alguns?

É bem provável que tudo isso tenha levado Rodrigo Garcia Lopes a escrever seu primeiro romance, *O trovador*. Há uma profusão de elementos verdadeiros e instigantes: os conflitos arraigados nos povos que sofreram com as guerras mundiais, a denúncia de corrupção, desmandos, intimidação, lavagem de dinheiro, suborno, chantagem, homicídios, fatos acontecidos agora e num passado não tão distante, uma verdadeira mata intrincada de crimes permeando a sociedade. O autor paranaense utiliza bem a linguagem, prendendo a atenção do leitor pelas informações que transmite, pelo vigor e agilidade que permeiam a trama, mais uma característica da contemporaneidade. É como se a história acontecesse em cenas cinematográficas, bem ao estilo de Dan Brown em seus livros adaptados para o cinema – *O Código da Vinci* (*The da Vinci Code*, 2006, de Ron Howard) e *Anjos e Demônios* (*Angels & Demons*, 2009, de Ron Howard) – e também pela articulação muito bem feita do suspense com a história, o que lembra Umberto Eco em *O nome da Rosa*.

Outra característica do romance histórico tradicional rompida pelo autor é a construção dos personagens históricos. Enquanto os heróis, nos romances scottianos eram apresentados como inacessíveis e como aparecem nos compêndios de História, na pós-modernidade eles são, na maioria das vezes, personagens secundárias, seres humanos de carne, osso, qualidades e defeitos, expondo suas fraquezas por meio de recursos linguísticos já explicitados.

[...] apesar da jovialidade, bolsas escuras se formavam sob os olhos azuis denunciando noites de álcool e insônia [...]. Aos 42 anos, o novo rei era um playboy solteirão [...] seus principais esportes eram caçar raposas, cervos e mulheres casadas (LOPES, 2014, p. 12).

O trovador é ainda uma narrativa policial com todas as características que tal gênero possui e que serão apresentadas, no item a seguir, para a análise da obra de João Carlos Marinho.

2.3 NO GLOBO DA MORTE... O ROMANCE POLICIAL

O gênero policial clássico, também conhecido como romance de enigma ou suspense, apresenta uma investigação sobre fatos reais ou fictícios, sempre ligados a um crime. Seus elementos devem ser o crime, o medo, o mistério, a investigação, e até cenas de horror. O crime acontece num tempo anterior ao da investigação, dando um formato memorialista à ação. O investigador é uma pessoa comum, porém arguta, mais esperta que o criminoso, não arrisca sua vida, tem alguns vícios e geralmente é acompanhado por um ajudante, o verdadeiro narrador da história. Escrito assim, parece não haver mais nada a acrescentar à estrutura formadora do romance policial, mas além dos elementos estruturantes, há também as escolhas do escritor e do leitor, este já apresentado anteriormente como alguém que interage no momento da recepção, e especialmente para esse gênero, é seduzido pelo mistério. Assim,

[...] A leitura de um romance policial é uma evasão, uma troca de realidades, é a entrada num universo de natureza anormal, o do crime, apaixonando os leitores não só pelo extraordinário, mas também por uma ligação secreta com este mundo de horrores, operada na circunstância de que no homem mais virtuoso ou tímido existe a possibilidade de praticar o ato anormal do criminoso (LINS, 1974, apud MASSI, 2011, p. 16).

Essas possibilidades induzem quem lê, a refletir sobre o seu próprio comportamento o que cria o clima de suspense, de medo, de horror. O escritor, por sua vez, explora em maior ou menor intensidade o lado mais fragilizado do leitor. Logo, é por meio da palavra que ele, autor, mantém uma ligação estreita com o seu receptor, geralmente, paralisando-o até chegar ao desfecho final. O precursor desse gênero foi Edgar Allan Poe (1809-1849), ao criar o detetive Auguste Dupin, dotado de muito raciocínio, em *Os crimes da Rua Morgue*, de 1841. Muitos são os fatores que contribuíram para que essa narrativa agradasse aos leitores:

[...] público criado pela leitura dos jornais; a cidade com suas ruas, passantes, multidões, verdadeiros labirintos nos quais o criminoso pode esconder-se e o artista expor-se [...] a polícia que, surgida no século XIX, e na França formada por ex-condenados, desperta a desconfiança da população; as ideias positivistas [...]; o criminoso, antes visto como inimigo pessoal, passa a ser um inimigo social e, muitas vezes, portador de patologias (OLIVEIRA, 2010).

E o mais famoso dos investigadores, o homem que usa a tecnologia – Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle (1859-1930) – surgiu em folhetim, com capítulos publicados na revista *Strand Magazine*, com o título de *Um estudo em vermelho*, (DOYLE, 1996), reunidos em livro, em 1887.

No início do século vinte, nos Estados Unidos, essas narrativas adquirem outros elementos: a população das metrópoles, os gângsteres, as mulheres sedutoras, os policiais corruptos. Em tais relatos conhecidos como *hard-boiled*, seus detetives são inflexíveis ao cumprir a lei a seu modo, o que sempre coloca suas vidas em risco. Não acreditam na justiça devido ao comprometimento dela com a corrupção. Na mesma época surge o romance negro ou *noir*, com características bem próximas do *hard-boiled*: o clima sombrio das grandes cidades, a preferência pela noite, pelos bares e boates ora luxuosos ora em decadência, a prostituição, a lei seca americana deflagradora de muitos crimes e subornos (JEHA, 2011). Essas histórias foram mais divulgadas pelo cinema, uma vez que poucas eram as editoras interessadas em publicar obras tão “imorais” para a conservadora sociedade americana.

Independentemente da faixa etária a que se destinam, tais romances têm como ponto em comum o fato de que criminoso e detetive formam o eixo que prende a atenção do leitor: quanto mais intrincado e nebuloso é o crime, mais trabalho o detetive deve apresentar. Assim, criminoso e detetive são antagonistas e, para o leitor, alternam a função de protagonista. Logo, nem um nem outro deve ser pessoa vulgar, insignificante.

Os romances policiais estão relacionados ao que se determina como literatura de massa, a qual encontra atualmente um vasto público que necessita ver solucionados seus problemas, os crimes, a falta de segurança. No romance, o leitor tem a possibilidade de satisfazer sua curiosidade, seus medos, sua inteligência para desvendar as pistas deixadas ao longo da narrativa o que o transporta para dentro do enredo. Ele vê no detetive a si mesmo, o que lhe proporciona imenso prazer. Acrescente-se que ele – leitor, sabe que toda a angústia vivida ao longo do texto, na maioria das vezes, terá um final feliz.

Na esteira de Poe, surgiram outros renomados escritores policiais: Arthur Conan Doyle, Georges Simenon, a dama do crime Agatha Christie, mais recentemente Dan Brown, sendo que aqui no Brasil sobressaem, entre outros, Rubem Fonseca, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Tony Bellotto e Rodrigo Garcia Lopes, cuja obra já foi classificada como histórica no item anterior, mas que também é policial uma vez que há mortes, criminosos, detetives e policiais. Recentemente, Pedro Bandeira e Guido Carlos Levi (2017) publicam *Melodia Mortal – Sherlock Holmes investiga as mortes de gênios da Música*, um intertexto claríssimo da obra de Conan Doyle, narrado pelo próprio Dr. Watson, em uma linguagem recheada dos recursos linguísticos abordados em itens anteriores como a paródia, a paráfrase, o pastiche, a ironia e o humor bem característicos da pós-modernidade.

Também vários são os autores na literatura infantojuvenil brasileira, com obras dedicadas ao gênero policial: Stella Car, Pedro Bandeira, Teresa Noronha, Graziela Bozano

Hetzel, entre outros. João Carlos Marinho é um deles e, a partir de seu romance *O Gênio do Crime*, de 1969, escreve uma sequência de narrativas denominadas “Aventuras da Turma do Gordo” (Bolacha/Bolachão, Edmundo, Pituca e Berenice). Ressalte-se que aos personagens do primeiro livro, foram sendo incorporadas mais seis crianças, além dos adultos: a professora, o frade e o mordomo.

Compartilhando o pensamento de pesquisadores como Ceccantini (2008), Ceciliato (2008), Martha (2008) e Benites (2008), é preciso mostrar “outros modos de ler”. Além disso, na literatura infantojuvenil do final do século vinte e início do século vinte e um, percebe-se uma intencionalidade de apresentar temas como a morte, a nova estrutura familiar, o ser diferente (CADEMARTORI, 2010), de modo mais delicado, mais leve, por meio do trabalho com a linguagem para que se possa descobrir o prazer de desvendar os mistérios que envolvem a alma humana, tão bem representados na literatura.

Para analisar o gênero policial-enigma-suspense, este trabalho tem como *corpus* a obra *O Gênio do Crime*, de João Carlos Marinho (1969), verificando as formas estruturais escolhidas pelo autor, como maneira de tornar a recepção da narrativa mais atraente e divertida para a criança, discutindo e questionando os cânones existentes. A referência à obra será feita, doravante, com as iniciais da mesma: “GC”.

O título, arditosamente, indica uma possível classificação: trata-se de um romance policial que relata situações perigosas que envolvem Pituca, Bolacha, Edmundo e Berenice, os primeiros personagens da turma do Gordo, crianças com idade entre dez/onze anos, na cidade de São Paulo. O livro, ganhador de muitos prêmios, é considerado pela crítica especializada como precursor do gênero na literatura infantojuvenil brasileira. Assim, coloca-se em evidência o êxito dessa produção:

[...] com grande percepção da psicologia infantil/juvenil e dono de uma inegável capacidade inventiva, “filtrada” não pela veia humorística, que dá a tonalidade de seu estilo, como também por uma consciência crítica alerta para o contemporâneo, a aventura livre e descompromissada, o “jogo” (que é o viver da meninada “*classe média*” urbana) com a crítica social, cuja severidade e alcance se ocultam sob as formas pitorescas, absurdas ou sem-sentido que a expressa, na efabulação (COELHO, 2008: 386). [grifo da autora].

Percebe-se o conhecimento de João Carlos Marinho sobre literatura policial, no sentido mais clássico da palavra, que isso propõe, a subversão ao gênero. Não existe um assassinato, como nos romances policiais canônicos; não é romance-*noir* porque não tem a atmosfera pesada, claustrofóbica do pós-guerra; também não se classifica como *hard-boiled*, eivada por homens rudes que fazem a sua própria lei.

Desfaz-se, assim, a leitura superficial a partir do título, visto que GC não é propriamente, um romance policial, mas de suspense. “[...] uma narrativa de suspense – opção intermediária entre o romance policial clássico, de enigma, e o romance ‘série negra’” (TURCHI, 1990). Para ser um romance policial, é necessário um crime, uma morte que envolva emoções dos personagens e sobretudo do leitor. A partir do estudo mais aprofundado sobre o assunto, Massi (2011), ao investigar a narrativa policial na primeira década do século XXI, apresenta uma diferença entre o romance policial e o de suspense:

[...] o roubo, por exemplo, não é um crime apropriado ao romance policial, já que representa uma falta de moral, a apropriação indevida de um bem alheio; além disso, está ligado a um bem material e não a um ser humano (MASSI, 2011, p. 20).

Dessa forma, GC coloca para o leitor uma sequência de ações que causam ansiedade, um desejo voraz de saber como são resolvidas as questões apresentadas às crianças. Para os pequenos, o raciocínio dos detetives-mirins está dentro da lógica infantil; para os adultos, as ações provocam uma grata surpresa, no mínimo, o que os torna coniventes com as ideias mirabolantes da turma.

De forma concisa, a narrativa revela as aventuras de três amigos – Gordo (Bolacha, Bolachão), Pituca e Edmundo – de 10-11 anos, colecionadores de álbuns de figurinhas sobre futebol, produzidos por uma grande empresa, que quando os completassem, receberiam por prêmios uma bola número 3 e um jogo de camisas do time escolhido pelo colecionador, tamanho infantil. Porém, alguém estava falsificando algumas figurinhas o que gerou uma revolta nos meninos, bem como a necessidade de investigar quem estava cometendo tal crime, que não era um assassinato, como nos romances policiais tradicionais.

A turma do Gordo, como os garotos ficaram conhecidos, arquitetou um plano para descobrir o falsário e, mesmo dividindo a investigação com o famoso escocês, Mister John Smith Peter Tony – o detetive invicto – paródia de Sherlock Holmes, com toda tecnologia à sua disposição, é o Gordo, que inventa o meio de descobrir a fábrica falsária e seu dono, o Anão.

Os detetives de GC não têm características que os classifiquem claramente: ora são tradicionais; ora, modernos. O autor transgride, portanto, os conceitos clássicos da classificação da obra como policial. Um dos exemplos: Mister John Smith Peter Tony, “o detetive invicto” adulto, nunca derrotado, tem a seu favor procedimentos investigativos apresentados por Sherlock Holmes – e inclusive o nome e sobrenome ingleses, paródicos – enquanto Bolacha, uma criança, representa Dupin, criação de Edgar Allan Poe. Ele é uma máquina de raciocinar,

e consegue criar o método de investigação “ao avesso”: se o cambista consegue despistar os meninos quando vai para casa, eles devem ficar à sua espreita nos lugares onde chega primeiro, mesmo que isso custe alguns dias, até descobrir de onde vem e com quem fala.

Há um contraponto entre as personagens dos contos clássicos infantojuvenis e da narrativa enfocada. O autoritarismo, a opressão e a submissão são questionados; as relações entre adultos e crianças são revistas e ambos rompem com os paradigmas tradicionais, desempenhando novos papéis sociais. É o que acontece com seu Tomé, dono da fábrica de figurinhas, e seu gerente “[...] um moço esticadinho, bem trajado” (GC, p. 39), de vocabulário formalíssimo e princípios da elite dominante.

O tempo da narrativa – 1969 – revela muito sobre o momento histórico brasileiro: um ano antes da Copa do Mundo de 1970, auge do governo Médici, período ditatorial, com restrições impostas pelo regime autoritário. A esperança da grande maioria da população era a conquista de mais um título, no futebol, um elemento alienante para amenizar tantos desmandos e atrocidades. Os grandes ídolos do momento, portanto, eram os jogadores de futebol personificados em Rivelino, craque do Corinthians, outra expressão da paixão de muitos brasileiros. Em razão disso, o autor aproveitou tal universo diegético para criar a trama, dando voz e vez às crianças. Dessa forma, o leitor mirim torna-se partícipe porque se vê refletido em cada personagem e o adulto transforma-se num cúmplice da “turma”, ao compreender e incentivar suas transgressões. GC é criado dentro da lógica infantil de causa e efeito, e pista por pista, num jogo de quebra-cabeças, as peças são montadas com astúcia, criando o suspense, o que mantém o interesse do leitor.

Na literatura destinada às crianças, é muito comum encontrar a visão de mundo do adulto e, quase sempre, a ideologia do momento histórico é revelada pelos pequenos, personagens ou narradores, por meio da aceitação de determinados conceitos inquestionáveis, porque ainda não têm maturidade para compreendê-los. Khéde (1986), em seu livro *Personagens da Literatura infantojuvenil*, evidencia a importância da valorização da personagem infantil preocupada com os jovens leitores, para facilitar a identificação e a recepção do texto

[...] um dos estatutos da literariedade é apresentar ao leitor uma obra pluralista onde o confronto de visões de mundo ou de ideologias seja transmitido justamente pelas múltiplas vozes dos personagens que, na perspectiva de Mikail Bakhtin, devem ser personalidades em formação, não fechadas num perfil preconcebido (KHÉDE, 1986, p. 14).

Essa preocupação tornou-se presente na obra literária, contudo não é fácil romper com o tradicional. Monteiro Lobato, criador da literatura infantil brasileira, e modelo seguido por inúmeros autores do gênero, apesar da elaborada criação da Emília, de *Reinações de Narizinho*, 1931, é exemplo da sedimentação dos valores da ideologia vigente na época. Em suas falas percebe-se o preconceito racial, os conceitos da classe dominante. Raquel, de *A bolsa Amarela*, obra de Lygia Bojunga Nunes, 1976, ou os meninos, de *O Gênio do Crime*, de João Carlos Marinho, 1969, por sua vez, apropriam-se de tais posicionamentos para criticá-los. A intencionalidade do autor, ao escolher a forma de apresentação da sua história, evidencia o que ele espera da criança: questionar e transformar o mundo que a cerca, além de denunciar e criticar o que está cristalizado.

[...] numa época em que as fábricas de brinquedo e os comerciantes só andam inventado brinquedo sem graça, o seu Tomé tinha criado um concurso bom de verdade. Dava prêmios caros, como esse jogo de onze camisas, as figurinhas eram impressas em papel de primeira e os álbuns eram caprichados: três páginas para cada time; uma para colar as figurinhas dos onze jogadores, mais a do técnico, e duas com informações sobre a vida do clube e a dos jogadores, quantos gols marcara, quantas jogara no estrangeiro, quantas jogara na seleção, qual a maior emoção, a maior tristeza, e coisinhas assim que a gente lê gostoso (GC, p. 18).

Completamente desvinculado dos conceitos de herói, anti-herói, cômico ou pícaro que a teoria da literatura propõe para os personagens da trama (KOTHE, 1985), o autor cria elementos híbridos, isto é, mesclam-se qualidades e defeitos, virtudes e vícios num mesmo ser. O Gordo, o herói do bem, aparece contrastando com o Anão, o meliante, do mal. Mas ambos são gênios, são caricaturas do que se espera de tais personagens: não têm nome próprio, mas apelido; o herói benfeitor é obeso o que dificulta sua movimentação; o Anão, do mal, precisa de artifícios para conseguir trabalhar em sua mesa: “[...] o chefe sentou-se atrás da mesa repleta de papéis, e em cima da cadeira havia quatro almofadas para o anão ficar da altura da mesa” (GC, p. 91).

Bolacha, Bolachão (outros apelidos do Gordo) difere dos amigos Edmundo e Pituca. Os três pertencem à classe média, estudam na mesma escola, a “Escola Primária Três Bandeiras” (GC, p. 9). Edmundo e Pituca comem pouco, dividem o lanche com o Gordo, são fanáticos por futebol, vivem andando atrás das figurinhas, o que sugere crianças ativas, bem de acordo com a sua idade e com a época, quando crianças brincavam na rua, não ficando presas a celulares e computadores. Fazem sempre observações sobre o estilo de vida do amigo, que vive dentro de um quarto, cercado de bugigangas e muita comida. Entretanto, não podem ser considerados como virtuosos, uma vez que a divisão de seus lanches com o amigo é sempre por interesse, o

que evidencia a diferença mais notória entre eles: os meninos vivem no mundo das ideias concretas, enquanto Bolachão é todo cérebro, e a compulsão pelo alimento o ajuda a pensar.

[...] Ô Gordo besta, esquece um pouco essa coisa de fazer aeroplano de torrada e ajuda a gente a pensar [...] e nem se pode pensar direito, com essa máquina maluca apitando e sapecando torradas no ar. Eu bem que estava pensando uma ideia boa, mas, na parte principal, que a ideia estava saindo, Piiiiiiiiii, passou um pão voando na minha cara. Desconcentra a gente, não pode (GC, p. 26).

Essa mesma característica – a capacidade de pensar – é contraponto também ao escocês, Mister John Smith Peter Tony, o super detetive, usuário de tecnologias atualíssimas, que perde para a inventividade criadora e reflexiva do garoto. Berenice, que em obra posterior (*Berenice detetive*) surgirá como protagonista, aparece na narrativa como uma garota esperta, perspicaz e intuitiva. Impossível não associá-la à Emilia, de Monteiro Lobato, ou à Mônica, de *A turma da Mônica*, de Maurício de Souza.

O narrador é outro elemento que merece cuidados numa análise mais acurada. Conforme estudos sobre a construção da personagem

[...] o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto uma verdadeira câmera [...] o escritor habilidoso encontra formas de acoplar recursos à narrativa de modo a tornar suas criaturas verossímeis (BRAIT, 1985, p. 56).

E assim o faz João Carlos Marinho na obra analisada. Onisciente, em 3ª. pessoa, constantemente chama a atenção do leitor, recurso que gera cumplicidade e envolvimento, lembrando o estilo de Machado de Assis: “[...] é o que vamos ver [...] como nós sabemos” (GC, p. 62); “[...] vamos ver o que aconteceu na escola depois que o Bolachão saiu da classe” (GC, p. 93).

A ambientação é feita num momento bastante conturbado do país. Vale lembrar que 13 de dezembro de 1968 é a data do Ato Institucional número 5 – conhecido como AI 5 – baixado pelo presidente militar, General Costa e Silva, suprimindo as liberdades individuais e dissolvendo o Congresso Nacional. A sociedade brasileira, portanto, convivia com a ditadura militar, a repressão nos meios de comunicação, o desânimo de vinte anos sem um título no futebol (paixão nacional), as intrigas dos artistas divididos entre emissoras de rádio e televisão de direita e esquerda, as greves nos polos industriais, as revoltas estudantis, a inflação sem controle. Isso tudo resultava num pessimismo, numa busca desenfreada pelos “enlatados americanos” que empobreciam até a cultura de massa. Contraditoriamente, foi um momento de grande criatividade, posto que, para driblar a censura imposta às diversas formas de

manifestações artísticas, seus representantes, por meio de linguagens metafóricas, ambíguas, denunciavam o momento histórico: “[...] São Paulo estava de cócoras batendo e virando” (GC, p. 9).

A ação do GC ocorre na capital paulista, retratando com veracidade essa época, ainda que de forma paródica o que remete ao novo romance histórico. O autor trabalha muito bem com a linguagem, ora com onomatopeias, bem próximas do repertório infantil, ora num tom mais crítico, aproximando o texto do público adulto. “João Carlos Marinho constrói uma situação novelesca bem coerente com o clima de corrupção em que vivemos, e acaba divertindo o leitor” (COELHO, 2008, p. 388). Na compra de figurinhas falsas, para encontrar os meliantes envolvidos, os meninos estão conversando e Pituca diz: “_negócio de ocasião: envolvi o homem na conversa, sabe. Tererétereré arrumei quinze por quatorze, uma de graça. Edmundo e Bolachão se olharam: _ Tereré, belo trouxa que você é” (GC, p. 27).

O humor dinamiza a narrativa e está presente na construção de vários elementos como os apelidos do herói conhecido por Gordo, Bolacha, Bolachão – e que na época não eram vistos como *bulling*, – o distanciamento cômico entre o nome pelo qual é conhecido o bandido, Anão, e a sua genialidade para o crime; as dificuldades da Língua Portuguesa para o detetive escocês: “um gozaçon fortíssima para vingar o do garrafinha; o gorda vai ficar danada do vida” (GC, 125), “– o senhor está mangando comigo! – non mango e non jabutico; mim pedir por favor primeiro. Agora mim revistar sem favor” (GC, 113).

Isso tudo aproxima a obra do texto pós-moderno, bem como o uso da ironia, recurso revelador dessa transgressão. Também os detetives clássicos são apresentados, por Berenice, de forma original: “um detetive, por mais disfarce, carrega seu detetivismo até na maneira especial de soar o nariz” (GC, p. 63).

Essa escolha vocabular tem dois significados: está próxima do conhecimento dessa faixa etária, o que facilita a compreensão esperada pelo autor; minimiza o significado por vezes cruel das palavras, dando-lhes mais leveza, criando uma atmosfera mais lúdica. Percebe-se, assim, a preocupação com “o destinatário revelando com isso, não só o desejo de comunicação (inerente a todo ato literário ou linguístico), mas também a consciência de que é desse leitor/receptor que depende, em última análise o alcance da ‘mensagem’” (COELHO, 1987, p. 108).

A crítica está presente nas ações, desde descrições simples, como as que os meninos fazem do gerente da fábrica “um moço esticadinho, bem trajado” e seu desprezo pelas coisas do Brasil, e a preferência pelo estrangeiro “para enfrentar um gênio do crime, aqui no Brasil não tem; nossos detetives são primários” (GC, p. 40), como em revelações do contexto no qual a história foi criada, subliminarmente presentificando valores e ideologias da época.

Alguns temas são recorrentes: a violência dos grandes centros urbanos, a forma de trabalho de alguns adultos que se dedicavam ao crime por meio da falsificação, para ter muitos bens (como o Anão), ou para garantir a sobrevivência da família, (como o cambista). Por trás dessas atitudes, está o reflexo da conjuntura nacional da década de sessenta do século passado: uma inflação sem controle, o desemprego, o cerceamento das liberdades, período de grande contestação e irreverência frente ao *status quo*.

Impossível não estabelecer relação com a ditadura militar: nos porões da ditadura aconteciam as torturas e os “porões” das fábricas sempre representando algo escuso, escondido. No primeiro andar ficavam as máquinas de trabalho mais leves, como esteiras, embaladeiras, a biblioteca, “e desceram ao porão para ver a tipografia, onde as máquinas tipográficas imprimiam as figurinhas” (GC, p. 19). Ou “eram máquinas de tecelagem e rolos de pano, não havia sinal de tipografia. Chegaram em baixo o Gordo viu que estava numa tipografia: havia duas impressoras, rolos de papel, latas de tinta e pacotes de figurinhas amarrados com barbante” (GC, p. 89). Assim também eram os gabinetes, as salas de “entrevista” para onde foram levadas tantas pessoas para uma averiguação sobre determinadas atitudes contrárias ao regime da época.

A descrição do momento em que o Gordo foi descoberto na fábrica clandestina e submetido à tortura – “Atlas enfiou o alicate na unha do gordo, a do dedão, apertou e foi puxando para cima. Dor assim o gordo nunca tinha sentido, a vista escureceu e ele gritou: _ Chega! Eu falo” (GC, p. 92) – estabelece uma analogia com a crueldade dos torturadores do

Destacamento de Operações de Informação/Centro de Operações de Defesa Interna - DOI/CODI - de São Paulo.

Portanto, por meio deste estudo, comprova-se a transgressividade de João Carlos Marinho. Em 1969, quando escreveu e publicou *O Gênio do Crime*, é possível que seus leitores não tenham percebido o trabalho inovador de desconstrução dos paradigmas característicos de narrativas destinadas às crianças, além de não reconhecer nas sutilezas linguísticas (como o humor e a ironia), a denúncia do que acontecia nos “porões” da ditadura. Sabe-se, no entanto, do grande sucesso que fez junto ao público infantil e ao especializado, o que significa que ler é, antes de tudo, um ato de prazer.

Ressalte-se que a obra literária é atemporal, não importa o tempo cronológico de sua criação. O contato com ela deve apresentar ao leitor a sua multiplicidade de sentidos e significações, construindo e enriquecendo o seu repertório de conhecimentos, assimilando os conceitos e ideologias de épocas variadas para se tornar uma pessoa crítica, capaz de estabelecer novas relações com a sociedade em que vive, sem se deixar manipular. Ao analisá-la ou comentá-la, independentemente de ser adulto ou criança, é preciso que desperte a vontade voraz

por novas viagens, novos caminhos, que nunca são solitários porque têm um universo repleto de possibilidades, de lugares, de pessoas, de pensamentos, de muita beleza e poesia. Esta é a função do professor: levar a tais descobertas.

2.4 LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ... POESIANDO PALHAÇADAS

Anteriormente mostrou-se que a ligação do ser humano com a leitura/literatura ocorre por vozes conhecidas. A oralidade, portanto, é uma das formas de ler o mundo e, nesse universo da palavra falada, encontram-se vários tipos de “poesia” que encantam o ouvinte – são as parlendas, as quadrinhas, as adivinhações, os trava-línguas, da tradição da cultura popular, que fazem o repertório inicial de quase todas as crianças.

[...] **Adivinhação:** 2. brincadeira popular em que os participantes apresentam enigmas simples para serem solucionados pelos parceiros do jogo.[...] **Parlendas** 3. Declamação poética para crianças, acompanhada por música. 3.1 Rima infantil utilizada como brincadeira ou técnica de memorização [...] **Quadrinha:** 3. composição poética, bastante popular; constituída por uma estrofe; trova, quadra. **Trava-língua:** espécie de jogo verbal que consiste em dizer, com clareza e rapidez, versos ou frase com grande concentração de sílabas difíceis de pronunciar, ou de sílabas formadas com os mesmos sons, mas em ordem diferente, como: no meio do trigo tinha três tigres (HOUAISS, 2009).

Ao ter contato com essas brincadeiras, a criança vai se familiarizando com os sons da palavra. Coelho (1982) reitera que tais atividades são muito importantes para despertar a imaginação, a emoção dos pequenos. As cantigas de roda, por exemplo, exploram sobremaneira os sentimentos, independentemente se na atualidade são considerados “politicamente corretos”. Aliás, a poesia desde sempre esteve ligada à música. Muitos são os artigos e estudos sobre tal união, e uma rápida retrospectiva na história das civilizações mostra que, na Grécia antiga, os meninos aprendiam a história de seus heróis e deuses por meio de longos poemas; na Bíblia, os Cânticos de Salomão, os Salmos; no Trovadorismo, as cantigas; no Nordeste brasileiro, até hoje, os repentistas utilizam versos da literatura de cordel e todos foram e ainda são acompanhados por um instrumento musical. “A poesia parece estar mais do lado da música e das artes plásticas e visuais do que da literatura”. Nesta afirmação, Pignatari (1983, p. 3) ressalta a multiplicidade da palavra poética.

Também é correto afirmar a associação entre a escola e a poesia. Por ser um lugar privilegiado para a leitura poética, é comum encontrar todo tipo de poema, nos compêndios e antologias de séculos passados e ainda nos livros didáticos que tomaram conta das escolas nas

últimas décadas do século XX e início deste, isso porque “muitas vezes o contato com eles (textos literários) só acontece nesse ambiente e por sua intervenção” (GEBARA, 2011, p. 13). Outra evidência é a institucionalização da escola como lugar para preparar as “futuras gerações”. Tal envolvimento desagua, quase sempre, na ideologia do Estado, reprodutor da elite governante.

Um dos maiores representantes dessa poesia foi Olavo Bilac (1865-1918) cujos temas tinham como objetivo a formação de bons princípios de civilidade, respeito e obediência. Um dos seus poemas muito conhecido e laudatório trata dos ideais burgueses: valorização da pátria, da família e do trabalho:

A Pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,
vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!
Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!
(BILAC, 1929)

A grande mudança ocorrerá a partir de 1964 com a publicação do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles (COELHO, 1984, p. 124), em que a autora propõe muitos questionamentos, não tem preocupação com o chamado pedagogismo, escreve versos a partir da visão/compreensão infantil, preocupando-se mais com o ludismo e o encantamento:

A Bailarina

Esta menina / tão pequenina/ quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré/ mas sabe ficar na ponta do pé.
Não conhece nem mi nem fá/mas inclina o corpo pra cá e para lá.
Não conhece lá nem si,/ mas fecha os olhos e sorri.
Roda, roda, roda com os bracinhos no ar / e não fica tonta e nem sai do lugar.
Põe no cabelo uma estrela e um véu/ e diz que caiu do céu.
Esta menina / tão pequenina / quer ser bailarina.
Mas depois esquece todas as danças,/ e também quer dormir como outras crianças.
(MEIRELES, 1980, p. 22)

A poeta lida com o ritmo, o encantamento e o ludismo que agradam a grandes e pequenos, sem se propor a fornecer diretrizes, a ensinar algo.

Outro clássico desse tipo de poesia é *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes (1970), no qual há o encontro da imagem com animais, coisas, e o imaginário da criança, para explicar o título da obra. Um dos poemas que mais causa estranhamento é “A casa”, que não tem teto, nem chão. Porém ao imaginar como a bíblica Arca de Noé foi construída – não os pequenos porque sua imaginação pode transformar e entender tudo – os adultos conseguem compreender uma casa que “não tinha porta, não tinha nada” além da referência óbvia aos animais: “o pato”, “a corujinha”, “a foca” entre outros. O livro foi transformado em disco, em 1980 e, apesar dos poemas mais antigos terem sido musicados por Paulo Soledade, foi amplamente divulgado com arranjos de Toquinho e Rogério Duprat, para um especial feito pela TV Globo para homenagear o poeta que havia morrido no mesmo ano.

Assim, Coelho (1987) realiza um amplo estudo das ligações entre música, poesia e o que o significado representa para a criança, isto porque o seu ouvido vai percebendo a musicalidade, a sonoridade inerente à palavra. Desde o final da década de 1980, surgem novos poetas, a exemplo de Roseana Murray:

Noite

Noite,
 Noite escura
 De lua nova.
 Estrelas sujam o céu
 De imensidão e mistério.
 Longe
 Um cavalo relincha.
 Um rio embrulha suas pedras
 Amorosamente.
 (MURRAY, 1997, p. 14)

Sérgio Capparelli, José Paulo Paes, Elias José, Almir Correia, Bartolomeu Campos Queirós, entre outros, escrevem poemas para essa faixa etária, de uma forma mais criativa, expondo o mundo a partir do olhar infantil. Assim é que a palavra poética deve estabelecer uma relação entre ela e a vida e quanto mais for natural e espontânea – trabalho mediado pelo professor – mais será uma fonte de prazer (TREVISAN, 1997).

Um desses trabalhos a ser desenvolvido pelo docente é a leitura em voz alta, porque a criança sozinha pode não perceber a riqueza sonora. Por exemplo, a palavra *clara*, se dita ou lida sem qualquer entonação, não se percebe o seu significado intrínseco. A modulação

provocada pelas vogais átonas e tônicas auxilia na compreensão do sentido. Tem-se, dessa forma, uma poesia que explora os aspectos lúdicos, estimula a criatividade, incentiva o questionamento, promovendo uma maior interação entre leitor/obra, o que, mais uma vez, justifica a necessidade do professor/mediador de leitura ter conhecimento de práticas que o auxiliarão no seu fazer diário.

Outro elemento que não pode ser descuidado é o tema. Não há um assunto mais poético que outro: histórias verdadeiras, notícias de jornal, animais reais e antropomorfizados, cultura popular, sentimentos humanos existenciais como a perda de algo ou alguém, enfim tudo o que representa a vida é motivo de poesia. Poetas como Manuel Bandeira – *Poema tirado de uma notícia de jornal* –, Mário Quintana, Ferreira Gullar – “o poema, senhores, não fede/nem cheira” – são alguns exemplos dessa pluralidade de sentidos. Como também é impossível ficar inerte diante da sensibilidade destes versos:

[...] Saudades, só portugueses
 Conseguem senti-las bem.
 Porque têm essa palavra
 Para dizer que as têm.
 (PESSOA, 1988, p. 23)

A poesia deve, portanto, estimular a inquietação humana diante de um mundo que está posto, mas que pode ser modificado a partir da interação provocada pelas diferentes formas de vê-lo e senti-lo, e isso se consegue na medida em que, muitas reflexões podem ser colocadas por meio da plurissignificação de sentidos da palavra poética.

Aninha e Suas Pedras

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que não de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.
(CORALINA, 2008, p. 57)

Logo, gostar ou não de poesia é uma questão de desenvolvimento da sensibilidade (COELHO, 1980). O professor que quer ensinar poesia aos seus aprendizes precisa mostrar-lhes sua emoção, seu gosto, ao lê-la. Não se pode transmitir aquilo que não se sente, nem se decepcionar ante a indiferença do aluno, que, muitas vezes, teve pouco contato com tal gênero. Cada um responderá de maneira diferente ante o texto poético. É importante também a frequência de tais textos na sala de aula, visto que a obra literária acompanha o movimento evolutivo da cultura, no tempo, no espaço e na sociedade que a origina.

3 UMA NECESSÁRIA CONTEXTUALIZAÇÃO: A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

A história dos cursos de formação de professores no Brasil já foi amplamente estudada por vários pesquisadores. Desde o Ato Adicional de 1834 (CASTANHA, 2008, p. 17) até os documentos atuais publicados pelos órgãos educacionais federais e estaduais, passando por artigos, dissertações e teses de mestrado e doutorado das universidades brasileiras, o assunto, geralmente, analisa o distanciamento entre o que foi proposto pelas diversas leis, decretos e reformas e o que realmente é realizado no setor mais nevrálgico nesse processo: a sala de aula. Assim, será feita uma ligeira apresentação sobre a história da criação de cursos para o magistério no Brasil, no Paraná e em Cornélio Procópio para finalmente se chegar ao objeto maior deste estudo: o curso para os alunos do Colégio Cristo Reino – Ensino Normal da cidade de Cornélio Procópio.

No século XIX houve uma “democratização do ensino primário nos países mais desenvolvidos da época” (BALÃO, 2011, p. 85), necessidade praticamente imposta pela burguesia que se formara no século anterior. Para que isso fosse possível, “a história da escola normal está associada à implementação da instrução primária, pois objetiva a preparação de mestres para as escolas de primeiras letras” (BALÃO, 2011, p. 85). Segundo as pesquisadoras Oliveira, Marques e Lima (2016, p. 2), a primeira Escola Normal brasileira foi criada no Rio de Janeiro, ainda uma província, pelo Decreto no. 10/1835. Este artigo, de conteúdo bastante sintético sobre o percurso histórico dessas escolas no país, revela o envolvimento do ensino com as áreas política, econômica, sociais e religiosas e o quanto ficou (e ainda fica) à mercê de outros interesses que não a própria educação. Em outros termos, o processo educacional brasileiro sempre esteve sob o jugo de órgãos e instituições que pouco ou nada dão de importância a este setor, que, para todos os países desenvolvidos, é o mais importante. O desenvolvimento de qualquer nação passa, obrigatoriamente por uma educação de qualidade.

Historicamente, a criação da Escola Normal no Estado do Paraná está ligada ao então presidente da Província do Paraná, Sr. Polidoro Cezar Burlamaque, em 1867 (CASTANHA, 2008, p. 22-23) e, como nas outras províncias, não teve procura e desenvolvimentos necessários, justificando novos decretos, novas reformas, novas implementações, recriação e suspensão de curso e de matrizes curriculares. Assim, “a organização das Escolas Normais deu-se pela promulgação do decreto de 12 de março de 1890” (ARAÚJO, 2010, p. 39). Entretanto, pelo fato do território paranaense ser bastante despovoado, segundo Miguel (2008, p. 11), completou sua ocupação no século passado, entre as décadas de 1920 e 1960”. Houve

muitas boas intenções das autoridades para que se efetivassem as escolas formadoras de professores, no estado, enquanto a sua concretização ficou apenas no papel.

Em seu artigo: *A Escola normal no Paraná: instituição formadora de professores e educadora do povo*, Miguel (2008) apresenta um estudo, não apenas das leis e decretos reguladores da implementação do Ensino Normal no Paraná, como de outras fontes bibliográficas, expondo os inúmeros assuntos que sempre permearam qualquer tomada de decisão. Desde a intromissão de organismos internacionais até o atendimento aos interesses dos migrantes e imigrantes povoadores do estado, deixando claro o poder das elites constituídas.

Em 1923, “[...] apesar dos aspectos conservadores e dos limites teóricos, institucionalizou a formação de professores no Paraná (MIGUEL, 2008, p. 15), que apesar do conservadorismo, tornou-se um “laboratório do ideário da Pedagogia da Escola Nova” (MIGUEL, 2008, p. 18). Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Normal instituiu a formação do regente de ensino e do professor primário e, no Paraná, destacaram-se as Escolas Normais Regionais, principalmente no Norte do estado, como consequência do desenvolvimento provocado pela produção cafeeira. O professor deveria ser um “profundo conhecedor do meio no qual a escola estava situada” (MIGUEL, 2008, p. 20). A política externa proposta por professores americanos ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, INEP, valorizava mais os problemas regionais. Erasmo Pilotto, então secretário de Educação do Estado, propõe um aprofundamento em tais estudos e mais

[...] a vinculação dos conhecimentos com as questões sociais do local era permeada pela concepção de educação enquanto formação geral do aluno. Dizia ele que qualquer que viesse a ser a profissão do mesmo, a escola deveria despertar-lhe o gosto pela leitura, pela arte e pela música; assim como pelas melhores páginas da literatura mundial e peças de arte e da música (MIGUEL, 2008, p. 20).

A formação de professores no Paraná seguiu o oscilante processo da política nacional para a educação, que parece ter tido o seu momento mais concreto nas décadas de 1950-60. A partir de 1970, “iniciou-se um sistema de desmontagem do sistema de escolas normais” (BALÃO, 2011, p. 89). Há que se referenciar, também, dois outros momentos bastante conturbados para os professores paranaenses: a criação do Programa de Expansão, Melhoria e Inovação no Ensino Médio – PROEM – em 1996, encerrando a oferta dos cursos profissionalizantes, conforme a Resolução no. 4056/96 que propõe:

Art. 1º. Implantar, a partir do início do ano de 1997, o Curso de Educação Geral, de 2º. Grau, em substituição à(s) habilitações do mesmo grau, nos estabelecimentos de ensino onde não haja a oferta deste curso.

Art. 2º. A formalização de substituição dos cursos profissionais por Educação Geral, deverá ser feita pelos Núcleos Regionais de Educação para cada estabelecimento, nos termos da Deliberação no. 030/80 – CEE.

Art. 3º. Determinar que as matrículas iniciais para o ano de 1997, no segundo grau regular, sejam feitas exclusivamente em Cursos de Educação Geral.

Art. 4º. Determinar a cessação gradativa dos cursos profissionalizantes de ensino regular dos setores primários, secundário e terciário, ofertados pelos estabelecimentos de ensino da rede estadual, a partir do início de 1997” (PARANÁ, 1996 apud ARAÚJO, 2006, p. 46).

Os professores passam, portanto, por um processo de enfraquecimento na sua formação, no seu prestígio, na sua valorização enquanto profissional, na sua renda, consequências evidentes da falta de uma política educacional mais responsável. E mais recentemente, os desmandos do atual governador, que no dia 29 de abril de 2015, provocaram enfrentamento entre professores e policiais, evento que ficou conhecido na imprensa brasileira como “A batalha do Centro Cívico”.

Em Cornélio Procópio, a história não é muito diferente. “Em 1955, o Governador em exercício, Antônio Anibelli, assinou o Decreto no. 16824 criando a Escola Normal Secundária de Cornélio Procópio” (ARAÚJO, 2006, p. 54). Da sua criação até hodiernamente, a escola passou por inúmeras dificuldades: desde a mudança constante de sede, por falta de um local exclusivo para ela (o que conseguiu apenas em 1992), até os embates ideológicos, principalmente provocados pela criação do PROEM, em 1996. A comunidade escolar, então, não concordou com tal alteração proposta pelo programa, pois era fundamental que se continuasse oferecendo o Curso Magistério, o que alijou a escola da Secretaria Estadual de Educação, resultando num percurso solitário, sem assessoramento na parte pedagógica, com problemas também no espaço físico. Com a falta de manutenção, os cupins no telhado foram os responsáveis pela interdição do prédio em 2003, sendo reinaugurado em 17 de setembro de 2004.

Mas o Colégio tem muito a comemorar também. Sua comunidade, formada pela direção, docentes, equipe pedagógica, auxiliares administrativos, pais e alunos, sempre privilegiou a participação coletiva: o nome do patrono, a criação da bandeira, o hino com letra e música de Damasco Sotille, são algumas das ações nas quais a participação e a vontade de todos foram respeitadas. É reconhecido como Centro de Excelência do Magistério, título conferido em 1980 pelo Departamento de 2º. Grau da SEED; apresentou o melhor resultado, em 1999, no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, dentre as demais instituições jurisdicionadas pelo Núcleo Regional da Educação de Cornélio Procópio, apesar de ter uma grade curricular voltada para a

formação do professor, diferente do Ensino Médio oferecido pelos demais colégios. E o julgamento mais importante, na visão desta pesquisadora, é o reconhecimento que os próprios alunos têm pelo trabalho desenvolvido pelos mestres, equipe pedagógica e auxiliares. Durante o curso que lhes foi oferecido, era constante o sentimento de orgulho que têm pela instituição e como acham natural o envolvimento com trabalhos e atividades que precisam fazer, reflexo do comprometimento de seus professores.

Isso posto, será esclarecida, a seguir, a forma como se desenvolveu o curso para os alunos do Magistério. O trabalho obedeceu, metodologicamente, às seguintes etapas: pesquisa teórica; elaboração do *Guia de Atividades* (produto educacional); reuniões com o corpo diretivo do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal, visando a um curso de extensão a ser ministrado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Cornélio Procópio (UTFPR-CP).

3.1 NA CORDA BAMBA: CURSO PRESENCIAL

Há uma constatação diária, nos mais diferentes círculos de relacionamentos, da necessidade de um olhar especial para as pessoas diretamente ligadas à criança em sua fase de formação do conhecimento. Da vida familiar à escola, lugar em que tal processo mais se realiza, reconhecidamente, todos devem ter uma preocupação com a forma como o educando recebe e percebe o mundo à sua volta. E um desses processos acontece no momento de aprender a ler porque o futuro desse pequeno está imbricado nas ações desenvolvidas no seu primeiro contato com a palavra escrita.

Muitas são as teorias sobre os procedimentos para se conseguir uma real aprendizagem, tanto para a leitura quanto para a escrita, propostas pelas instituições educativas, mas nem sempre há uma efetiva aplicabilidade em sala de aula. Alguns motivos já foram explanados em capítulos anteriores, porém é bom lembrar: o número de alunos na sala de aula, a falta de condições e recursos das escolas e, o foco desta pesquisa, a formação do professor-mediador de leitura. Assim, unindo à exigência do Programa de Mestrado Profissional de Ensino das Ciências Sociais, Humanas e da Natureza (PPGEN, da UTFPR – LD), a criação de um produto final, e a inquietação da pesquisadora com o profissional que realiza tais atividades, surgiu um manual – *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*.

Nele foram colocadas práticas e experiências criadas e adaptadas, durante sua prática como professora, acrescidas pelas da orientadora e as compartilhadas com várias colegas nesse

longo percurso de quarenta anos. O material que se apresenta pretende ser uma colaboração para os futuros mestres, no momento encantado do desvelamento da palavra escrita.

Entretanto criá-lo apenas não bastava. Com a praticidade dos meios interativos da educação era possível disponibilizá-lo em *sites/blogs* direcionados aos professores. Numa rápida pesquisa na *Internet*, constatou-se a quantidade desse tipo de material existente e, na mesma proporção, o ínfimo número de acessos. O que fazer? Criar um curso destinado aos primeiros mediadores de leitura na escola, os alunos do Magistério-Ensino Normal (Ensino Médio).

Assim, foi elaborado e aplicado um curso de extensão semipresencial, com duração de 40 horas, distribuído em aulas teóricas e atividades extraclasse, norteado por algumas questões: como os textos literários são apresentados às crianças? Quem são as pessoas que promovem essa interação? Quem é o professor que ensina a ler? De que forma ele está recebendo essa formação? A que resultado se chegaria ao final do curso? Para responder a tais questões, foram necessárias várias frentes de trabalho: uma pesquisa sobre a teoria da formação do leitor; o levantamento das leis e normas que regem os cursos específicos para o Magistério no nível médio; a escolha das obras para as leituras dos alunos, no transcorrer do curso, e de outras que foram apresentadas como sugestões para futuras atividades com as crianças; além da seleção das práticas a serem realizadas.

Em uma visita ao Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal, com a colaboração da direção e das coordenadoras pedagógicas, foi estabelecido o número máximo – trinta (30) e mínimo – dez (10) de participantes. Vinte e nove alunos de primeira, segunda e terceira séries se inscreveram, porém vinte e dois chegaram ao final. Sete não deram continuidade ao curso porque eram de outra cidade e dividiam transporte com outros alunos do colégio, não sendo possível conciliar os horários. As aulas foram ministradas às quartas-feiras dos meses de maio e junho de 2017, em sala de aula da UTFPR-CP, das 17h30 às 19h10. Dessa forma, tendo como base o aporte teórico, já indicado em outros capítulos, foram elaborados os planos de aula, que estão disponibilizados nos apêndices.

No primeiro contato com os cursistas, no dia 3 de maio de 2017, uma conversa informal, a título de sondagem, foi estabelecida com eles sobre os temas e assuntos que seriam tratados no transcorrer do curso. Questionamentos como: se tinham a matéria de literatura; como era apresentada e trabalhada no seu fazer escolar; se havia uma preocupação com a leitura; quais os últimos livros lidos; se havia uma preparação para essa atividade; entre outros, deram à pesquisadora um perfil dos alunos que estão sendo formados para o magistério, uma vez que a

grande maioria desses cursos, segundo a investigação em artigos, documentos e leis, têm a mesma base curricular.

Descobriu-se, então, que não existe formalmente a “disciplina Literatura”. O docente responsável por Língua Portuguesa solicita algumas leituras de obras mais conhecidas ou exigidas nos exames vestibulares, não havendo uma preparação, um antes, um durante e um depois bem definidos, para que o leitor compreenda melhor o texto. O aluno lê e, em geral, há uma apresentação, em grupo, do conteúdo, dos personagens, do enredo; ou fazem uma avaliação por escrito da obra lida. Fácil perceber, portanto, a inexistência de uma teoria, de um planejamento e de uma finalidade para tal ação pedagógica.

Outra revelação: Literatura Infantil é ministrada por uma professora que é pedagoga (raramente por alguém que tenha feito o Curso de Letras), o que geralmente leva ao privilégio do utilitarismo da leitura como pretexto para se ensinar outra coisa. Com o texto apresentado não se faz um estudo para saber se pode ser considerado como manifestação artística, a que gênero pertence, o que provocou no leitor, marcas da literariedade.

Com esses dados, foi possível, para a pesquisadora, observar que os estudantes têm pouco conhecimento de aportes teóricos que servem de instrumento para o ensino da leitura e da literatura. Quanto à obra literária, só conhecem as referenciadas no seu currículo escolar, no caso a literatura infantojuvenil. Quando questionados sobre a história literária, os diferentes movimentos estilísticos, autores e obras, geralmente não tinham conhecimento ou os que haviam lido um ou outro romance, não sabiam contextualizá-lo nem com o momento em que fora escrito, nem estabelecer relações com o presente, isto porque não têm aulas da “outra” literatura, segundo eles.

Diante disso, a primeira inferência que pode ser feita é o excesso de matérias previstas nesse currículo escolar; a outra, são indagações: as normas e leis exigidas pelos órgãos oficiais estão privilegiando que tipo de conteúdo? Se as escolas têm a obrigação de cumprir tais programas num espaço de tempo tão pequeno, como querer que esses futuros professores saibam como ajudar a criança a construir o conhecimento?

Com essas observações, o transcorrer do curso foi todo voltado para a concretização entre teoria e prática, unindo a prosa e a poesia.

3.2 VAI, VAI, VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA...

Apesar da pesquisadora desconhecer a ausência da literatura, sem adjetivos – infantil, juvenil, adulto, brasileira, comparada – nos cursos de Ensino Normal, a estratégia para desenvolver o conteúdo foi a experiência de anos de magistério. Se o aluno não sabe ou sabe pouco sobre leitura-literatura, é interessante que os primeiros conhecimentos sejam dados com assuntos que sejam de seu interesse e que tenham equivalentes em outras manifestações culturais do seu dia a dia, e gradativamente sejam oferecidos conteúdos que apresentem maior dificuldade. Assim, no **primeiro encontro** foi abordado o tema: *romance policial/enigma/suspense*, partindo de questionamentos sobre filmes e séries da televisão. No momento em que todos conseguiram traçar algumas características desse tipo de entretenimento, foi iniciada a teoria proposta no manual *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*, ou seja, um breve histórico sobre o romance policial e suas características. E em seguida, ocorreu a leitura de fragmentos da obra *O Gênio do Crime*, de João Carlos Marinho (1969). No final da aula, foram distribuídos dois textos poéticos: *A estrada e o cavalinho*, de Sérgio Caparelli (1987) e *Rataplã*, de Pedro Bandeira (1994), explorando o lúdico, a sonoridade nos poemas, com movimentos de pés e mãos no momento da repetição onomatopaica. O entusiasmo tomou conta de todos. Para a aula seguinte, foi solicitada uma estratégia, presente no Guia, a ser usada com as crianças para o texto narrativo *O Gênio do crime*.



Figura 1 - Prática utilizada: O polvo
Fonte: da autora

As alunas desenharam um polvo com uma cabeça gigante e nela colocaram a palavra “crime” e para cada tentáculo foi escrito outro termo relacionado com a narrativa de João Carlos Marinho (1969), facilitando assim a contação da história.

Outro grupo escreveu o texto abaixo sobre a obra, em forma de notícia sensacionalista, em um jornal televisivo, com repórteres entrevistando os envolvidos no caso. Mais detalhes, nas fotos nos anexos. Uma explicação: nos textos dos alunos, não foram feitas marcas das correções gramaticais, entretanto elas foram realizadas, na lousa, durante as aulas.

DO CÉU AO INFERNO: “VELHINHOS” DO CRIME TÊM SEU ESQUEMA DESCOBERTO

Tudo começou quando dois jovens (Edmundo e José, vulgo Bolacha) desconfiaram de que seus tios estavam participando de um esquema contrabandista e quiseram fazer justiça. Porém mal sabiam eles que a história teria uma reviravolta e de heróis eles passariam a serem as vítimas.

No dia 30 de setembro na cidade do Rio de Janeiro – RJ estes adolescentes motivados por um espírito encorajador seguiram os cambistas, que se encontravam disfarçados de “velhinhos” com o intuito de roubar carros em uma concessionária. Após realizarem o furto, os bandidos retiraram seus disfarces, revelando suas verdadeiras identidades e confirmando a desconfiança dos garotos.

Os criminosos, por alguns minutos, pensaram que não estavam sendo observados e por essa razão tentaram deixar o local sorrateiramente. Todavia quando perceberam a presença dos jovens, não deixaram barato, capturaram os jovens e os levaram até uma fábrica clandestina.

Já no local os meninos sofreram torturas físicas e verbais, o que resultou no medo e na breve desistência de denunciar o esquema de seus tios. Porém, a mãe de um dos meninos (que não quis se identificar) percebeu comportamentos anormais em seu filho, pressionando-o e levando-o até o departamento de polícia da cidade para realizar a denúncia.

O jovem, devido à coerção exercida por sua mãe relatou aos policiais todo o acontecimento. A tortura, o sofrimento e o sentimento de incapacidade que sentiram diante a situação. Depois de este jovem relatar o fato, os outros que o acompanhavam fizeram o mesmo, e assim os policiais tomaram as devidas providências cabíveis, efetuando a prisão dos meliantes.

Figura 2 - Texto produzido pelos alunos

Fonte: da autora

Foram ótimas as apresentações. Ao final de todas, foi solicitada, a cada grupo, uma autoavaliação em que expusessem sua opinião sobre a tarefa. Desde a dificuldade de conciliar horários e ideias, até o fato de uma aluna do grupo da primeira figura “confessar” que havia perdido o medo de expor o trabalho porque os “tentáculos do polvo” funcionaram como um “lembrete” que a impediu de ficar nervosa, facilitando-lhe a explanação. Outras afirmaram que foi muito “legal ler desse jeito”. O grupo que apresentou a notícia sensacionalista, comprometeu-se muito com a tarefa, além de produzir o próprio texto, “construíram” uma filmadora e microfone e encenaram a reportagem como se estivessem na rua. A atividade, portanto, confirmou o que foi desenvolvido na aula: as múltiplas possibilidades de receber o texto literário sempre vão proporcionar o encantamento no leitor.

No **segundo encontro**, foi abordada a estrutura da narrativa histórica tradicional e a contemporânea. O romance *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes (2014), escolhido como obra para estudo, despertou muito a atenção dos alunos porque relata a história da colonização do norte do Paraná, na década de 1930, em especial da cidade de Londrina, terra natal do escritor. A trama faz referência a figuras históricas da Inglaterra – o príncipe inglês Edward, sua amante e depois esposa, a americana Wally Simpson, Winston Churchill, Lord Lovat – dos Fraser, “um clã tão antigo quanto a ideia da Escócia” (LOPES, 2014, p. 16) – e do Brasil: Presidente Getúlio

Vargas, coronel Barboza Ferraz, interventor Manoel Ribas, entre outros. Cita também fatos concretos como a ponte sobre o rio Tibagi, a conclusão da estrada de ferro São Paulo-Paraná, permitindo o escoamento de todo tipo de produto pelos portos de Santos e do Rio de Janeiro; dados históricos comprovados, como a Missão Montagu (LOPES, 2014, p. 33); a presença de padres palotinos, em sua grande maioria alemães, na região; a guerra dos bôeres entre franceses, holandeses e a Inglaterra, na África do Sul, entre outros. Após a leitura de trechos do livro em questão, houve uma troca de impressões de leitura entre os cursistas, despertando a curiosidade para a importância de se conhecer a história desse período, para distinguir a ficção da realidade.

Em seguida, houve o trabalho com o texto poético escolhido para a aula, *O buraco do tatu*, de Sergio Caparelli (1987). Interessante que ao final de cada estrofe é preciso completar a rima com uma palavra e, apesar de ser feito em grupos, nenhum grupo conseguiu a rima para a terceira estrofe, sem buscar no dicionário. Isso serviu para chamar a atenção sobre a avaliação e o papel do professor na sala de aula: não se pode desmerecer um trabalho inteiro por causa de um item que não foi respondido. Após a apresentação e comentários sobre o poema *Os estatutos do homem*, de Thiago de Mello, foi solicitado aos estudantes que fizessem um decálogo com tema livre, como trabalho extraclasse. A seguir um dos textos redigidos por eles, apresentado no início do terceiro encontro.

Decálogos Rimados

Fica decretado que agora não haverá mais violência
 Que agora haverá punição e consequências
 E que será punido qualquer um que transgrida os direitos do indivíduo

Fica decretado que agora não haverá mais desrespeito ao professor
 Que agora ele será reconhecido como um importante mediador
 E que será punido todo aquele que desmerecer o trabalho desse indivíduo

Fica decretado que agora não haverá mais corrupção
 Que agora haverá punição
 E que será castigado todo aquele que é ladrão, independente de condição financeira, raça ou religião

Fica decretado que toda criança terá alimento
 Que agora todas terão família
 E que não faltará um lar aconchegante para morar

Fica decretado que o meio ambiente deve ser cuidado
 Que agora as florestas não vão ser desmatadas
 E que novas plantas serão cultivadas

Fica decretado que agora não haverá mais guerra
 Que a paz e o amor prevaleçam sobre a terra
 E que o ódio será extinguido como um solução antiguerra

Fica decretado que agora haverá o respeito pela mulher
 Que agora deve ser tratada como flor
 E que nunca mais sentirá o peso da violência de seu amor

Fica decretado que agora não haverá miséria
 Que ninguém jamais sofrerá com a fome ou com a falta de um teto
 E agora todos terão os direitos que lhe serão garantidos na constituição

Fica decretado que agora você deverá cuidar do seu animal de estimação
 Que agora você não tem direito de trata-lo como pano de chão
 E agora deve apenas cuidar, dar carinho e atenção

Fica decretado que agora não haverá mais machismo
 Que agora a mulher não será discriminada ou desvalorizada
 E que nenhum sexo será considerado superior

Figura 3: Texto produzido pelos alunos

Fonte: da autora

Como é possível observar, o texto reproduziu satisfatoriamente a proposta explicada no Guia, utilizando uma linguagem simples, um grau bastante elevado de emotividade, natural dessa fase da vida de jovens em formação. Após a avaliação oral, algumas questões foram colocadas pelos alunos: as rimas, o tamanho dos versos, alguns erros gramaticais, repetição de muitas palavras. Foi o momento em que a docente teve a oportunidade de explicar noções de versificação, diferença entre poema e poesia, a qualidade (riqueza ou pobreza) das palavras usadas no texto – quando é uma repetição comum que deve ser evitada e quando é uma figura de linguagem, enfática, servindo para enriquecê-lo. Ao contrário do que geralmente acontece

em sala, na “aula do erro”, houve grande descontração, os cursistas se corrigiam, lembrando de normas da gramática que já haviam aprendido, e perceberam como é necessário fazer uma revisão em tudo o que se escreve. Para a aula seguinte, foram indicados dois vídeos de obras literárias consagradas: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, para assistirem no *Youtube*:

No **terceiro encontro**, após a apresentação oral dos decálogos, houve a leitura do texto teórico sobre as sequências básica e expandida, de Rildo Cosson (2009), constante em *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*. Cada item da teoria foi exemplificado com a obra *Guerra do Chicletes*, de Miguel Sanches Neto (2014). A **motivação** – o que esperar de um livro com esse título? **Introdução** – leitura semiótica da capa, observando cores, desenhos, tamanho das letras. **Leitura e Interpretação** – sugestões de práticas do manual: *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*. Para a sequência expandida, foram exploradas outras formas de arte como os vídeos que eles assistiram em casa, o poema *Morte e vida severina e Vidas Secas*, atividade proposta na aula anterior, além de letras e melodias do cancionário popular (*Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; e *A seca*, de Alceu Valença) assim como relação entre elas e a sua contextualização nos momentos da criação e da leitura. Com as letras das canções foi possível um trabalho também com a forma poética, evidenciando-se a diferença entre o erudito e o popular, indicando que cada texto traz em si um objetivo e independente a que público é destinado, a sua função maior é despertar a sensibilidade, provocando uma mudança na visão de mundo do leitor. Em outras palavras, não se pode passar ileso por um texto.

Já com mais conhecimento dos múltiplos significados que a palavra tem, foi proposto um trabalho monitorado a distância, por meio de troca de *e-mails* ou pelo *whatsapp*, sobre a contextualização do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2000), dos poemas *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto (1966), e *Os estatutos do homem*, de Thiago de Mello, de quadros da série *Os Retirantes*, de Portinari (1944). Ainda houve a leitura do livro *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*, de Otavio Roth (1995), mostrando que escrever poemas é uma maneira lúdica de expor os sentimentos. Partindo desse pequeno poema, os discentes criaram “dez coisinhas”, com tema livre.

10 cozinhas que deixam minha avó feliz.

Receber os netinhos em seu lar;
Ter florzinhas para cuidar;
Café da tarde para arrumar.

Ter animaizinhos de estimação;
Fazer a massa e amassar o pão;
Receber carinho de montão.

Companhar sua novela;
E que ninguém pegue o controle dela.

Costurar por prazer;
E relaxar por lazer!

Figura 4 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

Amigos

Os amigos me deixam feliz
como polhais enfeitados com bolinhas no nariz.

Os amigos me deixam feliz
porque com eles posso contar.

Os amigos me deixam feliz
porque com eles posso contar, pular e dançar, sem
me impatar.

Os amigos me deixam feliz
por nas minhas horas me acompanhar.

Os amigos me deixam feliz.
por sempre me ajudar a engordar.

Os amigos me deixam feliz
por estar ao meu lado, sempre que precisar.

Os amigos me deixam feliz
por nos momentos de tristeza, me aturar.

Os amigos me deixam feliz
por minhas lágrimas enxugar.

Os amigos me deixam feliz
por serem um ombro onde me apoiar.

Então, amigos me deixam feliz
por serem quem meu coração escolheu para amar.

Figura 5 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

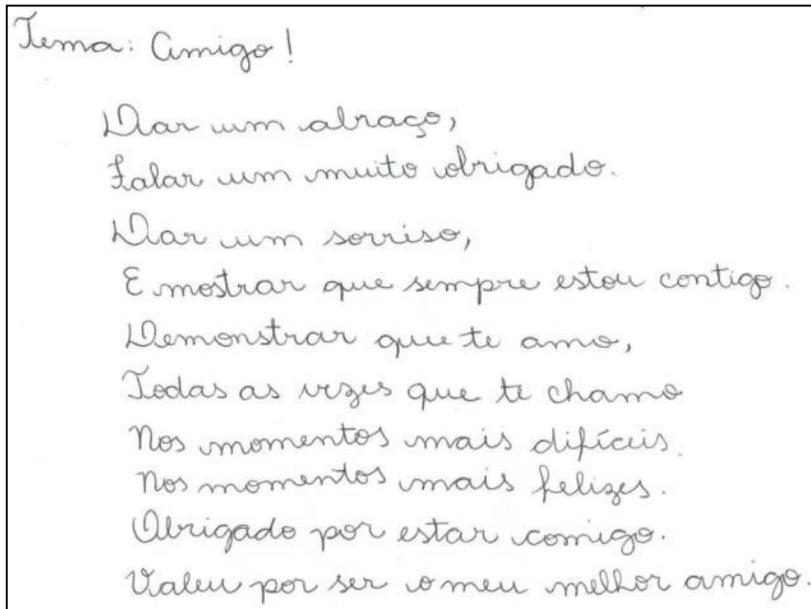


Figura 6 - Produção dos alunos

Fonte: da autora

Na apresentação dos textos produzidos por eles, foi possível comentar sobre os recursos disponibilizados para quem escreve. Figuras linguísticas como anáfora, metáfora, hipérbole, elipse, entre outras, devem estar presentes tanto nas narrativas como nos poemas e saber usá-las é fundamental. É uma maneira de enriquecer a escritura, possibilitando a multiplicidade de sentidos e interpretações.

Na **quarta aula** foi estudado o *Método Receptional*, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, uma vez que o mesmo é sugerido pela Secretaria de Estado da Educação (PARANÁ, 2008). Mais uma vez foram utilizados capítulos de *Vidas Secas*, e de *Morte e vida severina*, e também do quadro *Os Retirantes*. Nesse encontro, de acordo com as expectativas da pesquisadora, houve muita participação, uma interação até inesperada dos alunos sobre o que liam/viam/ouviam e eles propuseram a montagem de alguns trechos do poema, intercalando com músicas, para uma apresentação na sua escola de origem. Ideia que foi muito bem aceita. A demonstração desta interatividade pode ser observada no *Jornal* que criaram sobre o tema, nos anexos dessa pesquisa.

Dentre as várias práticas propostas no produto final, *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*, há uma em especial para a pesquisadora: o jornal que, pela diversidade de seções que apresenta (editorial, notícias, cartas, classificados), oportuniza uma miscelânea de gêneros textuais. Para quem trabalha com redação é, talvez, a mais rica fonte de pesquisa. Por isso foi solicitado como um dos trabalhos finais do curso. As equipes se esmeraram ao produzi-lo, dando muita atenção à apresentação gráfica, à ilustração e principalmente ao conteúdo.

Continuando o trabalho com a poesia foi entregue o texto *O rato Roque*, de Sérgio Caparelli, como atividade extraclasse, para ser apresentada na aula seguinte. Os trabalhos foram ótimos como seguem:



Figura 7 - Produção dos alunos
Fonte: da autora



Figura 8 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

Nessa prática, os alunos trabalharam com o movimento, a acuidade visual e a atenção da criança. No cartaz de fundo azul, centralizado, encontra-se o rato Roque. Pedacinhos de fita crepe com cola dos dois lados ou de velcro foram espalhados ao redor da figura central enquanto as palavras do poema, foram distribuídas para a turma. Iniciou-se a leitura do poema e à medida que foram surgindo os objetos, os alunos levantavam-se para colocá-los sem lugar fixo. É interessante porque todos ficaram atentos. Para alguém menos inteirado desses recursos, é provável o julgamento de falta de disciplina na sala de aula, quando, na verdade, é mais uma atividade super prazerosa para os discentes.

No **encontro seguinte, o quinto**, foram abordadas questões mais específicas sobre *poesia*. Alguns alunos lembraram de poemas que haviam lido e questionaram sobre a parte mais técnica do poema como rima, verso, número de sílabas poéticas, por que alguns poemas têm estrofes e outros não. Como nas aulas anteriores, além do contato com o texto poético, a docente deixava muitos livros à disposição da curiosidade deles. Várias outras leituras foram feitas porque foram impelidos a manuseá-los, usando-os como exemplos para cada pergunta que faziam. Num momento de descontração foi lido, em forma de jogral, o poema *O pato*, de Vinícius de Moraes (1980), chamando-se a atenção para os múltiplos significados que a palavra tem e a forma como os escritores a empregam. Também nessa aula foram solicitados os dois últimos trabalhos do curso, a serem entregues no final de junho: o jornal, já descrito; e do Guia de Atividades, a prática Uma história, outro livro, para a qual deveriam fazer capa, contracapa, ilustrações, orelhas, uma pequena biografia do autor escolhido. Cada grupo escolheu o autor que desejava e no prazo marcado entregaram as tarefas, todos muito bem confeccionados,

todavia o livro que mais chamou a atenção da pesquisadora foi *Saco de brinquedos*, de Carlos Urbim (1997). O texto é do autor e as ilustrações do grupo.

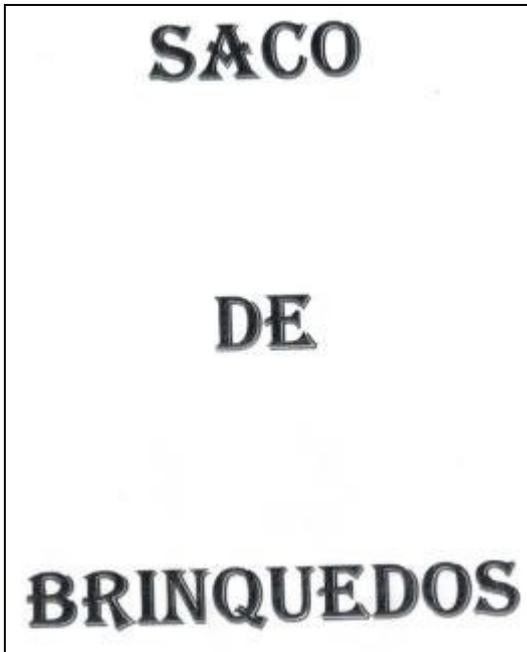


Figura 9 – Produção dos alunos
Fonte: da autora

Carlos Urbim nasceu em Sant'Ana do Livramento, no dia 4 de fevereiro de 1948. Transferiu-se para Porto Alegre, onde graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde 1968 atua como profissional junto aos principais meios de comunicação rio-grandenses. Pai de Emiliano e Glauco, é casado com a jornalista Alice Urbim. Ocupou, entre outros, os cargos de diretor da Rádio da UFRGS, correspondente

da revista IstoÉ, editor de Cultura da Folha da Manhã e do Diário do Sul, editor de cadernos de Zero Hora e editor de História da RBS TV.

Figura 10 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

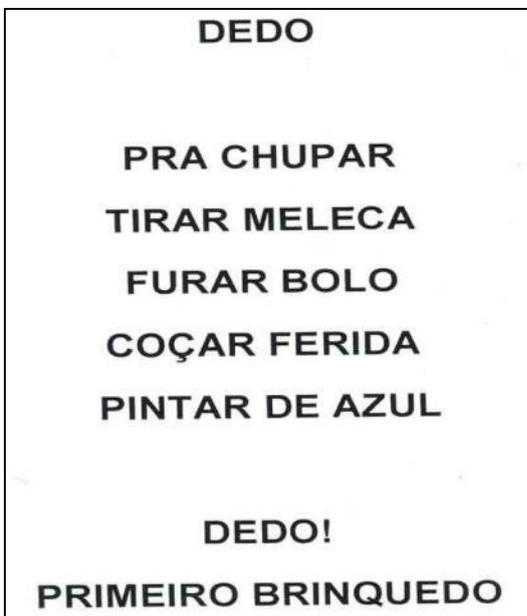


Figura 11 - Dedo
Fonte: Carlos Urbim



Figura 12 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

CHOCALHO

SE NÃO FOSSE TÃO BOM
 TOCAR E MORDER
 BABAR, FAZER DANÇAR
 JOGAR NO ASSOALHO

SE NÃO FOSSE ASSIM
 TÃO COLORIDO, DIVERTIDO
 NEM HAVERIA CHOCALHO

Figura 13 - Chocalho
 Fonte: Carlos Urbim



Figura 14 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

BONECO DE PANO

SE FOR DE PANO
 NÃO HÁ ENGANO:
 BOTÃO NO OLHO
 BOCA PINTADA
 MUITO REMENDO
 CABELO DE LÃ
 QUE PODE PENTEAR
 - ESSE BONECO
 SÓ FALTA FALAR!

Figura 15 - Boneco de Pano
 Fonte: Carlos Urbim



Figura 16 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

URSO DE PELÚCIA

BARRIGA À ESPERA
DE MÃO CARINHOSA
NA PELÚCIA CEBOSA

ANDA PELA CASA
TODO PROSA
BRINCA NO BANHEIRO

URSO ALMOFADA
É TRAVESSEIRO
O ANO INTEIRO

Figura 17 - Urso de Pelúcia
Fonte: Carlos Urbim



Figura 18 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

BOLA

BOLA DE MEIA
ROLA GABOLA
FORMA MAROLA
NA AREIA

BOLA DE PANO
NUMA BOA PELADA
FAZ O DONO DO PÉ
PENSAR QUE É PELÉ

Figura 19 - Bola
Fonte: Carlos Urbim

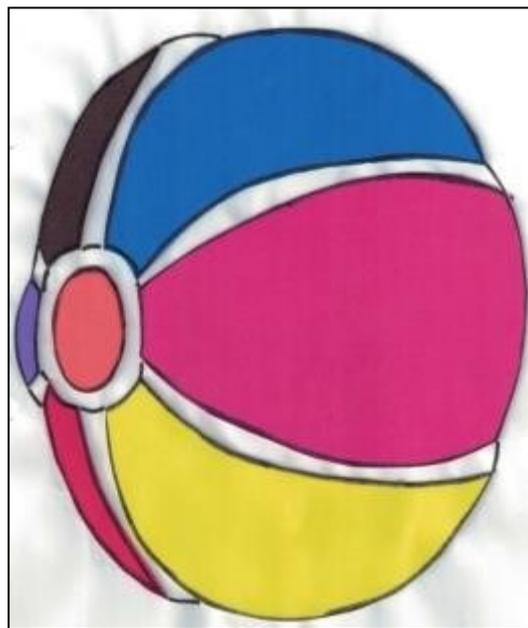


Figura 20 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

PETECA

**SABUGO DE MILHO
E QUATRO PENAS
ENFIADAS NA CARECA**

**REQUEBRA, SALTA
QUE NEM PERERECA
- É TÃO SAPECA!**

**FAZ CARETA
INVENTA PIRUETA**

**PETECA MOLECA
ALEGRIA DA RUA
SE PUDESSE VOAVA
PARA UMA SONECA
NA PONTINHA DA LUA**

Figura 21 - Peteca
Fonte: Carlos Urbim



Figura 22 – Produção dos alunos
Fonte: da autora

BARCO DE PAPEL

**NAVEGA PELA SARGETA
VAI TRANQUILO PELO RIO**

**MAS, CUIDADO!
O PIRATA PERNETA
AMEAÇA O NAVIO**

**ACONTECE A LUTA:
PERNETA NO DESVIO
FOGE PRA GRUTA**

**E O BRQUINHO
DE FOLHA DE JORNAL
VENCE O MAL NO FINAL**

Figura 23 - Barco de Papel
Fonte: Carlos Urbim



Figura 24 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

PANDORGA

**CINTURA TÃO FINA
PARECE MENINA
ALEGRE A BRINCAR**

**GENTIL BAILARINA
SÓ PENSA EM VOAR**

**- PANDORGA, ME LEVA
PRA SANTA MARIA
DEPOIS ME CARREGA
PRO SUL DA BAHIA**

Figura 25 - Pandorga
Fonte: Carlos Urbim

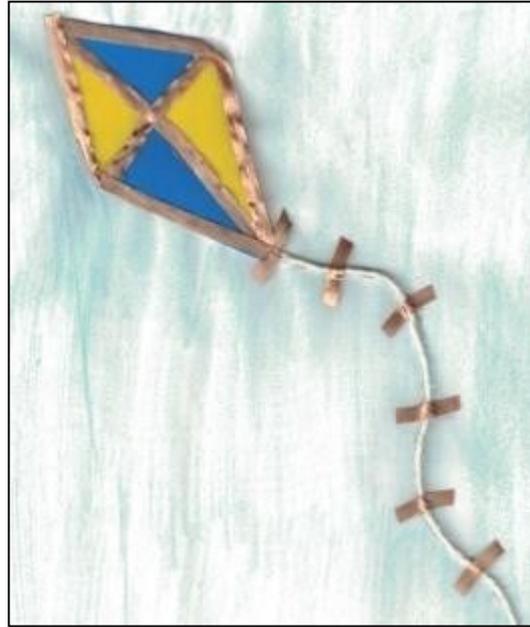


Figura 26 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

CASTELO DE AREIA

**AQUI SÃO AS DUNAS
QUE ESCONDEM ESCUNAS**

**DEPOIS HÁ O LAGO
CUJO DONO É UM MAGO**

**BEM NO MEIO
CADA TORRE É FEITA
COM UM BALDE CHEIO**

**NO CASTELO DE AREIA
MORA O TAL MAGO
QUE AMA A SEREIA**

Figura 27 - Castelo de Areia
Fonte: Carlos Urbim

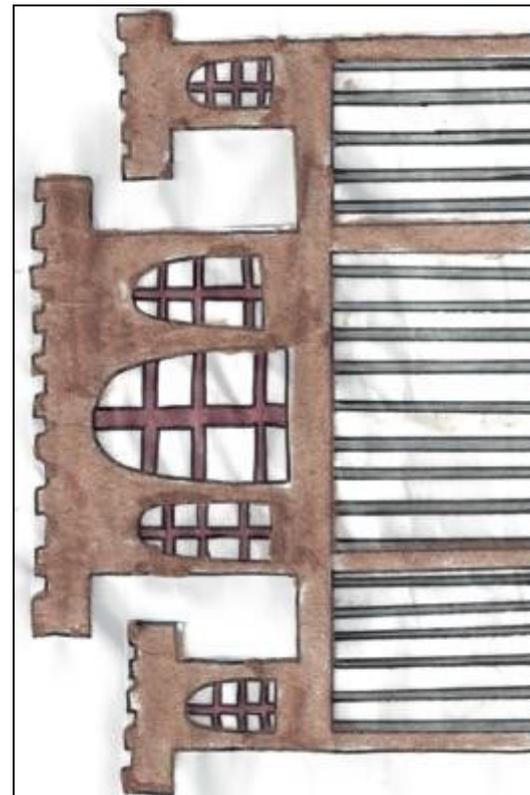


Figura 28 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

CATA VENTO

**CARTOLINA DOBRADA
NAS PONTAS PREGADA
SOBRE UMA VARETA**

**GIRASSOL DE PAPEL
EM TOTAL MOVIMENTO
A FAVOR DO VENTO**

**COLOCADO NUM POTE
É QUE NEM MOÍNH
DE DOM QUIXOTE**

Figura 29 - Cata Vento
Fonte: Carlos Urbim



Figura 30 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

CAVALO – DE – PAU

**NA ERA MEDIEVAL
O HEROI, PRINCIPAL,
ANDA ATRÁS DO GRAAL**

**PRECISA SALVAR
A PRINCESA
QUE FOI PRESA
PELO REI INIMIGO
COM CARA DE MAU**

**- LÁ VAI O HEROI
NO CAVALO - DE – PAU**

**USA CABO DE VASSOURA
CONTRA A ESPADA MOURA**

Figura 31 - Cavalo-de-Pau
Fonte: Carlos Urbim



Figura 32 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

PERNA – DE – PAU

NUMA TERRA DE GIGANTES
 COMO HAVIA ANTES
 TODO MUNDO SONHA ALTO

NADA É DISTANTE:
 O PERNALTA DÁ UM SALTO
 ATRAVESSA O PLANALTO

DEPOIS, EM PASSO LENTO
 VAI DAQUI A LIVRAMENTO

Figura 33 - Perna-de-Pau
 Fonte: Carlos Urbim



Figura 34 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

BOLHA DE SABÃO

BASTA UM COPO D'ÁGUA
 UM POUCO DE SABÃO
 CANUDO PRA SOPRAR
 - TEM QUE SER DEVAGAR!

A BOLHA SE FORMA
 MANDA PRO AR
 A ESFERA TRANSPARENTE
 QUE ENCANTA A GENTE

HÁ QUEM ESCOLHA
 ENXERGAR NUMA BOLHA
 UM ESTRANHO ESCAFRANO
 DE UM ET MALANDRO

Figura 35 - Bolha de Sabão
 Fonte: Carlos Urbim



Figura 36 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

TREM DE LATA

**TRÊS LATAS DE AZEITE
FORMAM OS VAGÕES**

**BEM NA FRENTE
UMA LATA DIFERENTE
É A LOCOMOTIVA**

**DENTRO DELA, CARVÃO
EM BRASA VIVA
QUE FAZ FUMAÇA
DE CALDEIRA A VAPOR**

**ATRÁS DÁ PRA POR
OUTRA LATA MAIOR**

**- É O CARGUEIRO
QUE CARREGA MILHO
SEM SAIR DO TRILHO**

Figura 37 - Trem de Lata
Fonte: Carlos Urbim

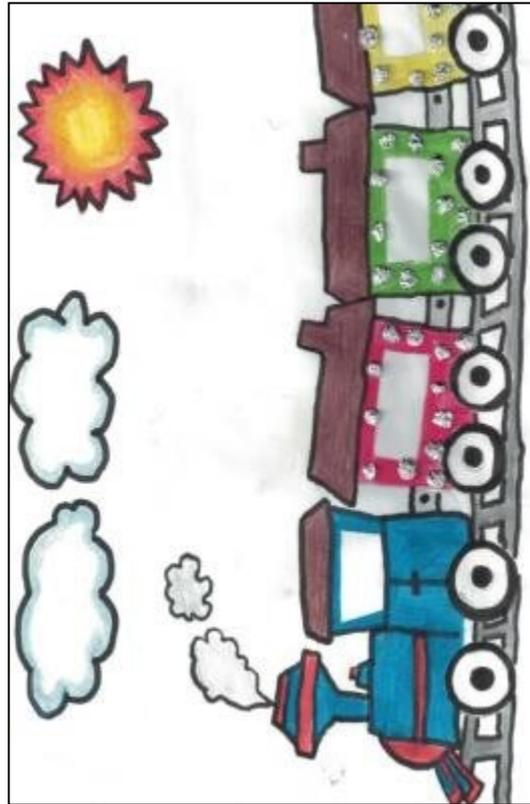


Figura 38 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

CINCO MARIAS

**CINCO PEDRINHAS
QUE SÃO ENCONTRADAS
AÍ MESMO NA RUA**

**UM, DOIS, TRÊS
QUEM NÃO ACERTA
JOGA OUTRA VEZ**

**NA HORA DO QUATRO
SÃO TODAS JUNTAS!**

**DEPOIS VEM A PONTE
DAS CINCO MARIAS
(CINCO ALEGRIAS!)**

**LINDAS, GRACIOSAS
SÃO PEDRAS PRECIOSAS**

Figura 39 - Cinco Marias
Fonte: Carlos Urbim

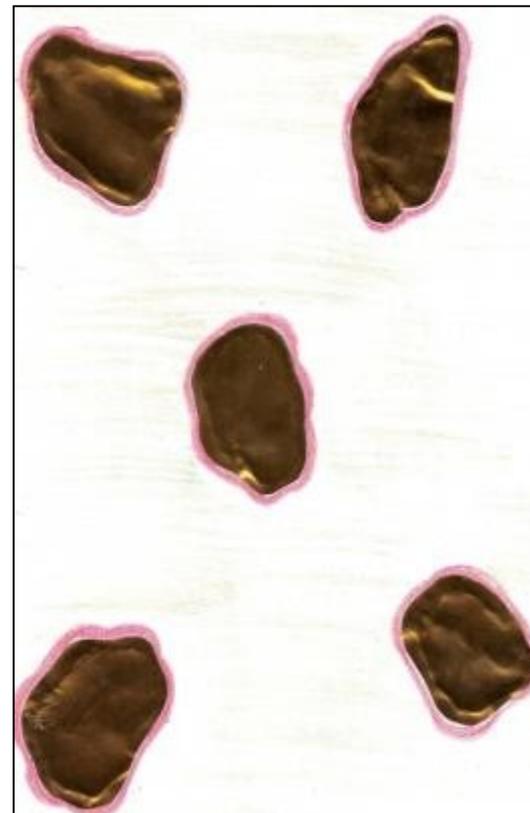


Figura 40 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

TROPA DE OSSO

SOPA DE MOCOTÓ?
DEPOIS DO ALMOÇO
TEM TROPA DE OSSO!

A POUCA DISTÂNCIA
UM CANTO DO PÁTIO
SERVE DE ESTÂNCIA

BRINQUEDO GAÚCHO
JÁ EXISTIA NA VACARIA:
- SEPÉ ERA MOÇO!

NO NEGRINHO DO PASTOREIO
TAMBÉM BRINCA DE RODEIO
COM ESSE GADINHO DE OSSO

Figura 41 - Tropa de Osso
Fonte: Carlos Urbim

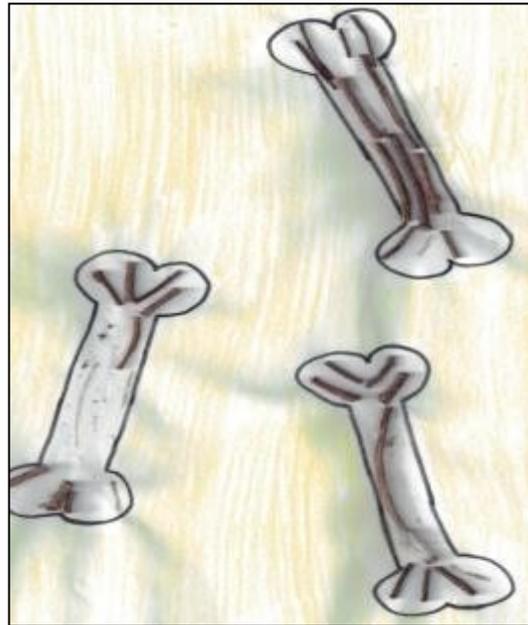


Figura 42 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

TAMBOR DE LATA

PUXA O DESFILE
NA FRENTE DA BANDA

É QUEM COMANDA
CHEIO DE GARRA
TODA A FANFARRA

VAI À GUERRA:
NA DEFESA DA TERRA
É CANHÃO DE AÇO
EM DIA DE CIRCO
ANUNCIA SORRINDO
PIOLIM, O PALHAÇO

SONHADORES OUVEM
TAMBOR DE LATA
TOCAR BEETHOVEN

Figura 43 - Tambor de Lata
Fonte: Carlos Urbim

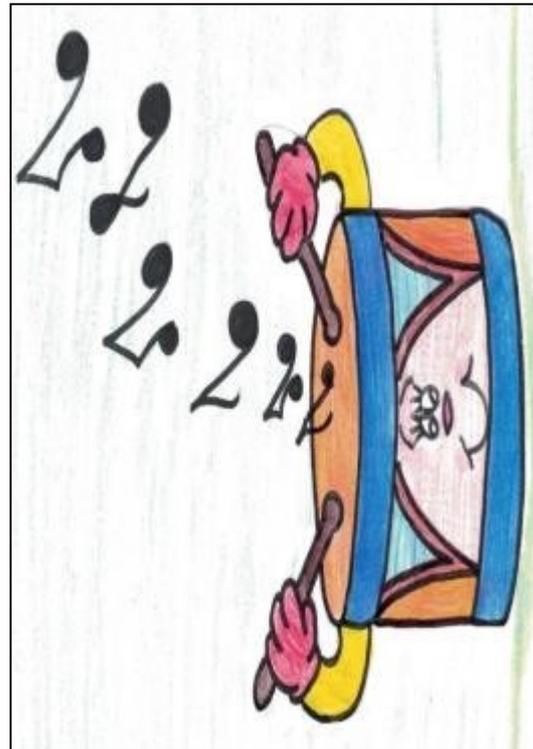


Figura 44 - Produção dos alunos
Fonte: da autora

BALÃO DE SÃO JOÃO
 BALÃO DE SÃO JOÃO
 DARUA DO SABÃO
 - É BRINUEDO E SONHO!
 DORME TRISTONHO
 SE FOR PROIBIDO
 BALÃO FEITO À MÃO
 A FOGO MOVIDO
 NEM FICA TONTO
 QUANDO É UM PONTO
 EM VOO NOTURNO
 RUMO A SATURNO

Figura 45 - Balão de São João
 Fonte: Carlos Urbim

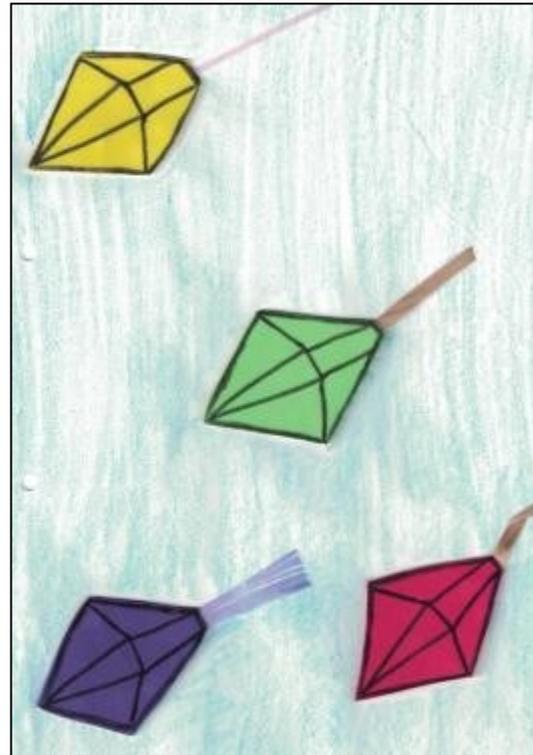


Figura 46 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

SACO DE BRINQUEDOS
 TODO MUNDO SONHA
 COM UM SACO CHEIO
 PRA BRINCAR NO RECREIO
 SE O SONHO ACONTECE
 ACORDA A LEMBRANÇA
 DE CADA CRIANÇA
 - SE O MEU É PEQUENO
 O TEU É MAIOR!
 CADA UM PÕE NO SACO
 O QUEACHA MELHOR

Figura 47 - Saco de Brinquedos
 Fonte: Carlos Urbim

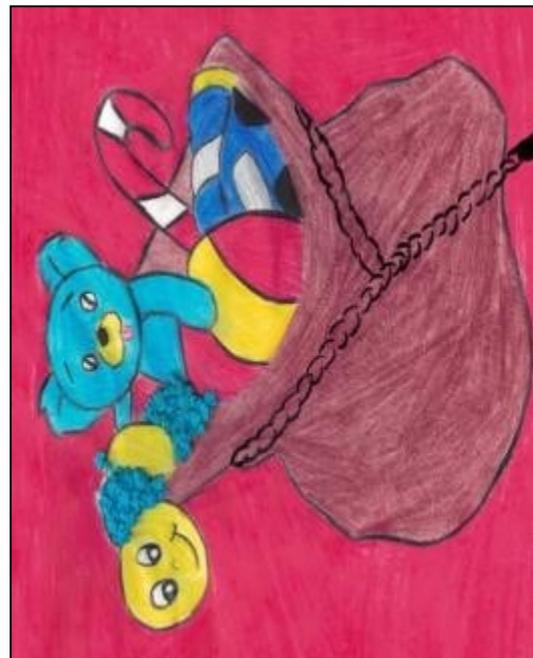


Figura 48 - Produção dos alunos
 Fonte: da autora

As ilustrações chamaram a atenção porque o grupo percebeu a importância de elementos sensoriais como visão, tato e olfato, para a manipulação dos pequenos. Exemplificando: em algumas palavras, como os “dedos”, usaram tinta guache, bem colorida, em alto relevo; no “boneco”, o cabelo foi feito com lã; a “bola”, com e.v.a bem colorido; o “barquinho”, com

É mais comum que os acrósticos tenham a palavra iniciando o verso. Entretanto, e isso foi posto para eles, ela pode aparecer no meio, o que, segundo eles, facilitou a criação.

Finalizando os encontros presenciais, foi realizada oralmente, pela professora ministrante do curso, uma retrospectiva de tudo o que foi realizado durante os encontros. Merecem destaque: a assiduidade dos cursistas que, apesar alguns minutos atrasados, todos tiveram cem por cento de frequência e a participação nas atividades em sala quanto fora dela. Nesse último dia, entretanto, apenas dezoito alunos estavam presentes, situação previamente combinada com a turma, em razão do acúmulo de atividades já programadas em sua escola de origem, como apresentação de trabalhos, provas e estágios. Sem a timidez inicial, houve uma autoavaliação: **primeiro dos cursistas** – as expectativas sobre o que encontrariam, como isso seria realizado, a preocupação com a avaliação; o que aprenderam sobre leitura-literatura e como isso foi esclarecedor para suas práticas; a possibilidade de outras formas na apresentação dos próprios trabalhos; o que já estavam aplicando no estágio exigido pelo Ensino Normal, nas escolas da cidade.

Reconheceram a necessidade de aprofundar os conhecimentos indispensáveis para sua formação; o quanto foi importante sua participação na aula; o convívio com os colegas, às vezes desgastante porque cada um tem uma opinião, originando discussões intermináveis. Discorreram também sobre os comentários feitos em casa, sobre o curso, da exposição dos trabalhos no colégio, uma vez que grande parte deles tem familiares professores e, o mais importante, que não sabiam tudo, mas que já tinham um outro norte para suas leituras e até para a possibilidade de continuar no magistério.

Depois analisaram os materiais didáticos oferecidos como fonte de estudo: o manual *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*, os vídeos, filmes, letras de música e os textos impressos, percebendo quanto mais interessante fica uma aula, quando se dispõe de tais suportes. Vale ressaltar o entusiasmo demonstrado ao apresentarem seus próprios materiais, estabelecendo uma sadia “competição” entre o que a professora mostrou e o feito por eles.

Também julgaram a ministrante: momento muito especial, pois é esse *feedback* que possibilita a continuação do trabalho. Itens como didática, atualização, domínio de conteúdo criam autoconfiança; ser pontual, cumprir horário, planejar atividades, ouvir e acatar a voz do aluno, geram respeito, mesmo com as divergências, e é muito importante que elas existam, pois provocam um bom relacionamento e a aprendizagem se faz de forma mais prazerosa.

Para a **pesquisadora**, ficou a certeza da profissão escolhida, em primeiro lugar. Estar em sala de aula é gratificante, recompensador quando se tem a oportunidade de verificar *in loco* a mudança operada pelo trabalho desempenhado. As práticas realizadas durante esse curso

específico vieram confirmar que é possível, por meio da diversificação de atividades, construir um aprendizado, ouvindo e compartilhando sugestões e experiências. Como escreveu Guimarães Rosa: “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Há, portanto, que se ter humildade para ouvir, refletir e aceitar a opinião do outro. Todo ser humano, em especial a criança, sente-se valorizada quando alguém lhe dá atenção, reconhece, elogia o que ela produziu, e o professor não pode esquecer que será sempre modelo em sala de aula: quanto mais cumplicidade estabelecer com seus alunos, mais produtivo será o seu fazer.

4 VAI, VAI, VAI, ACABAR A BRINCADEIRA... PALAVRAS FINAIS

A inquietação com o ensino, em especial com a leitura, esteve presente ao longo de anos de docência da pesquisadora. Da Escola Normal, formadora dos primeiros passos rumo ao magistério, passando pelo Curso de Letras e o interesse por querer saber sempre como melhorar a prática em sala de aula, motivou esta pesquisa, expondo no 1º. Capítulo, o papel que o professor exerce na formação de leitores, principalmente na fase inicial desse processo de aquisição/construção de conhecimentos.

Na sociedade brasileira, o primeiro contato com o livro, na maioria das vezes, é feito na escola. Daí o cuidado de se ter um profissional capaz de bem orientar os pequenos porque eles estão descobrindo mundos até então não revelados. A capacidade leitora passa pela voz, olhos e mãos do professor. É ele que descortina a aquisição de códigos, das muitas linguagens possíveis para o entendimento de mundo, que o aprendiz desenvolverá durante o seu crescimento.

E tudo isso se dá pelas práticas de leitura e escrita. Conforme já descrito, o conhecimento de outras civilizações só foi possível pelos incontáveis desenhos encontrados nas cavernas e dos hieróglifos espalhados pelo mundo todo. Percebe-se, assim, que escrita e leitura sempre estiveram lado a lado, e séculos depois, mesmo o homem vivendo na era digital, elas são a base para qualquer prática social.

Não se sabe ao certo sobre o tipo de sensibilidade que as gerações, expostas sobremaneira ao mundo virtual, apresentarão no futuro. Ignorar ou dar menos relevância ao livro físico, preterindo-o às múltiplas possibilidades que as novas tecnologias oferecem, é impedir-lhes à emoção lenta e duradora de se ir descobrindo, numa brincadeira de esconde-esconde, em cada significado da letra, da palavra, do texto. É coibir-lhes do compartilhar com o colega os sentimentos resultantes daquele momento de conversa com o livro. Por isso, o professor não pode ser um autômato reproduzidor de informações. A sua vivência será o diferencial entre o aprendiz que se apaixona pelo mundo mágico das palavras e aquele que apenas passa por elas.

Em contato com muitas teorias e outras tantas práticas, foi possível observar a necessidade que os docentes têm de se preparar para tal finalidade e ao se propor um curso aos

alunos em formação para o magistério, confirmou-se que não é praticável entrar em uma sala de aula sem o conhecimento prévio do conteúdo que se quer oferecer e sem se saber a respeito do conhecimento dos alunos sobre o que será visto. A elaboração do manual *A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*, que será disponibilizado tanto digitalmente quanto em versão impressa (livreto), abordando com simplicidade como levar a obra literária para a criança, é uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento de ações interativas como a escrita, a oralidade, o lúdico, os valores, as reflexões que transformam o mundo circundante de todos. Isso foi constantemente verificado durante os encontros presenciais do curso, bem como se pode verificar nos trabalhos apresentados pelos discentes, cumprindo-se portanto, os objetivos propostos. Vale ressaltar a exposição dos trabalhos, (fotos nos apêndices), no dia 6 de outubro de 2017, data em que houve a reunião de pais e responsáveis pelos alunos, com toda equipe de direção, pedagógica e auxiliares, do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal. Foi gratificante ver a reação da comunidade escolar: para muitos, uma grande surpresa porque desconheciam que os alunos/filhos frequentaram um curso específico sobre leitura.

Assim como foi apresentado no 2º. Capítulo, é muito significativo o contato com outras leituras. A experiência da pesquisadora foi acrescida dos múltiplos sentidos, cada cursista complementando com seus trabalhos, tanto nas aulas presenciais como nos trabalhos monitorados a distância, alguns escritos e outros apresentados nos apêndices deste estudo, ficando claro que um bom começo para formar o leitor é a preocupação com os interesses dele.

A revisão ao aporte teórico foi de grande valia, uma vez que possibilitou à pesquisadora a atualização de conhecimentos adquiridos em tempos de estudante que estavam adormecidos nesses anos em que a sua ação pedagógica esteve mais voltada para os conteúdos exigidos nos cursos superiores, nos quais leciona. Reviveu-se momentos de pura magia ao se deparar, novamente, com a beleza da palavra poética, com o deslumbramento dos cursistas diante das inúmeras possibilidades de se ensinar a ler, mas principalmente, a gostar da boa literatura.

A retrospectiva apresentada no 3º. Capítulo foi necessária para que a pesquisadora tivesse um *feedback* sobre a aplicação, desenvolvimento e finalização do curso proposto aos alunos do Ensino Normal, principalmente para verificar sobre a aceitação, aplicabilidade e resultados do manual (*A Cartola Mágica das Palavras: Guia de Atividades*), uma vez que ele é um dos produtos finais – o outro é o próprio curso – exigido para o encerramento do Mestrado Profissional.

Foram momentos de aprendizado para ambas as partes. A atenção dos discentes era sempre chamada para verificar como as aulas eram conduzidas, da importância do planejamento, da flexibilização dos planos diante das dúvidas que eles apresentavam. Algo que

a ministrante fez questão de ressaltar: nunca deixe o aluno sem resposta para sua dificuldade, e se não a tiver instantaneamente, não se deve ter vergonha ou receio de dizer que vai trazê-la na aula seguinte. Imperdoáveis são: a resposta errada, ignorar a pergunta ou não cumprir tal promessa. Por outro lado, o comportamento deles na sala de aula também foi comentado e discutido, porque se estabeleceu, desde o primeiro encontro, que os trabalhos seriam em grupo. Pode-se observar a formação das conhecidas “panelinhas”. Indagados sobre tal escolha, as desculpas apareceram rapidamente: porque eram da mesma série, ou da mesma cidade, ou se conheciam muito bem, o que facilitava o trabalho visto que alguns estudam juntos desde que começaram a vida escolar. Diante disso, foi proposto que nas atividades realizadas em sala de aula, eles deveriam se reorganizar. Não foi fácil demonstrarem boa vontade em alterar o hábito, porém as divergências foram pouco a pouco sendo vencidas e ao final concluíram ter sido válida a experiência.

A comprovação, de que tanto o curso quanto o manual deram bons resultados, ficou evidente nos comentários positivos dos pais e professores depois da exposição realizada no Colégio. Vale ressaltar que há possibilidade dos mesmos serem ofertados, no próximo ano, por solicitação da direção e equipe pedagógica da referida instituição.

Também há que se registrar, que houve a apresentação do manual no *evento científico Selitec* – Simpósio de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias, promovido pela Universidade Norte do Paraná – Unopar – nos dias 18 e 19 de agosto de 2017, em Londrina-PR. Após a explanação oral, houve, por parte dos participantes, muitos questionamentos sobre o material, assim como sobre o curso, inclusive da possibilidade de que fosse enviado para *sites* que oferecem esse tipo de recurso para que pessoas ligadas à educação tivessem acesso ao mesmo.

Trabalhar com os temas abordados neste estudo sempre estiveram presentes no fazer da pesquisadora. Contribuir para a formação de novos mestres, com paixão pelo ato de ensinar, é o primeiro caminho que se pode deixar como exemplo. Quando se tem a oportunidade de brincar com as palavras como faz a poesia, viajar por mundos desconhecidos, sendo coautor da criação, descobrir significados que permitam reflexões mais profundas, é possibilitar que outras pessoas obtenham esse encantamento.

Mas a literatura é também funcionalidade, visto que permite as práticas sociais. Em uma sociedade na qual as pessoas são avaliadas pelo que sabem, ler e escrever principalmente, o professor tem um papel fundamental porque é pela visão dele que os indivíduos começam a enxergar o mundo. É um crime negar-lhes a oportunidade do contato com leituras de obras que não se fecham em uma única interpretação. Para além dos valores moralizantes, religiosos, familiares, politicamente corretos que a maioria dos livros didáticos e alguns professores ainda

insistem em transmitir aos leitores em formação, há o estímulo à criatividade, ao imaginário, à fantasia, por “mares nunca d’antes navegados”, permitindo-lhes o acesso aos diversificados bens culturais, no tempo e no espaço, o que certamente promoverá o surgimento de verdadeiros cidadãos. Assim, espera-se ter contribuído com todos engajados no processo educacional, que ao tomarem conhecimento do conteúdo dessa pesquisa, perguntem-se como José Paulo Paes: “Vamos brincar de poesia”?

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- AGUIAR, V. T. *A formação do leitor*. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo. 2011: Cultura Acadêmica, p. 104-116, v. 11. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bistream/123456789/40359/01d17t08.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- ALTENFELDER, A. *Poetas da escola*. São Paulo: Peirópolis, 2004.
- ARAÚJO, R. N. *O Curso Normal e a formação da cidadania: realidade ou utopia*. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.
- BAJARD, E. *Da escuta de textos à leitura*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1987.
- BALÃO, R. *Curso de formação de professores: vida e morte, a experiência de uma escola estadual – 1964-2004*. 2011. 259 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BANDEIRA, P.; LEVI, G. C. *Melodia mortal*. São Paulo: Rocco-Fábrica, 2017.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENITES, S. A. L. Intertextualidade e literatura juvenil. In: CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F. (Org.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: UNESP, 2008. p. 101-110.
- BILAC, O. A pátria. In: *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. Literatura Infantil 1880-1910. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi52.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CNE/CEB n. 3, de 26 de junho de 1998. *Diário Oficial da União*, Brasília, 05 de agosto de 1998.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo escolar/2016*. Disponível em: <inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CADEMARTORI, L. Além das delicadezas. In: AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L.; MARTHA, A. A. P. (Org.). *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010. p. 7-11.

CAMPOS, M. I. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

CAPARELLI, S. *Come-vento*. Ilustrações: Big. Porto Alegre: L & PM, 1987.

CASTANHA, A.P. Escolas Normais no Século XIX: um estudo comparativo. *Revista HISTEDBR*. Online. Campinas: n. 32, p. 17-36, dez. 2008. Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/32/art/02_32.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F. (Org.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: UNESP; ANEP, 2008.

CECILIATO, N. Complexidade estético-ideológica e recepção juvenil. In: CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F. (Org.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP. 2008. p. 31-48.

CEIA, C. *E-Dicionário de termos literários: pastiche*. 2010. Disponível em: <edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6496/pastiche>. Acesso em: 10 abr. 2017.

COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira: 1882-1982*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

_____. Literatura e leitura em tempos de Internet. In: Instituto C & A/ Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 76-80.

_____. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1980.

CORALINA, C. *Melhores poemas*. Seleção/apresentação Darcy França Denófrío. 3. ed. São Paulo: Global, 2008. Disponível em: <www.poesiapoemaseversos.com.br/cora-coralina-poemas/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, J. J. S. Pós- Modernidade, cultura e pastiche: algumas considerações acerca da contemporaneidade. 2011. In. *Linguagens e Identidades – múltiplos olhares*. Disponível em: <www.linguagensidentidades.ufma.br/publicacoes/pdf/artigo%20Janete%20de%20Jesus%20%20Serra%20Costa.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017.

DOYLE, C. *Um estudo em vermelho*. Trad. Heloisa Jahn. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo 1975-2000*. São Paulo: EDUNESP, 2010.

_____. Considerações sobre o romance histórico (no limiar do século XXI). *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 4, n. 4, p. 53-66, 2008.

FARIA, A. L. G. de. *Ideologia no livro didático*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora-Autores Associados, 1984.

FERNANDES, M. L. O. *Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea: Olho d'Água*, São José do Rio Preto, v. 2, n. 2, p. 1-200, 2010. Disponível em: <www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/Article/wiew/65>. Acesso em: 26 abr. 2015.

GATTI, B. A. Formação de professor no Brasil: características e problemas. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

GEBARA, A. E. L. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M.A. et all. *Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JEHA, J. Ética e estética do crime: ficção de detetive, hard-boiled e noir. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 12., Curitiba. *Anais eletrônicos*. Curitiba: Abralic, 2011. Disponível em: <www.abralic.org.br/eventos/cong2011/anaisOnline/resumos>. Acesso em: 10 abr. 2015.

KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infantojuvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

KOTHE, F. R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, S. O. Poesia: enlace subjetivo para a formação do leitor. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 17, n. 30, nov. 2015. Disponível em: <revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguagemeliteratura/Article/Vew/1982>. Acesso em: 4 abr. 2017.

LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.) *Domínios de linguagem I: práticas pedagógicas*. São Paulo: Disal, 2002.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOBATO, M. *Serões de dona Benta*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. LUCAS,

F. *Vanguarda, história e ideologia da literatura*. São Paulo: Ícone, 1985.

- MARINHO, J. C. *O gênio do crime*. 44. ed. São Paulo: Global, 1969.
- MARTHA, A. A. P. Lobato, o caçador de leitores. In: CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F. (Org.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: UNESP, 2008. p. 11-30.
- MASSI, F. *O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- MEIRELES, C. *Para gostar de ler*, v. 6. São Paulo: Ática, 1980.
- MELLO, C. J. de A. O pós-modernismo no romance histórico contemporâneo: oposição ou alienação. In: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antônio R. (Org.). *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos*. Assis: FCL, 2007. p. 19-25.
- MELLO, D. Leitura é hábito de 56% da população, indica pesquisa. *EBC Agência Brasil*. 2016. Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-05>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- MELLO, G. N. Formação inicial de professor para educação básica: uma (re)visão radical. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./mar. 2000. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- MELLO, T. de. Os estatutos do homem. *Jornal de poesia*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.tmello.html#estat>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- MIGUEL, M. E. B. *A Escola Normal no Paraná: Instituição formadora de professores e educadora do povo*. 2008. Disponível em: <sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/9.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.
- MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MORAES, V. de. *A arca de Noé*. Arranjos Rogério Duprat e Toquinho. Rio de Janeiro: Philips, 1980. Disponível em: <albumitaucultural.org.br/rádios/a-arca-de-noe>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- MURIEL, F. *Sobre as teorias de Bakhtin: carnavalização e paródia (análise do discurso)*. Disponível em: <franciscomuriel.bolgsport.com/2007/02/carnavalizacao.html>. Acesso em: 8 ago. 2017.
- NETZEL, R. M. de A. *Tecnologia e planejamento: ferramentas docentes na formação de leitores*. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.
- NOGUEIRA, M. Número de leitores no Brasil sobe 6 pontos. *G1.Globo.com*. 2016. Disponível em: <[https://G1.globo.com/número-de-leitores-sobe-6-pontos](http://G1.globo.com/número-de-leitores-sobe-6-pontos)>. Acesso em 10 jul. 2017.
- NUNES, L. B. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
- _____. *A bolsa amarela*. Ilustração Marie Luoise Nery. 14. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

- OLIVEIRA, M. M. Sobre crimes, mulheres fatais e investigadores: do romance noir ao filme neo-noir, um longo percurso. *Diálogo e Interação*, [S.l.], v. 2, 2010. Disponível em: <faccrei.edu.br/dialogoeinteracao/pesquisarArtigo.asp?area=6&edição=2>. Acesso em: 08 ago. 2017.
- OLIVEIRA, K. A.; MARQUES, N. L. P.; LIMA, M. C. A trajetória da Escola Normal: história da formação de professores no Brasil e no Estado de Goiás. *Ciclo Revista*, [s.l.], set. 2016. Disponível em: <www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/download/213/126>. Acesso em: 30 set. 2017.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2017.
- PAULINO, G. et al. *Tipos de textos: modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PESSOA, F. *Comboio, saudades, caracóis*. Ilustração: Cláudia Scatamacchia. São Paulo: FTD, 1988.
- PINHEIRO, H. (Org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- PINTO, F. N. P. Por um ensino literário complexo. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, v. 32, n. 62, jun. 2014.
- POKULAT, L. F. *A teoria da carnavalização em confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária*. 2012. Disponível em: <revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/veiu/643>. Acesso em: 8 ago. 2017.
- PORTINARI, C. T. *Os retirantes*. 1944. Óleo sobre tela, 190 cm x 180 cm. Coleção Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Brasil. Disponível em: <www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- RAMOS, G. *Vidas Secas*. Ilustração: Aldemir Martins. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.
- REZENDE, V. M. *Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos: escola e inclusão social*. São Paulo: Editorial, 2009.
- ROTH, O. *Dois dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. Ilustrações: Otávio Roth. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

- SANCHES NETO, M. *A guerra do chiclete*. Ilustrações: Cárcamo. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2014.
- SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, C. C. S. dos; SOUZA, R. J. de. A leitura da literatura infantil na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 54-67.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TREVISAN, Z. *Poesia e ensino: antologia comentada*. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.
- TURCHI, M. Z. O gênio do crime: do suspense à crítica social. *Revista Signótica*, Goiás, v. 2, n. 1, p. 107-122, jan./dez. 1990. Disponível em: <<https://www.revista.ufg.br/sig>>. Acesso em: 8 ago. 2016.
- URBIM, C. *Saco de brinquedos*. Ilustrações: Laura Castellós. Porto Alegre. Ed. Projeto, 1997.
- ZILBERMAN, R. Leitura Infantil: livro, leitura, leitor. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 5-7.
- _____. *A Literatura Infantil na escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 1982.

SUGESTÕES DE LEITURA – LITERÁRIAS E TEÓRICAS

LITERÁRIAS

ANGELO, I. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BANDEIRA, P. *Prova de fogo*. Ilustrações: Avelino Guedes. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *A droga da obediência*. Ilustrações: Alberto Narddeo. São Paulo: Moderna, 1992.

_____. *Anjo da morte: mais uma aventura com os Karas*. Ilustrações: Alberto Narddeo. São Paulo: Moderna, 1994.

_____. *Mais respeito, eu sou criança*. Ilustrações: Odilon Moraes. São Paulo: Moderna, 1994.

_____. *O fantástico mistério de Feiurinha*. Ilustrações: Denise e Fernando. São Paulo: FTD, 1991.

BLIESENER, K. *Os detetives do farol em: contrabandistas no barco e um roubo quase perfeito*. Trad. Josely Viana Batista. São Paulo: Ática, 1996.

BLOCH, P. Dicionário de humor infantil. *Revista Educação*, [S.l.], 28 fev. 2014. Disponível em: <www.revistaeducacao.com.br/dicionarios-infantis>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CARR, E. *Clube do esqueleto*. Ilustrações: Ricardo Azevedo. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

_____. *O caso da estranha fotografia*. Ilustrações: Marcus Sant'Anna. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1984.

_____. *O incrível roubo da loteca*. Ilustrações: Jesus Dias. 13. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

CARR, E.; RIBEIRO, L. C. *Eu, detetive: o caso do sumiço*. Ilustrações: Carlos de Brito. São Paulo: Moderna, 1983.

CARRAVETTA, L. M. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

COUTO, A. P. *A casa*. Ilustrações: Badô. Rio de Janeiro: Zeus, 2001.

DOYLE, C. *Um estudo em vermelho*. Paulo: Ática, 1996.

FRANÇA, M.; FRANÇA, E. *O barco*. 6. ed. Ilustrações: Eliardo França. São Paulo: Ática, 1986.

FRIAS FILHO, O. et al. *Vice-versa ao contrário*. Ilustrações: Spacca. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

GIMENEZ, A. *Contos brasileiros II*. São Paulo: Scipione, 1997.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. *Poesia infantil*. São Paulo: ICI, 1996.

JOSÉ, E. *Segredinhos de amor*. Ilustrações: May Shuravel. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

_____. *Noites de lua cheia*. Ilustrações: Conceição Bicalho. 2. ed. Belo Horizonte: Editora L, 1997.

MACHADO, A. M. *Do outro lado tem segredos*. Ilustrações: Antônio José do Espírito Santo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MARINHO, J. C. *Cascata de cuspe: game over para o gordo*. Ilustrações: Roberto Barbosa. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

MARINO, I. *A visita*. Ilustrações: Luiz Carlos Maia. São Paulo: Scipione, 1991.

MAX, A. *Quadrinhas*. Disponível em:

<<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/quadrinha-infantil/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MEIRELES, C. et al. *Poesias*. Ilustrações: Mário Cafiero. São Paulo: Ática, 1980.

MURRAY, R. *Classificados poéticos*. Ilustrações: Paula Saldanha. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

_____. *Felicidade*. Ilustrações: Marilda Castanha. São Paulo: FTD, 1995.

_____. *Paisagens*. Ilustrações: Conceição Bicalho. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

NORONHA, T. *O mistério do poço das hortênsias*. São Paulo: Moderna, 1983.

ORNELLAS, P. *Trovas*. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Trova#Ver_tamb.C3.A9m>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ORTHOFF, S. *A fada lá de Pasárgada*. Ilustrações: Tato. Belo Horizonte: Miguilim, 1990.

PAES, J. P. *Olha o bicho*. Ilustrações: Rubens Matuck. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Poemas para brincar*. Ilustrações: Luiz Maia. 10. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PELLEGRINI, D. *O caso da chácara chã: romance*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

PINTO, Z. A. *O menino maluquinho*. Ilustrações: Zivaldo. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

_____. *Uma professora muito maluquinha*. Ilustrações: Zivaldo. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

POE, E. A. *O escaravelho de ouro e outras histórias*. Trad. José Rubens Siqueira. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

QUEIRÓS, B. C. *Diário de classe*. Ilustrações: Claudia Scatamacchia. São Paulo: Moderna, 1992.

- QUINTANA, M. *Nariz de vidro*. Ilustrações: Cláudia Scatamachia. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- RADIS, D. B. *Kora e os Yakusas*. Trad. Luís Rivera. São Paulo: Scipione, 1992.
- ROCHA, R. *Palavras, muitas palavras*. Ilustrações: Adalberto Cornavaca. Quinteto Editorial, 1985.
- _____. *O mistério do caderninho preto*. Ilustrações: Cárcamo. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ROTH, O. *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. Ilustrações: Otávio Roth. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SALDANHA, P. *Heróis das gerais*. Ilustrações: Regina Yolanda. São Paulo: FTD, 1994.
- SANCHES NETO, M. *A guerra do chiclete*. Ilustrações: Cárcamo. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2014.
- SOUZA, A. L. *Três gotas de poesia* (Haicais). Ilustrações: Marilda Castanha. São Paulo: Moderna, 1996.
- TAVARES, U. *Viva a poesia viva*. Ilustrações: Alexandre Segrégio. São Paulo: Saraiva, 1977.
- URBIM, C. *Saco de brinquedos*. Ilustrações: Laura Castilhos. Porto Alegre: Ed. Projeto, 1997.
- WIERZCHOWSKI, L. *Todas as coisas querem ser outras coisas*. Ilustrações: Virgílio Neves. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZATZ, L. *João x Sultão*. 2. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1989.

LEITURAS TEÓRICAS

AGUIAR, V. T. de. et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BERALDO, A. *Trabalhando com poesia*. Ilustrações: Jorge Arbach. São Paulo: Ática, 1990.

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. *O romance policial*. Trad. Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo escolar/2016*. Disponível em: <inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BRASIL. Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*. Poder Legislativo: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833. Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CARRAVETTA, L. M. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS-PUCRS. *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1989.

CEREJA, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

DAVIS, C. L.; SOUZA, R. J. Entendendo textos: estratégias para a sala de aula. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Leitura: teoria & prática*, v. 1, n. 0, 1982. Campinas: Global, 2009. p. 35-40.

DOYLE, C. *Um estudo em vermelho*. Trad. Heloisa Jahn. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FARIA, A. L. G. de. *Ideologia no livro didático*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora-Autores Associados, 1984.

FERREIRA, J. *Carnavalização e texto literário*. Usina de Letras, 2001. Disponível em: <www.usinadeletras.co.br/exibelotexto.php?cod=3796&cat=artigos>. Acesso em: 8 ago. 2017.

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL. Centro de Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Poetas da escola: poesia*. 3. ed. CENPEC, 2006. Prêmio escrevendo o futuro.

GASPARIM, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

GOÉS, L. P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

GULLAR, F. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Fontana; São Paulo: Sumus, 1977.
KIRINUS, G. *Criança e poesia na pedagogia Freinet*. São Paulo: Paulinas, 1988.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, S. O. Poesia: enlace subjetivo para a formação do leitor. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 17, n. 30, nov. 2015. Disponível em: <revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguagemeliteratura/Article/View/1982>. Acesso em: 4 abr. 2017.

LOBATO, M. *Serões de dona Benta*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *História & histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

MELLO, G. N. Formação inicial de professor para educação básica: uma (re)visão radical. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./mar. 2000. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MORAES, V. de. *A arca de Noé*. Arranjos Rogério Duprat e Toquinho. Rio de Janeiro: Philips, 1980. Disponível em: <albumitaucultural.org.br/rádios/a-arca-de-noe>. Acesso em: 24 jul. 2017.

NAHUM, E. P.; OHNO, E. N. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996.

PAIXÃO, F. *O que é poesia?* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

PIGNATARI, D. *Comunicação Poética*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1983.

PIRES, A. C. da C.; MATSUDA, A. A. Formação do leitor: dificuldades e desafios. *Revista Práticas de Linguagem*, [S.l.], v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/187>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

PRAIS, J. L. de S.; MODESTO, D. C. J.; TOMIZAKI, C. R. O ensino de literatura infantil na formação inicial do professor. *Revista Exitus*, v. 6, n. 2, p. 68-87, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P. *Interação e mediação de leitura literária para a infância*. São Paulo: Global, 2011.

RANGEL, M. *Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas*. Campinas: Papyrus, 2005.

- REIMÃO, S. L. *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- SANTOS, M. L. dos. *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa: pedagogia Freinet*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- SANTOS, R. C. dos. Ensino de literatura: a hora e a vez do leitor. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, n. 53, nov. 2009. p. 72-79.
- SCHARDOSM, C. R. *Estratégias para a compreensão leitora*. 2015. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SILVA, E. T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papyrus, 1986.
- SOERENSEN, C. *A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin*. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4370/3889](http://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4370/3889)>. Acesso em: 8 ago. 2017.
- SORDI, R. *Magistrando a língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1991.
- SOUZA, E. C. de; RIBEIRO, N. M. (Auto) Biografias e práticas culturais de leitura: gritos, resistências e escutas das escolas rurais. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, v. 31, n. 61, p. 97-111, nov. 2013.
- SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. (Org.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- TAVARES, U. *Viva a poesia viva*. Ilustração Alexandre Segrégio. São Paulo: Saraiva, 1977.
- TREVISAN, Z. Leitura do literário: os efeitos de sentidos do estético no século XXI. In: REZENDE, L. A. de. (Org.). *Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça*. Londrina: EDUEL, 2007. p. 37-49.

APÊNDICES

APÊNDICE A

A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: GUIA DE ATIVIDADES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA – PPGEN
DIRETORIA DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS E COMUNITÁRIAS – DIREC - CP
DEPARTAMENTO DE APOIO E PROJETOS**

A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: GUIA DE ATIVIDADES

Produto Educacional entregue aos alunos no Curso de Extensão, realizado na UTFPR- Câmpus Cornélio Procópio, em maio de 2017.

Mestranda: Zenaide Aparecida Negrão
Orientadora: Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira

APRESENTAÇÃO

Este material impresso tem por objetivo orientar o professor na realização de sua prática de leitura, diariamente, com os educandos. Realizado como item obrigatório para a conclusão do Mestrado Profissional do Programa de Ensino em Ciências Humanas e da Natureza (PPGEN), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Londrina, o presente manual levou em consideração as necessidades de divulgação de atividades e experiências bem sucedidas de educadores, para auxiliarem aqueles que se dedicam à formação do leitor.

Pensando nos professores, iniciantes e experientes, optou-se pela elaboração de um Guia, distribuindo-se os tópicos em secções: 1. O que é: Narrativa policial? Romance histórico? Sequências básica e expandida? Método recepcional? 2. Sugestões de atividades para a leitura.

O Que é Romance Policial/Enigma/Suspense?

O gênero policial clássico, também conhecido como romance de enigma ou suspense, apresenta uma investigação sobre um fato real ou fictício, sempre ligado a um crime. Seus elementos devem ser o crime, o medo, o mistério, a investigação, e até cenas de horror. O crime acontece num tempo anterior ao da investigação, dando um formato memorialista à ação. O detetive é uma pessoa comum, porém arguta, mais esperta que a polícia, não arrisca sua vida, tem alguns vícios e geralmente é acompanhada por um ajudante, o verdadeiro narrador da história. Um dos precursores desse gênero foi Edgar Allan Poe (1809-1849), ao criar o detetive Auguste Dupin, dotado de muito raciocínio, em *Os crimes da Rua Morgue* (1841). E o mais famoso dos investigadores, o homem que usa a tecnologia, Sherlock Holmes, protagonista das obras de Arthur Conan Doyle (1859-1930), surgiu em folhetim, com capítulos publicados na revista *Strand Magazine* com o título de *Um estudo em vermelho*, reunidos, em 1887, em livro (DOYLE, 1996).

No início do século vinte, nos Estados Unidos, essas narrativas adquirem outros elementos: a população das metrópoles, os gângsteres, as mulheres sedutoras, os policiais corruptos. Conhecidas como *hard-boiled*, seus detetives são inflexíveis ao cumprir a lei a seu modo, o que sempre coloca suas vidas em risco. Não acreditam na justiça devido ao comprometimento dela com a corrupção. Na mesma época surge o romance negro ou *noir*, com características bem próximas do *hard-boiled*: o clima sombrio das grandes cidades, a preferência pela noite, pelos bares e boates ora luxuosos ora em decadência, a prostituição, a

lei seca americana deflagradora de muitos crimes e subornos (JEHA, 2011). Essas histórias foram mais divulgadas pelo cinema, uma vez que poucas eram as editoras interessadas em publicar obras tão “imorais” para a conservadora sociedade americana.

Na esteira de Poe, surgiram outros renomados escritores policiais: Arthur Conan Doyle, Georges Simenon, a dama do crime Agatha Christie, mais recentemente Dan Brown, sendo que aqui no Brasil sobressaem Rubem Fonseca, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Tony Bellotto e Rodrigo Garcia Lopes, o qual faz sua estreia como romancista justamente com uma narrativa cujo pano de fundo tem o entrelaçamento da colonização do norte do Paraná, Londrina em especial, o envolvimento com os nazistas da II Guerra Mundial, a presença do rei da Inglaterra e do Lorde Lovat e o desaparecimento de funcionários da empresa.

Também vários são os autores na literatura infantojuvenil brasileira, cujas obras são dedicadas ao gênero policial: Stella Car, Pedro Bandeira, Teresa Noronha, Graziela Bozano Hetzel, entre outros. João Carlos Marinho é um deles e, a partir de seu romance *O Gênio do Crime*, de 1969, escreve uma sequência de várias narrativas denominadas “Aventuras da Turma do Gordo” (Bolacha/Bolachão, Edmundo, Pituca e Berenice). Ressalte-se que aos personagens do primeiro livro, foram sendo incorporadas mais seis crianças, além dos adultos: a professora, o frade e o mordomo.

Independentemente da faixa etária, tais romances têm como ponto em comum o fato de que criminoso e detetive formam o eixo que prende a atenção do leitor: quanto mais intrincado e nebuloso é o crime, mais trabalho o detetive deve apresentar, o que os torna antagonistas entre si e, para o leitor, alternam a função de protagonista. Logo, nem o criminoso nem o detetive devem ser pessoas vulgares, insignificantes.

Portanto, como narrativa policial, entende-se, em linhas gerais, um crime que precisa ser desvendado, estabelecendo-se uma relação entre o detetive, o crime e o assassino. A forma de articular tais elementos dará mais verossimilhança ao que se diz, prendendo a atenção do leitor, tornando-o ajudante na difícil tarefa investigativa. Os romances policiais estão relacionados ao que se determina como literatura de massa, a qual encontra atualmente um vasto público que necessita ver solucionados seus problemas, os crimes, a falta de segurança. No romance, o leitor tem a possibilidade de satisfazer sua curiosidade, seus medos, sua inteligência para desvendar as pistas deixadas ao longo da narrativa; o que o transporta para dentro do enredo. Vê no detetive a si mesmo, o que lhe proporciona imenso prazer. Acrescente-se que ele, leitor, sabe que toda a angústia vivida ao longo do texto, na maioria das vezes, terá um final feliz.

O Que é Romance Histórico?

O homem sempre teve uma necessidade de “contar”, de deixar para a posteridade os fatos que aconteceram com determinado povo e seu processo civilizatório. Assim nasceu o romance histórico. De Homero, na antiguidade grega, passando por Walter Scott, no século XIX; de José de Alencar, no Romantismo brasileiro, aos autores contemporâneos, há uma releitura de acontecimentos que são apresentados de acordo com o ponto de vista do autor, na sua época.

Sabe-se que a estrutura do romance histórico se sustenta num fato ocorrido em tempos anteriores ao presente do escritor. Assim, ajudam nessa verossimilhança os hábitos e costumes das personagens: as roupas, a comida, os móveis, o lazer, tudo concorre para resgatar o clima da época. No entanto, o romance deve oferecer também para o leitor um motivo para fugir da realidade por meio da ficção, da fantasia.

A união da Literatura com a História tem, ao longo de anos, provocado muitas discussões envolvendo os conceitos de ficção/realidade, opinião/invenção, como se a obra literária devesse ser julgada ora por um ora por outro e isso desmerecesse o seu valor. Alguns escritores não gostam que seus romances tenham a alcunha “histórico”, talvez para evitar que o leitor fique preso aos dados reais e não perceba a literariedade, e por isso entenda a obra como uma mera transcrição da História. “Nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma história romanceada” afirma Luiz Antônio Assis Brasil (ESTEVEES, 2010), como justificativa para seu livro *Videiras de cristal*. Ou mais contundente ainda é a afirmação de João Silvério Trevisan: “não gosto de romances históricos e não considero que *Ana em Veneza* seja um romance histórico” (ESTEVEES, 2010).

Pode-se afirmar que a narrativa histórica já foi considerada literatura de massa, visto que era, inicialmente, publicada em folhetins. Nossos escritores românticos José de Alencar, por exemplo, publicavam capítulos de seus romances nos jornais da época, no Rio de Janeiro. Tais obras sofreram a crítica direta do público, uma vez que o enredo era modificado de acordo com o gosto do leitor. Tal fato confirma que a ideologia de um texto não depende apenas da sua produção, mas inclui também o seu consumo.

Para ser considerada como “cultura, elevada, clássica, artística”, a obra começou a ser reconhecida pelas escolas, pelos críticos e teóricos que atribuíam determinadas características, normas muito específicas para cada texto. Assim surgiu o cânone, produção até hoje reconhecida e divulgada, que merece destaque não só nos meios acadêmicos como nas livrarias onde é comum encontrar, separadamente, a literatura clássica e o *best-seller*.

A literatura de massa, ao contrário, não se vincula a nenhuma escola ou teoria e sua produção está diretamente ligada à lei da oferta e da procura, obedecendo às leis de mercado.

Entretanto, isso não significa que a classificação de um livro será sempre a mesma. *Diva*, de José de Alencar, e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicadas como folhetins, foram reconhecidas mais tarde e passaram a ser estudadas e analisadas. Neste particular, a escola tem papel fundamental. A orientação, vinda do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais, cristaliza, desde o século XIX, as obras consideradas como canônicas (CEREJA, 2005).

Com o Romantismo, a narrativa histórica explora o passado distante e mítico, contribuindo para a formação da identidade nacional e originando as ideias utópicas da liberdade, da reforma, das lutas sociais e políticas. Não é por acaso que a maioria das independências dos países latino-americanos, principalmente, aconteceram durante o período romântico. Já no século XX, a partir do Modernismo, as tramas e temas sofreram as mudanças ocorridas no momento histórico de profundas consequências para a sociedade: I Guerra Mundial, Revolução Russa, Revolução Chinesa, a República Velha, governo Vargas. Tudo oferecia uma desconfiança em relação aos ideais progressistas vinculados no século anterior, o que acabou se intensificando e confirmando, com a II Guerra Mundial, a divisão do mundo entre E.U.A e U.R.S.S num período conhecido como Guerra Fria.

No final do século XX (e início do século XXI) surge um novo romance histórico, também conhecido como metaficção historiográfica, romance de extração histórica ou romance pós-moderno, fruto da globalização econômica, do avanço das tecnologias, do desenvolvimento das mídias, do consumo exagerado, da ideologia neoliberal, dos novos valores morais e éticos, tudo sendo transformado em espetáculo, sujeito à lei do mercado.

Algumas observações são pertinentes no que tange relação à Literatura e História: a) esta retrata fatos reais, numa linguagem denotativa; aquela trabalha com a ficção, com a ambiguidade. Para Aristóteles, o historiador trata do que aconteceu, enquanto o literato, do que poderia ter acontecido; b) para o leitor, esse caráter verídico da História reforça o sentimento de incapacidade diante de fatos que o afligem, mas a Literatura abre-lhe outras perspectivas por meio do mundo mágico da fantasia, pois a verdade encoberta é mais fácil de ser aceita. Segundo Esteves (2010, p. 20), “a literatura conta histórias que a história escrita pelos historiadores não sabe, não quer ou não pode contar”.

Assim, os escritores contemporâneos desmitificam a História, transgredindo as próprias características do chamado romance histórico clássico, ou seja, não ficam presos à ação dos personagens, mas fazem uma reinterpretação dos fatos, sem a preocupação com o julgamento

que os historiadores fizeram ao longo do tempo. É a desconstrução que se observa, por exemplo, em *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes (2014).

O Que é Sequência Básica? E Sequência Expandida?

A leitura ainda constitui um problema a ser resolvido, principalmente, na escola. A concorrência dos meios eletrônicos, a ausência do convívio com livros desde a mais tenra infância, as sugestões propostas nos materiais didáticos e nos currículos escolares têm afastado o leitor infantojuvenil de boas obras literárias. Assim, percebe-se, no ambiente escolar, a aversão do estudante ao ato de ler ligada a alguns fatores que podem ser resolvidos facilmente, desde que haja interesse e comprometimento por parte de gestores, bibliotecários e professores.

Muitas são as publicações, com resultados satisfatórios, realizadas por educadores sobre as teorias e as práticas formadoras do leitor. Rildo Cosson (2009) é um desses estudiosos e colocou sua experiência como professor de Literatura e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa nos cursos de Letras e Pedagogia no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, no qual propõe uma discussão sobre a leitura, a literatura e o papel da escola como intermediadora, além de oferecer atividades e estratégias para o ensino e a formação do leitor. A essas estratégias deu o nome de sequências – básica e expandida.

De acordo com o autor, a sequência básica se compõe de quatro passos: **motivação** (preparando os leitores), **introdução** (apresentar leitor e obra), **leitura** (contato com o texto) e **interpretação** (inferências) (COSSON, 2009). Cumpridas cada etapa, é possível acrescentar outras atividades como a produção textual de vários gêneros, além de compartilhar tais experiências com a organização de exposições dos trabalhos apresentados.

A atividade aqui descrita é sugerida para alunos de 5º./6º. anos. A escolha de *A Guerra do Chiclete*, de Miguel Sanches Neto (2014) se deu por ser contemporânea, posto que remete à Segunda Guerra Mundial, tratando-se, portanto, de uma história ambientada em tal período. Ela permite, de maneira lúdica, que os alunos possam compreender os possíveis impactos daquele evento no cotidiano das crianças e na sociedade brasileira da época. Outro fator que contribuiu para essa escolha é o fato do autor ser paranaense. Desse modo, pretendeu-se diminuir a distância entre autor e leitor, mostrando aos alunos que obras literárias não são provenientes apenas de autores canônicos e estrangeiros e/ou mundialmente consagrados, mas que há literatura e bons autores também no nosso estado e em nossa época.

Delimitada a sequência básica, descrita por Cosson (2009), o trabalho poderá seguir os seguintes passos:

Motivação

O livro pode ser apresentado aos estudantes, mas não entregue, e iniciar uma conversa informal com eles norteada pelos seguintes questionamentos:

- 1) O que esperar de um livro que se chama *A Guerra do Chiclete*?
- 2) Por que as pessoas entrariam em uma “guerra” por causa de chiclete?

Debatidas as ideias, como atividade de produção escrita, pode-se pedir que escrevam um verbete de enciclopédia, criando uma história para a *Guerra do Chiclete* – como se ela realmente tivesse acontecido e tratada agora como fato histórico. O texto dos alunos deve responder às seguintes perguntas:

- O que foi *A Guerra do Chiclete*?
- Quem participou da Guerra?
- Onde aconteceu?
- Quando aconteceu?
- Como aconteceu?
- Por que aconteceu?

Sugere-se, também, ilustrar o “fato histórico” criado por eles e em lugar adequado, fazer uma exposição dos textos e das ilustrações.

Introdução

Na aula seguinte, apresentar o livro aos discentes oficialmente, pela capa. Chamar a atenção para as cores e as ilustrações, questionando-os sobre o tema da narrativa a partir do que veem. Após um momento de discussão, as hipóteses sobre o assunto do livro, bem como sua temática (uma briga por causa dos chicletes, furto do chiclete, reivindicação pela liberação dos chicletes em uma escola), devem ser anotadas na lousa.

Com as capas abertas, há a alternativa de uma leitura semiótica, chamando-se a atenção dos leitores para as diferenças de cor – analogia ao chiclete no início da mastigação (escuro) e no final (claro), e também a expressão de vitória dos meninos que estão sobre o tanque de guerra na ilustração. Detalhes da vida do autor também são explorados, mas deve-se tomar cuidado para não desviar a atenção do texto, assim como não revelar nada sobre o enredo, pois pode levar ao desinteresse pela leitura.

Encerrado o momento de discussão, marcar o intervalo de leitura. Esse tempo deve ser distribuído de acordo com o número de páginas do livro, a capacidade de leitura da turma, mas cuidado para não ser muito longo para que não se perca o foco da atividade. Na aula seguinte, os alunos deverão ter feito a leitura integral da obra, visto que a narrativa possui 30 páginas.

Leitura

Este é um momento bastante delicado. Não é um policiamento para verificar se o estudante está lendo ou não, nem permitir que colegas com leituras mais avançadas “contem” o que já leram. O ideal é que se façam questões sobre o vocabulário da obra, temas aos quais podem ser relacionados, e se professores de outras disciplinas estão trabalhando algo parecido. Uma sugestão é que durante o processo de escolha do livro haja uma conversa com os colegas sobre a possibilidade de uma intertextualização: História – as guerras mundiais; Geografia – a exploração do látex, a fabricação da borracha, a geografia física e humana; Artes – a ilustração dentro do livro, o uso da aquarela.

Interpretação

Segundo Cosson (2009), no “encontro do leitor com a obra” nada pode substituir a experiência de leitura. As propostas facilitadoras como um resumo, um filme, uma série na TV, devem ser evitadas. Tais atividades podem ser utilizadas quando, ao final do trabalho com a leitura da obra, se quer realizar uma comparação entre as linguagens, por exemplo. Na interpretação é que se verifica, ou que se torna conhecida à visão de mundo que o leitor traz para a sala de aula.

A leitura deve provocar uma simbiose no leitor: ele se percebe como elemento integrante da comunidade escolar, traz para ela a sua experiência como elemento de uma sociedade maior e devolve a esta mesma sociedade o que aprendeu na sala de aula.

Algumas sugestões de trabalho nesse momento: cada aluno recebe uma cruzadinha ou caça-palavras, devendo encontrar as palavras que estão relacionadas ao tema e à história do livro. Em seguida, em duplas, devem escolher dois ou três termos aos quais terão que explicar e definir, podendo usar o dicionário. Depois, estabelecerão uma relação entre os significados e a narrativa, compreendendo melhor o enredo, sanando suas dúvidas.

“O registro de leitura”

Como atividade de registro de leitura, os educandos podem confeccionar cartazes fazendo propaganda do livro e montar um mural para expô-los; publicar seus verbetes e ilustrações num varal; redigir um comentário da obra enfocada, até mesmo criar um *blog* interativo para a comunidade escolar.

A Sequência Expandida

Como o próprio nome indica, é um aprofundamento das atividades realizadas na sequência básica e geralmente destinadas aos estudantes do ensino médio e do superior.

A **motivação** é o momento da reflexão sobre a realidade do aluno e as possíveis transformações que podem trazer para sua vida social e coletiva. Para que a atividade não fique cansativa, exploram-se charges, tirinhas, piadas, canções. Entretanto é preciso cuidado para não desviar a atenção do texto literário, maior objetivo do trabalho.

Na **introdução**, como a proposta de leitura é quase sempre sobre uma obra consagrada, pode-se apresentá-la pela sua temática. Por exemplo, no livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o tema principal é a desumanização das personagens provocada pela seca. Uma discussão rápida sobre a situação atual no país é um chamariz para despertar o interesse pela obra. Outra sugestão é pesquisar várias edições do livro e verificar quais os comentários feitos na contracapa e na orelha. Isso revela muito da ideologia, no momento da publicação. Ainda sugere-se fazer a leitura de trechos mais significativos do livro.

A **leitura** é quando o professor e o aluno estabelecem os prazos, que não devem ser postergados. Então, ocorrem os intervalos, nos quais há a verificação se a leitura está acontecendo ou não. Ela pode ser mediada por um poema, como o auto escrito por João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina* ou uma canção e mesmo um depoimento. No cancioneiro popular há várias composições, como *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; *A seca*, de Alceu Valença; *A triste partida*, de Patativa do Assaré e Luiz Gonzaga; *Súplica cearense*, de Gordurinha e Nelinho, que retratam bem a temática do livro.

Primeira Interpretação

Visão geral da leitura. Nela o aluno deve demonstrar a impressão que teve do título ao ponto final do último capítulo. É interessante realizar um registro que pode ser uma resenha, um ensaio, uma crônica, um poema. É muito importante que o professor apresente várias possibilidades ao estudante e respeite a sua liberdade ao optar pela forma com a qual ele mais se identifica.

Também são feitas as **contextualizações**:

Teórica – quais os conceitos determinantes? Lembrar que no caso de *Vidas Secas*, a miséria causada pela seca é vista como natural, mas a ela soma-se a miséria humana provocada pela influência social.

Histórica – época da publicação e da sociedade que a gerou – evitar uma pesquisa meramente de verificação do tempo.

Estilística – relacionar a obra com o período em que foi escrita – no caso, a segunda fase do Modernismo brasileiro, na qual pontuam romances regionalistas de 30 (século XX). Mostrar como escreve o autor: pouca adjetivação, estilo seco como a natureza (geográfica e humana) que descreve.

Poética – trata-se da composição ou estrutura da obra, mas é preciso atenção para não reduzi-la à análise de figuras de linguagem ou dos elementos da narrativa. No livro de Graciliano Ramos pode-se verificar a genialidade do escritor ao escolher, por exemplo, o nome dos personagens. Sinhá Vitória e Baleia são duas figuras femininas sagazes, intuitivas e o grupo depende delas. Isso num contexto humano e geográfico no qual a mulher não tem vez nem voz.

Crítica – levantamento das opiniões publicadas em jornais, revistas e manuais didáticos, confrontando-as com a apreensão do estudante.

Presentificadora – a correspondência da obra com o momento da leitura. Verificar se o tema e a trama são atuais ou se aconteceram somente naquele período da escritura.

Temática – ampliar o horizonte de leitura. Por exemplo, fazer recortes entre a vida urbana e a vida rural; a exploração dos mais pobres pelos mais ricos; dos detentores de poder em relação aos subalternos; as consequências da falta de comunicação.

Em uma interpretação mais aprofundada - a **segunda interpretação** - busca-se o aspecto que mais chamou a atenção dos alunos. Tal atividade pode ser individual, mas o professor deve solicitar que o aluno compartilhe com toda classe. Para estudantes do ensino superior, sugerem-

se projetos ou artigos acadêmicos com a possibilidade de apresentação em seminários e outros eventos afins.

Expansão

É o fim de todo trabalho, nele faz-se uma retomada de tudo que foi visto e analisado. Como resultado são feitas indicações de novas leituras. A redação de um ensaio e/ou o projeto/artigo já citados no item anterior.

O Que é Método Recepcional?

A leitura de obras canônicas é muito importante para o letramento do aluno na fase de escolarização. Vários são os argumentos que justificam a presença delas na formação do leitor. Há um círculo vicioso: a ausência do contato com textos mais elaborados prejudica o conhecimento de normas linguísticas e gramaticais o que provoca, no estudante, uma rejeição à literatura consagrada. Além disso, a inexperiência com leituras desse teor empobrece a comunicação.

Alguns outros problemas como falta de exemplares para todos os alunos, pessoas mais especializadas para orientar os leitores nas bibliotecas, ausência de bibliotecas em várias regiões do país, constam como entraves para a realização de um bom trabalho com a formação de leitores. Diante disso, as DCEs – Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008) sugerem o Método Recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1988), como apoio ao trabalho do professor em sala de aula.

O Método Recepcional é composto de cinco etapas:

1. *Determinação do horizonte de expectativas* – necessidade do conhecimento do mundo do educando – sua vida, gostos, lazer, valores, crenças etc.
2. *Atendimento do horizonte de expectativas* – proporcionar à classe experiências com textos cujos temas são mais conhecidos e procurados pelos alunos na *Internet*, TV, quadrinhos etc.
3. *Ruptura do horizonte de expectativas* – os textos propostos devem provocar a dúvida, colocando em julgamento as certezas e costumes numa linguagem conhecida, mas diferenciada daquela que usa no seu uso cotidiano.
4. *Questionamento do horizonte de expectativa* – momento de comparação entre o que já conhecia e o que está conhecendo pela leitura e a reação dele diante das diferenças.

5. *Ampliação do horizonte de expectativas* – última etapa do processo. Nela o aluno deve perceber que a leitura feita não é só um trabalho para a escola, porém o resultado de sua reflexão deverá ser compartilhado com a sociedade na qual está inserido; isto porque o ato de ler provocou nele uma mudança em relação à sua visão de mundo.

No livro *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Bordini e Aguiar (1988), há outros métodos que merecem ser estudados, além de exemplos, para que o professor use em suas atividades diárias. A escolha pelo Método Receptional tem como justificativa o fato de ser indicado pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná de Língua Portuguesa (2008, p. 74).

O método tem como pressupostos teóricos a *Estética da Recepção*, de Hans Robert Jaus, que privilegia a participação do leitor na obra escrita, tornando-a um desafio para a sua compreensão, além de estimular a troca de conhecimentos entre o que ele já sabe e o que adquire com a leitura. Isso representa para o leitor, no final do processo, um amplo cabedal crítico e, para a obra, a possibilidade de inúmeras interpretações, o que Umberto Eco classifica de *Obra aberta* (1986).

Em uma aplicação do *Método Receptional*, na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2000), desenvolver:

a) *Determinação do horizonte de expectativas*

O professor pode utilizar uma charge, uma tirinha, uma notícia de jornal, a cópia impressa de um quadro sobre a seca no Nordeste, ou sobre a miséria, e iniciar uma conversa informal com os alunos. Em seguida, sugerir que eles descrevam, por escrito, uma situação semelhante com eles ou com alguém que conheçam. O texto pode ser anônimo, sendo retomado no próximo passo do método.

b) *Atendimento do horizonte de expectativas*

De acordo com alguns textos escritos e escolhidos pelos estudantes, o docente encaminhará uma discussão sobre um parágrafo ou capítulo do livro. Eles poderão pesquisar na *Internet*, alguns filmes, documentários e canções sobre os principais temas da narrativa.

c) *Ruptura do horizonte de expectativas*

Promover um debate com a turma sobre as condições do Fabiano, Sinhá Vitória, dos personagens enfim. Em seguida, dividi-los em duplas. Os alunos, então, escolherão o personagem que quiserem, produzindo um texto: “Se eu fosse...”. Essa dinâmica é apresentada neste manual. O professor pode também levar o poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Mello Neto, inclusive por meio de gravações no Youtube.

d) *Questionamento do horizonte de expectativas*

Os discentes deverão realizar uma análise comparativa nos textos verbais e não verbais, procurando semelhanças e diferenças. Também serão levantadas questões sobre o ato da leitura, o que foi mais difícil compreender: o texto literário? O documentário? A letra da música? As figuras? Quais etapas do método foram mais difíceis de fazer/aprender?

e) *Ampliação do horizonte de expectativas*

A turma pode montar uma exposição sobre os trabalhos elaborados em ambiente próprio, com cenário, objetos, utensílios, textos. Nesta atividade é interessante ter parceria com outras disciplinas como Arte, História, Geografia, Educação Física.

Sugestões: criar um espaço no qual predomine a ideia de seca – chão rachado, árvores ressequidas e tortas, ossada de animais, intercalando esses elementos com fragmentos dos textos lidos. No ambiente urbano, colocar carros, avenidas, semáforos, adultos e crianças moradores de rua, policiais.

Os alunos poderão efetuar uma pesquisa sobre outras obras e textos com os temas abordados em *Vidas Secas*, como sugestão de leitura. Ver algumas dinâmicas deste Manual.

Querendo uma atividade maior, transformar a exposição num projeto, envolvendo toda comunidade escolar, com uma apresentação como encerramento do ano letivo, da qual constarão dança, declamação de poemas, jogral, música, capoeira, elementos do folclore. Nesta atividade, a imaginação deve ser livre, finalizando o todo trabalho elaborado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor é o de se tornar um mediador, despertando o interesse dos alunos, instigando-os a buscarem leituras cada vez mais significativas e complexas. A formação do leitor passa necessariamente por estímulos, estratégias e técnicas que o ajudem a compreender o que lê, mostrando que toda leitura traz consequências, não só para o conhecimento, mas também como forma de autorrealização. Cria-se, assim, um repertório de leitura promovendo a autoestima, o que garante melhor qualidade de vida ao indivíduo e à sociedade na qual está inserido. Ele se torna plenamente um cidadão.

ATIVIDADES

1. O Polvo

Desenhar um polvo com a cabeça bem grande e vários tentáculos.

Na cabeça escrever uma palavra-chave, do título do texto lido.

Nos tentáculos, escrever outras palavras retiradas da leitura.

Sugestões:

- Pode-se trabalhar vocabulário, sinônimos e antônimos, os personagens da trama, os elementos estruturais da narrativa etc.
- Também é possível utilizá-lo para outras disciplinas.
- Uma variação é desenhar uma centopeia no lugar do polvo.

2. Sequências de letras do alfabeto, com as vogais ou só com as consoantes.

Ex: **A**nieli, **e**sbelta, **i**nteligente, **o**rdeira, **ú**nica.

Aqui **b**em **c**almos **d**evem entrar **f**elizes **g**arotos.

3. Eu escrevo, ele escreve, nós escrevemos

Distribuir folhas com uma palavra para cada fileira ou grupo da sala. A criança escreve uma frase e entrega para a seguinte para dar continuidade à ideia. Vence a fileira que terminar primeiro a tarefa.

Variação: pode ser um desenho

4. Caixinha de surpresa

O aluno escreve uma palavra e a coloca na caixa. Em seguida o professor passa a caixa, cada aluno retirando uma palavra. Escreve, então, uma frase no caderno ou na lousa, empregando-a.

Variação: em vez de palavras, o docente traz questões relacionadas ao texto lido. Cada estudante retira a pergunta, respondendo-a em seguida.

As respostas devem ser anotadas na lousa, numa folha de papel ou num mural previamente destinado a isso. Os alunos selecionam as melhores respostas e reescrevem o texto.

5. A corrida de carro

O professor prepara quantas questões achar suficientes para verificar o aprendizado, a leitura ou o interesse despertado por ela. Deve também levar para a sala de aula figuras de carros, fita adesiva, papel *craft* ou cartolina.

Na aula, sorteia alguém para ser o cronometrista, divide a classe em grupos, distribuindo as figuras dos carros. Então, cada grupo escolhe o seu. O docente monta uma “pista de corrida” na lousa, com as figuras ou nomes determinando o tempo. A cada 1 cm põe um limite de velocidade, 100, 150, 200, 250, 300, 350, 400, 450, 500.

O professor lê bem pausadamente a pergunta; o cronometrista dá o sinal e marca o tempo. O grupo escreve a resposta, entrega-a ao professor com a identificação do grupo. Depois de todas as questões respondidas, a resposta certa é dada e cada grupo que acertou avança uma casa da velocidade. O grupo com mais pontos será o vencedor.

Vale lembrar dois pontos: o grupo não pode consultar a obra lida, e deve ser estabelecido um limite de tempo.

Camaro	100	150	200	250	300	350	400	450	500
<i>Land Rover</i>									

6. Notícia sensacionalista e Notícia formal

Em duplas, os alunos devem transformar o enredo da narrativa em uma notícia nos moldes dos programas de TV (do “Cadeia”, do “Datena”), ou dos jornais que enfatizam o dramático, a chantagem emocional. Na notícia formal, deve-se redigir o texto em linguagem simples, objetiva, mas sem gírias ou termos chulos, a exemplo do “padrão global de qualidade”.

Para a apresentação, pode-se improvisar uma bancada – uma mesa, cadeiras, um notebook; os microfones são rolos internos de papel higiênico, uma bolinha de isopor ou mesmo de jornal amassado, encapados com papel prata ou dourado; de câmeras – uma caixa de sapato com um buraco; de iluminação – uma lanterna etc, se imaginar um estúdio de TV ou rádio. Mas

também pode-se pensar em uma apresentação externa, na rua. O cuidado com a vestimenta deve ser de acordo com o tipo de programa.

7. Cardápio

Elaborar um cardápio envolvendo as personagens, a trama, o desfecho da obra lida.
Exemplo a seguir com o livro *Senhora*, de José de Alencar.

– Entradas

Canapés recheados com saudade da Adelaide.
Sopa de brócolis com as lágrimas da Aurélia.
Saladas verdes à moda de D. Firmina.

– Prato principal

Carne de pescoço, ao molho de vinho tinto, do tio Lemos.

– Acompanhamento

Batatas cozidas e arroz branco temperados com comentários dos amigos.

–Sobremesa

Manjar reconciliação: de coco branco e ameixas secas, regado com calda de vinho licoroso.

8. Paráfrase

Os alunos podem escrever narrativas ou poemas com palavras ou mesmo ideias de outro texto.

<p>Dito, o negrinho</p> <p>Pedro Bloch</p> <p>O nome dele era Benedito. Dito Negro Treze anos. Sonhava demais. Morava numa fazenda. Tinha uma namorada. Esperança era o nome. Não da namorada. Da fazenda. Da namoradinha era Bidu. Ela era tão grande (a fazenda) que você andava dois dias e três luas e, mesmo correndo ou voando, não dava pra entrar nem na saída dela. Benedito era nascido e criado lá. Minto. Nem nascido, nem criado. Sofrido. Negro Treze anos. Sonhava demais. Só que o sonho era pequenino, barato. (<i>Dito, o negrinho da flauta</i>. 19. ed. São Paulo: Moderna, 1990).</p>	<p>Zaca, o pivete</p> <p>Vanderlei Jaher, aluno da 4ª. série</p> <p>Ele se chamava Zacarias. Zaca. Isto lá é nome? Pretinho. Dez anos. Tinha a cabeça na lua. Morava numa favela. Tinha uma namorada. Rocinha era o nome. Não da namorada. Da favela. Da namorada era Rosinha. Quase igual. A favela era um mundão eu não acabava mais e a gente andava pisando só em porcarias. O Zaca nasceu e se criou lá. Mentira. Sofre lá. Preto. Dez anos. Um desmiolado. Mas tinha outro jeito? (SORDI, Rose. <i>Magistrando a língua portuguesa</i>. v. 2. São Paulo: Moderna, 1991. p. 16-17).</p>
---	---

9. Cartaz de filme

Verificar se os estudantes têm conhecimento de como era a propaganda dos filmes, uma vez que não há mais salas de exibição nas cidades pequenas. Caso desconheçam, apresentar os cartazes e solicitar uma pesquisa na *Internet*, sugerindo que façam algo parecido com o texto lido.

(Vale lembrar que essas três atividades são possíveis também com a intermediação da disciplina de Arte).

10. As novidades

Em duplas, as crianças devem acrescentar detalhes à história, ressaltando aquele assunto que mais lhes chamou a atenção no momento da leitura.

11. O próximo capítulo

Esta atividade é usada quando não se tem livros para todos. O professor deve criar uma “Hora da leitura” e ler um trecho ou capítulo para os alunos. Ao final da leitura, resumir o que foi lido – “Hoje lemos como o Bolachão foi preso, amanhã saberemos se os detetives irão encontrá-lo”.

12. Paródia

“Obra literária, teatral, musical etc. que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola etc. com objetivo jocoso ou satírico; arremedo” (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 1437).

É muito comum usar a melodia conhecida para um efeito mais divertido.

“A Formiga e a Cigarra” (**Paródia**)

(Paródia da fábula de La Fontaine)

Era uma vez uma formiguinha e uma cigarra que, apesar das diferenças, desde muito pequenas, eram muito amigas. Era outono e a formiga sempre preocupada com a chegada do inverno, porque sabia bem o que acontecia em sua cidade quando chovia muito, decidiu dedicar-se arduamente ao trabalho. A partir daquele dia faria horas extras diárias, venderia suas férias e trabalharia o mais que pudesse, inclusive em serviços extras que poderia desenvolver em casa, tudo isso para garantir um cofre cheio para a temporada de chuvas.

A cigarra, no entanto, pensava diferente, ou melhor, nem pensava em nada além de curtir a vida:

– Qualé mulher!!! Tu tem é que aproveitar o hoje, o agora. Amanhã é outro dia, outra história. Viver um dia de cada vez é a coisa certa a se fazer!

Mas a formiga não pensava assim e mergulhou fundo no trabalho. Depois daquele dia não teve mais tempo para nada e nem para ninguém, seu nome era trabalho, e seu sobrenome era sempre.

Enquanto isso a cigarrinha farreava, não perdia uma festa sequer, bebia todas, contemplava o pôr-do-sol, recebia, ainda acordada, o sol que nascia, visitava os amigos, viajava, enfim, praticava toda a rotina de uma vida solteira e sem compromisso.

Chegado o inverno, a cigarrinha, de casaco de pele caríssimo, de perfume Giorgi Armani e maquiada com Lancôme chegou na casa da amiga para se despedir e chocou-se ao encontrar apenas a mamãe formiga a chorar e lamentar-se.

A formiguinha havia sido despedida uma semana após a conversa inicial desta fabulosa fábula. O seu superior na fábrica havia aplicado um golpe na empresa e pusera a culpa na pobre coitada, impondo-lhe uma chantagem. A formiguinha foi demitida por justíssima causa, não recebendo nada, nada, nada de indenização, conforme prega o art. XXX, § 3º, inciso 2º, Linha 201º, Vírgula 30 (ao canto da página) da Lei 1.876/46:

“É dado como justa causa às demissões por ocasião de furto do funcionário para com a empresa e não se fala mais nisso.”

O seu superior (autor do golpe), ficando sensibilizado com a situação da pobre coitada, conseguiu com a presidência da empresa, que lhe fosse liberado o Seguro Desemprego. Saindo da empresa a formiguinha foi então dar entrada no benefício, e durante uma semana ela foi à Caixa Econômica até que encontrou seu nome na folha para receber a bagatela no dia seguinte. Assim, preferiu dormir na porta do Banco para que fosse a primeira a ser atendida. Fez amizade com três senhores, duas mulheres e cinco adolescentes que lá já estavam, todos com o mesmo intuito, porém é grande o coração desse povo brasileiro, e ficaram amigos, quase uma família. Em menos de três horas todos já conheciam as desventuras de todos. Nessa noite, a formiguinha sofreu uma parada cardíaco-respiratória-vascular-intrauterina, que segundo o médico legista, foi causada pelo uso de ácido sulfúrico na fábrica de chapéus em que trabalhava. A sua nova família ainda levou-a ao hospital, na urgência pediram que aguardasse, pois o médico plantonista havia saído para jantar e retornaria em uma hora. A pobre formiga não resistiu e veio a falecer.

– Mas e você, Cigarrinha, para onde vai tão bem vestida? – indagou a mãe da finada, esquecendo a dor e adquirindo um certo ar de malícia.

Eu conheci Jorgh Alfred Hilfren na praia, no começo do outono passado e nos apaixonamos logo de cara. Jorgh é muito romântico e, como todo alemão, é ligado às coisas do coração. Dessa forma, decidimos nos casar em Dachau.

A formiga mãe, com olhos que derramavam inveja, cumprimentou a cigarrinha que partia rumo à felicidade.

(Moral da história: No Brasil, o trabalho dignifica. Dignifica... Dignifica o que mesmo?)

Cinthya Danielle dos Reis Leal

Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/humor/15800>>

13. Brincando com as palavras

Eu sou 10...

10leixada 10bocada 10cuidada 10vairada 10dentada 10cabelada
 10ajeitada 10naturada 10mazelada 10qualificada 10organizada 10trambelhada

Eu sou *miss*...

Miss tica, miss preme, miss maga...

É interessante que as crianças pesquisem no dicionário se as palavras são escritas com “z” ou com “s”, além de chamar a atenção para o vocábulo inglês.

14. Jogo de memória

O trabalho pode ser feito todo na sala de aula com a ajuda dos alunos: o professor distribui folhas de sulfite ou cartolina e pede aos estudantes que façam cartões de 5 cm x 5cm. Em seguida, anota na lousa termos da narrativa (mais ou menos vinte), escolhidos por eles, os quais deverão ser escritos em dois cartões (aos pares), compondo o jogo.

Para iniciar a brincadeira, a sala deverá ser dividida em grupos de quatro alunos que jogarão em duplas. Distribuir um jogo para cada grupo, solicitando que as “peças” sejam embaralhadas, viradas sobre a mesa, colocadas em colunas para facilitar a memorização.

O primeiro aluno da dupla a jogar levanta dois cartões na tentativa de encontrar o par. Em seguida, o companheiro da dupla faz a mesma coisa. Se encontrar um par, retira-o do jogo e continua jogando; se não acertar, passa para a dupla seguinte. A dupla que encontrar o maior número de pares será o vencedor.

15. Conversa por escrito

A classe é dividida em duplas, que recebem uma folha de papel e conversam sobre o texto lido, mas por escrito.

16. Se eu fosse...

Individual ou em duplas, os alunos escolhem e se colocam no lugar de uma personagem da narrativa. Devem criar outras ações, outros finais, redigir e ilustrar o novo texto.

17. Continuando a história...

Parece com a anterior, mas o texto original é interrompido e os alunos devem escrever o que eles acham que deve acontecer na história.

18. Dossiê de textos

Os estudantes devem ter uma caderneta na qual anotarão os dados importantes dos livros lidos, principalmente os extraclasse, durante o ano letivo. Podem colocar uma pequena biografia do autor, um comentário e/ou resumo do assunto. No encerramento das atividades anuais, o professor faz uma exposição na sala ou para toda comunidade escolar, conferindo uma medalha de primeiro lugar à caderneta com maior número de obras e atividades. Poderá haver uma premiação: um belo livro.

19. Cruzadinhas, Caça-palavras, Criptogramas.

Levar para sala exemplares de palavras cruzadas, nos quais se encontram também caça-palavras e criptogramas. Dividir a turma em grupos e cada um deve fazer uma ou mais atividades, sempre respeitando a escolha deles, porém com nomes e acontecimentos de livros lidos.

ATIVIDADES MAIS ELABORADAS

Um almanaque

Levar almanaques para que os estudantes os conheçam. Chamar a atenção para os aspectos estruturantes desse tipo de produção: estilos diferentes, diversidade de temas, leitura simples e objetiva porque é destinado ao público em geral, cada página tem um assunto diferente, não exige continuidade de leitura, pode ser de trás para frente, só o meio. Os temas

são relacionados ao cotidiano e podem ser produzidos em forma de poemas, crônicas, curiosidades, horóscopo, fases da lua, anúncios, receitas, moda, entre outros.

Para sua elaboração: Leitura individual do tema proposto com anotações mais importantes, resumo, fichamento, enfim apresentar as ideias mais importantes.

Produzir textos bem diversificados: anúncios, poemas, acrósticos, receitas, letras de música, paródia, curiosidades, provérbios, ditos populares, piadinhas, adivinhações.

Elaborar desenhos, charges, caricaturas, cruzadinha.

Passos: apresentar a tarefa ao grupo, escolher os melhores produtos, planejar a organização para montar o almanaque que pode ser em equipe ou envolvendo a sala toda.

Para a divulgação: Realizar uma exposição no pátio, ou imprimir e distribuir exemplares para divulgação.

Como última atividade, o professor solicita ao estudante uma avaliação crítica do seu desempenho: leitura da obra e do trabalho desenvolvido.

Uma história, outro livro

Dividir a sala em grupos e a cada um determinar uma tarefa:

- Criar a capa;
- Escrever a biografia do autor;
- Elaborar informações para as orelhas do livro;
- Realizar novas ilustrações;
- Escrever a apresentação da obra para a contracapa.

Jornal

Criar um jornal com as seções comuns a todos os jornais: nome, notícias, esporte, política, sociedade, charges, tirinhas, cartas dos leitores, editorial, crônicas, economia, classificados. Tudo relacionado ao texto abordado na leitura.

Esta atividade pode ser estendida a outras séries, criando na escola um “cantinho” só para a leitura. Também, se todos tiverem acesso, publicá-lo no *site* da escola.

Poesiando...

O texto poético deve ter sempre um lugar privilegiado na escolha do que se apresentar aos alunos porque está muito próximo da ludicidade oral da criança, facilitando prazerosos momentos de leitura, além de permitir a demonstração de sua sensibilidade.

O primeiro contato deve ser sempre por meio da leitura silenciosa para que o aluno possa sentir as impressões que o texto lhe provoca. Em seguida, o professor lê em voz alta para a classe, dando a ênfase necessária (entonação). Seria uma “**leitura dramática**”.

Acróstico

Poesia em que as primeiras letras (às vezes, as do meio ou do fim) de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou conceito, máxima. (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 43).

A migos são	M eiga
M ais que	A mável
I rmãos, são escolhidos	R isonha
G anhos na convivência	I nteligente
O riundos de todos os tempos	N atural
S em prazo de validade.	A colhedora

Jogral

É a leitura feita em grupo, dentro de um cadenciamento de vozes.

O Pato (A)	Legenda
Lá vem o pato (T)	A- um aluno
Pata aqui, pata acolá (B)	B- três alunos
Lá vem o pato (T)	C- cinco alunos
Para ver o que que há(B)	D- dez alunos
O pato pateta (C)	T- todos
Pintou o caneco (D)	(ou distribuir por fileiras de
Surrou a galinha (B)	carteiras)

Bateu no marreco (D)
 Pulou do poleiro (A)
 No pé do cavalo (B)
 Levou um coice (C)
 Criou um galo (D)
 Comeu um pedaço (B)
 De jenipapo (D)
 Ficou engasgado (A)
 Com dor no papo (C)
 Caiu no poço (A)
 Quebrou a tigela (D)
 Tantas fez o moço (A)
 Que foi prá panela (T)

MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé*.

<Disponível em: https://rosangelaaprendizagem.blogspot.com.br/2013_10_12_archive.html>.

Acesso em: 20 abr. 2017.

Decálogo Rimado

Levar o poema de Thiago de Mello, *Os estatutos do homem*, como início de conversa informal sobre poesia. Em seguida, sugerir que, em dupla ou individualmente, cada um escolha um tema e faça o seu decálogo.

“Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade.

Que agora vale a vida,

E que de mãos dadas,

Trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II.

Fica decretado que todos os dias da semana,

Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Têm direito a converter-se em manhãs de domingo”[...]

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#estat>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Fica decretado que agora.....

Que agora....

E que....

Sugestões:

Decálogo do professor.

Decálogo do aluno.

Decálogo do médico.

Além da produção do próprio estatuto, outras atividades poderão ser realizadas como pesquisa, criação de um local onde os alunos tenham a liberdade de escrever, pintar, colar, desenhar, deixar recados. Enfim, que possam demonstrar a sua satisfação ou descontentamento com o momento contextualizado por eles.

Decomposição Poética de Nomes

A partir das letras formadoras do nome, criar novas palavras e em seguida um poema.

B E A T R I Z	Por um triz
. . A T R I Z	Beatriz
. . . T R I Z	seria atriz!
. . A . R I .	(Ari não entrou
B . A . R . .	em cena.)

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Diário de Classe*, 1992, p. 12-13).

Classificados

- Classificados Comuns:** encontrados em jornais e revistas: “**Vende-se** um fusca branco, ano 93, por R\$ 4.500,00. Tratar pelo telefone: 43 3542 9090”.
- Classificados Poéticos:** são fantasiosos, brincam com a imaginação.

“Troco um fusca branco
 por um cavalo cor de vento
 um cavalo mais veloz que o pensamento
 Quero que me leve pra longe
 e que galope ao deus-dará.
 que já me cansei deste engarrafamento...”

(MURRAY, Roseana. *Classificados poéticos*, 1987, p. 24-25).

- Desclassificados:** humorísticos, brincalhões (inspirados em textos de Jô Soares, por exemplo). **Vende-se** gaiola sem porta para ecologistas. **Doa-se** um pé de sapato para saci-pererê. **Aceita-se** cabelo da mula-sem-cabeça.

Brincando com letras

“Com **B** se escreve:

Banana e **B**ala,

Bigode e **B**elo,

Barulho e **B**ule,

Balão e **B**riga,

Bolacha e **B**olo,

Boliche e **B**ola,

Burro e **B**arriga.”

(ROCHA, Ruth. *Palavras, muitas palavras*, 1985, p. 4).

Sugestão: com “**L**” se escreve:

Quadrinhas

Como o próprio nome indica, é um poema formado por uma única estrofe com quatro versos. Geralmente faz parte da tradição oral do povo, por isso nem sempre tem autoria.

O colo desta menina,

É branco como algodão,

Tem a beleza das garças,

Voando pelo sertão.

Corre ratinho

Que o gato tem fome.

Corre ratinho

Que o gato te come.

Disponível em: <www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/quadrinhas_populares.htm>. Acesso em: 20 abr. 2017.

“Ralhando com seus porquinhos

A porca, mãe exemplar,

Vendo-os, assim, bem limpinhos...

_já pro barro se sujar!!!

MAX, Amália. Disponível em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/quadrinha-infantil/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

“A situação tá tão feia,

Minha grana tão escassa,

Que o vizinho churrasqueia

E eu passo o pão na fumaça.”

ORNELLAS, Pedro. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Trova#Ver_tamb.C3.A9m>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Sugestão: Complete as rimas:

Tenho um irmão

Que se chama _____

Ele gosta de pastel

Que come com muito _____

Lourenço saiu depressa

Porque tinha muita _____

Ia passar em Portugal

E levou junto seu _____

Fontes das atividades:

Além da experiência e inventividade das pesquisadoras (Zenaide Aparecida Negrão e Marilu Martens Oliveira), algumas atividades foram adaptadas das obras sugeridas nas Referências.

REFERÊNCIAS

Teóricas

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CEREJA, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

ECO, U. *Obra aberta*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo 1975-2000*. São Paulo: ed. UNESP, 2010.

JEHA, J. Ética e estética do crime: ficção de detetive, *hard-boiled* e *noir*. XXI. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), XII, Curitiba. *Anais eletrônicos*. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong_2011/anaisOnline/resumos>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Literárias

LEAL, C. D. R. Disponível em:

<<http://www.recantodasletras.com.br/humor/15800>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MARINHO, J. C. *O gênio do crime*. Ilustrações: Roberto Barbosa. 44. ed. São Paulo: Global, 1996.

MAX, A. *Quadrinhas*. Disponível em:

<<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/quadrinha-infantil/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MELLO, T. *Os estatutos do homem*. Disponível em:

<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#estat>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MELO Neto, J. C. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 27-60.

MORAES, V. *A arca de Noé*. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=poemas+da+arca+de+Noe+Vinicius+de+Moraes>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MURRAY, R. *Classificados poéticos*. Ilustrações: Paula Saldanha. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

ORNELLAS, P. *Trovas*. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Trova#Ver_tamb.C3.A9m>. Acesso em: 20 abr. 2017.

QUEIRÓS, B. C. *Diário de classe*. Ilustrações: Claudia Scatamacchia. São Paulo: Moderna, 1992.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. Ilustrações: Aldemir Martins. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROCHA, R. *Palavras, muitas palavras*. Ilustrações: Adalberto Cornavaca. (?): Quinteto Editorial, 1985.

SANCHES NETO, M. *A guerra do chiclete*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2014.

Sugestões de Leitura de Obras Teóricas e Literárias

ANGELO, I. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Rosa dos Ventos).

ALTENFELDER, A. H. *Poetas da escola*. (Coord. Téc.) Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo: Peirópolis, 200.

CARRAVETTA, Luzia Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F. (Org.) *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS-PUCRS. *Guia de Leitura para alunos de 1º. E 2º. Graus*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, MEC; Porto Alegre: CPL, PUCRS, 1989.

DOYLE, C. *Um estudo em vermelho*. Trad. Heloisa Jahn. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FRANÇA, M. *O barco*. Ilustrações: Eliardo França 6. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FRIAS FILHO, O. et al. *Vice-versa ao contrário*. Ilustrações: Spacca. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

GIMENEZ, A. *Contos brasileiros II*. São Paulo: Scipione, 1997.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. *Poesia infantil*. Cadernos poesia brasileira:3 São Paulo: ICI, 1996.

JOSÉ, E. *Segredinhos de amor*. Ilustrações: May Shuravel. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

LOPES, R. G. *O trovador*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MACHADO, A. M. *Do outro lado tem segredos*. Ilustrações: Antônio José do Espírito Santo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MARINO, I. *A visita*. Ilustrações: Luiz Carlos Maia. São Paulo: Scipione, 1991. (Coleção imaginário).

MASSI, F. *O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MEIRELES, C. et al. *Poesias*. Ilustrações: Mário Cafiero. São Paulo: Ática, 1980.

MURRAY, R. *Felicidade*. Ilustrações: Marilda Castanha. São Paulo: FTD, 1995.

MURRAY, R. *Paisagens*. Ilustrações: Conceição Bicalho. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

NAHUM, E. P.; OHNO, E. N. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996.

- NETZEL, R. M. A. *Tecnologia e planejamento: ferramentas docentes na formação de leitores*. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.
- PAES, J. P. *Olha o bicho*. Ilustrações: Rubens Matuck. São Paulo: Ática, 1994.
- PAES, J. P. *Poemas para brincar*. Ilustrações: Luiz Maia. 10. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PIRES, A. C. C.; MATSUDA, A. A. Formação do leitor: dificuldades e desafios. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/187>>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- REIMÃO, S. L. *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- REZENDE, V. M. *Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- ROTH, O. *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. Ilustrações: Otávio Roth. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, M. L. S. *A expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa: pedagogia Freinet*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- SORDI, R. *Magistrando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1991. v. 1, 2.
- URBIM, C. *Saco de brinquedos*. Ilustrações: Laura Castilhos. Porto Alegre: Ed. Projeto, 1997.
- WIERZCHOWSKI, L. *Todas as coisas querem ser outras coisas*. Ilustrações: Virgílio Neves. Rio de Janeiro: Record, 2006.

APÊNDICE B

Plano de Aula 1

PLANO DE AULA PRIMEIRA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

Conhecimentos sobre o romance policial, especialmente na literatura infantojuvenil e práticas de leitura.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Identificar o conhecimento prévio dos cursistas sobre a narrativa policial infantojuvenil e atividades para desenvolver o interesse pela leitura.

Objetivos específicos

- * Possibilitar o contato com textos literários do gênero policial em narrativas infantojuvenis.
- * Comentar sobre os elementos que compõem a estrutura do romance policial.
- * Descrever quais as possibilidades de desconstrução que o texto contemporâneo nos oferece.
- * Aplicar algumas atividades de práticas de leitura.

2. Recursos didáticos:

Computador, projetor multimídia, quadro, fotocópias dos textos utilizados na aula e da atividade de fixação.

3. Metodologia

Motivação:

- * Questionar os cursistas sobre seu conhecimento sobre a narrativa policial e quais atividades envolvendo práticas de leitura são realizadas por eles.
- * Comentar sobre o livro *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho, com a possibilidade de comparação de outros romances policiais que os alunos já tenham lido.

Desenvolvimento

- * Fazer a leitura silenciosa de trechos do livro *O gênio do Crime*, de João Carlos Marinho.
- * Possibilitar que os discentes expressem suas opiniões sobre o texto lido.
- * Solicitar uma nova leitura do texto apresentado, verificando se houve acréscimos de conhecimento após a discussão anterior.
- * Em seguida, propor um registro dessas atividades por meio de um pequeno texto, analisando a importância da motivação para melhor compreender a leitura.
- * Trabalhar algumas atividades propostas no Guia de atividades.

Avaliação

* Será observada a participação oral e as contribuições durante a aula.

* Os alunos deverão fazer acrósticos com os nomes dos personagens do texto apresentado.

4. Referências

CARRAVETTA, Luzia Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto. (Org.) *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS-PUCRS. *Guia de Leitura para alunos de 1º. E 2º. Graus*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, MEC; Porto Alegre: CPL, PUCRS, 1989.

JEHA, Júlio. Ética e estética do crime: ficção de detetive, *hard-boiled* e *noir*. XXI. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), XII, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba, 2011. Disponível em: <www.abralic.org.br/eventos/cong2011/anaisOnline/resumos>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MARINHO, João Carlos. *O gênio do crime*. 44. ed. São Paulo: Global, 1996.

MASSI, F. *O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

NAHUM, Erdna Perugine; OHNO, Emília Noriko. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996. Col. Dó-Ré-Mi-Fá.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos).

SORDI, Rose. *Magistrando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1991. v. 1, 2.

APÊNDICE C

Plano de aula 2

PLANO DE AULA SEGUNDA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

Conhecimentos sobre o novo romance histórico e práticas de leitura.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Avaliar o conhecimento prévio dos cursistas sobre a narrativa histórica e atividades para desenvolver o interesse pela leitura.

Objetivos específicos

- * Possibilitar o contato com textos literários históricos, em especial com a obra *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes.
- * Dialogar sobre a estrutura do romance histórico clássico e do contemporâneo.
- * Discutir quais as possibilidades de desconstrução que o texto contemporâneo nos oferece.
- * Apresentar algumas atividades de práticas de leitura.

2. Recursos didáticos:

Computador, projetor multimídia, quadro, fotocópias dos textos utilizados na aula e da atividade de fixação.

3. Metodologia

Motivação:

- * Questionar os cursistas sobre seu conhecimento sobre história, do romance histórico e quais atividades envolvendo práticas de leitura são realizadas por eles.
- * Apresentar o livro *O Trovador* de Rodrigo Garcia Lopes, explorando os elementos que aparecem na capa.

Desenvolvimento

- * Proceder com a leitura de trechos do livro *O Trovador* de Rodrigo Garcia Lopes.
- * Após a leitura, apresentar o tema da aula, pontuando a importância do conhecimento sobre a narrativa histórica clássica e a contemporânea, além da necessidade de dinâmicas que incentivem os alunos à leitura.
- * Possibilitar que os discentes expressem suas opiniões sobre o texto lido.
- * Em seguida, propor uma discussão sobre a necessidade de motivar a criança para torná-la uma leitora proficiente.
- * Trabalhar algumas atividades propostas no Guia de atividades.

Avaliação

* Será observada a participação oral e as contribuições durante a aula.

*Solicitarque os alunos façam uma pequena apresentação escrita de sua própria história, de algo importante da sua vida escolar ou da sua cidade. (caso não dê tempo de realizá-la em sala, poderá ser entregue na próxima aula)

4. Referências

ALTENFELDER, Anna Helena. *Poetas da escola*. (Coord. Téc.) Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo: Peirópolis, 2004.

CARRAVETTA, Luzia Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS-PUCRS. *Guia de Leitura para alunos de 1º. E 2º. Graus*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, MEC; Porto Alegre: CPL, PUCRS, 1989.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: ed. UNESP, 2010.

LOPES, Rodrigo Garcia. *O trovador*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

NAHUM, Erdna Perugine; OHNO, Emília Noriko. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996. Col. Dó-Ré-Mi-Fá.

SORDI, Rose. *Magistrando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1991. v. 1, 2.

APÊNDICE D

Plano de Aula 3

PLANO DE AULA TERCEIRA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

Letramento literário – sequências básica e expandida como possibilidade de trabalhar a obra literária.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Contribuir com alternativas para melhorar a assimilação e interessar cursistas sobre a leitura da obra literária.

Objetivos específicos

* Exemplificar com a sequência básica de Rildo Cosson, como a obra *A guerra do chiclete*, de Miguel Sanches Neto pode ser apresentada aos alunos de 6º. Ano do Ensino Fundamental.

* Desenvolver a sequência expandida de Rildo Cosson na leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

2. Recursos didáticos:

Computador, projetor multimídia, quadro, fotocópias dos textos utilizados na aula e da atividade de fixação.

3. Metodologia

Motivação:

* Numa conversa informal, investigar se os cursistas sabem o que é letramento literário, sequência básica, sequência expandida, se conhecem a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, que tipo de trabalho já fizeram com a narrativa.

Desenvolvimento

* Entregar um capítulo do livro para cada grupo, solicitando uma leitura silenciosa e em seguida uma pequena apresentação para a classe.

* Possibilitar uma discussão sobre os temas apresentados no romance.

* Comentar como esse assunto é abordado em diferentes formas de arte como na pintura, no cinema, na música.

* Apresentar o vídeo do poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, no Youtube

Avaliação

* Será observada a participação oral e as contribuições durante a aula.

* Os alunos deverão entregar uma paráfrase, escolhendo o que mais gostam de trabalhar: o capítulo, o poema, a pintura, ou a música com o tema da obra estudada. (A tarefa será considerada como atividade a distância.)

4. Referências

CARRAVETTA, Luzia Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto. (Org.) *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

NAHUM, Erdna Perugine; OHNO, Emília Noriko. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996. Col. Dó-Ré-Mi-Fá.

NETZEL, Rosangela Maria de Almeida. *Tecnologia e planejamento: ferramentas docentes na formação de leitores*. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985. (Série princípios).

APÊNDICE E

Plano de Aula 4

PLANO DE AULA QUARTA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

O Método recepcional como auxiliar na formação do leitor.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Contribuir com alternativas para melhorar a assimilação e interesse dos cursistas sobre a leitura da obra literária.

Objetivos específicos

- * Investigar, por meio de uma conversa informal, qual o conhecimento sobre o Método recepcional, uma vez que o mesmo é indicado nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica, da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.
- * Expor o conteúdo teórico do método recepcional tendo como motivação de leitura o capítulo do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, já utilizado na aula anterior.

2. Recursos didáticos:

Computador, projetor multimídia, quadro, fotocópias dos textos utilizados na aula e da atividade de fixação.

3. Metodologia

Motivação:

- * Solicitar aos cursistas impressões sobre a aula anterior na qual foi comentado o livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e um quadro de Portinari, *Os Retirantes*.
- * Escrever na lousa as palavras mais significativas.

Desenvolvimento

- *Determinação do horizonte de expectativas- conversa informal sobre a obra , a pintura e a vida.
- *Atendimento do horizonte de expectativas – apresentar uma canção que aborde o mesmo tema.
- *Ruptura do horizonte de expectativa – os alunos, em duplas, deverão escolher um personagem do livro e escrever duas ou três linhas, completando a frase: Se eu fosse... – atividade apresentada no manual p. 24.
- *Questionamento do horizonte de expectativas - Entregar parte do poema de João Cabral de Mello Neto, de Morte e vida Severina, para que os alunos acompanhem-na durante a apresentação do Youtube.
- *Ampliação do horizonte de expectativas - Levantar questões sobre a compreensão - o que foi mais difícil: a leitura do capítulo? O vídeo? A letra da canção? O poema?

Avaliação

- * Será observada a participação oral e as contribuições durante a aula.
- * Os alunos deverão fazer um jornal, de acordo com as orientações do guia, devendo ser encaminhado via e-mail. (A tarefa será considerada como atividade a distância.)

4. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto. (Org.) *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

MELLO NETO. João Cabral de. *Morte e vida Severina*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch>>. Acesso em 03 mar. 2017.

NAHUM, Erdna Perugine; OHNO, Emília Noriko. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996. Col. Dó-Ré-Mi-Fá.

NETZEL, Rosangela Maria de Almeida. *Tecnologia e planejamento: ferramentas docentes na formação de leitores*. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.

PIRES, Alaine Cássia da Cunha; MATSUDA, Alice Atsuko. Formação do leitor: dificuldades e desafios. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/187>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

SCHARDOSM, Chris Royes. *Estratégias para a compreensão leitora*. 2015. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

APÊNDICE F

Plano de Aula 5

PLANO DE AULA QUINTA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

Conhecimentos sobre poesia.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Avaliar o conhecimento prévio dos cursistas sobre poema, poesia e atividades para desenvolver o interesse pela leitura.

Objetivos específicos

- * Possibilitar o contato com textos poéticos.
- * Dialogar sobre a estrutura do poema.
- * Apresentar algumas atividades de práticas de leitura.

2. Recursos didáticos:

Computador, projetor multimídia, quadro, fotocópias dos textos utilizados na aula e da atividade de fixação.

3. Metodologia

Motivação:

- * Questionar os cursistas o conhecimento sobre poema/poesia.
- * Apresentar vários textos poéticos destinados ao público infantojuvenil.

Desenvolvimento

- * Proceder com a leitura dos textos poéticos.
- * Após a leitura, apresentar o tema da aula, pontuando a importância do conhecimento sobre poesia, além da necessidade de dinâmicas que incentivem os alunos à leitura.
- * Possibilitar que os discentes expressem suas opiniões sobre o texto lido.
- * Trabalhar algumas atividades propostas no Guia de atividades: jogral, acróstico e decálogo rimado.

Avaliação

- * Será observada a participação oral e as contribuições durante a aula.
- * Solicitar que os alunos façam um acróstico e um decálogo rimado.

4. Referências

ALTENFELDER, Anna Helena. *Poetas da escola*. (Coord. Téc.) Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo: Peirópolis, 2004.

CARRAVETTA, Luzia Maria. *Métodos e técnicas no ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991

GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELLO, Thiago de. Os estatutos do homem. Disponível em:
<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#estat>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

NAHUM, Erdna Perugine; OHNO, Emília Noriko. *Guia de trabalhos práticos*. São Paulo: Scipione, 1996.

PINHEIRO, Hélder. (Org.) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SORDI, Rose. *Magistrando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1991. v. 1, 2.

APÊNDICE G

Plano de Aula 6

PLANO DE AULA SEXTA AULA PRESENCIAL DO CURSO O ENSINO DA LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CP

Disciplina: Literatura, leitura e formação do leitor

Turma: Alunos do Colégio Estadual Cristo Rei – Ensino Normal

Horas-aula: 2

Professora: Zenaide Aparecida Negrão

Professora Orientadora: Dra. Marilu Martens Oliveira

1. Tema/conteúdo:

Avaliação do curso presencial e distribuição e prazo de entrega das tarefas.

1.1 Unidade de conteúdo:

Objetivo geral

Avaliar os conhecimentos adquiridos durante o curso.

Objetivos específicos

* fazer um questionamento oral sobre o curso realizado;

* distribuir as tarefas que completarão o número de horas-aula para a concessão do certificado.

2. Recursos didáticos:

* Se necessário, rever alguns recursos/livros utilizados durante o curso.

3. Metodologia

Motivação:

* Dialogar sobre o que foi feito nesses encontros.

Desenvolvimento

Explicar a importância para a conclusão do estágio, de um *feed-back* para a pesquisadora, a possibilidade de oferecer o mesmo curso para outras pessoas envolvidas com a formação de leitores. Também distribuir as tarefas e seus respectivos prazos para se cumprir os objetivos e procedimentos do referido projeto de estágio.

Avaliação

A ministrante anotará as principais sugestões, ideias e críticas resultantes da avaliação oral.

ANEXOS

ANEXO A

Textos

1 Fragmentos do Romance *O Trovador* de Rodrigo Garcia Lopes

Apresentação do Norte do Paraná

[...] Três horas e meia antes os escoceses tinham decolado do Campo de Marte, em São Paulo, e sacudiam-se agora sobre o manto verde-escuro da Mata Subtropical do norte do Paraná. O aeroplano avançava pelo céu de inverno a pouco mais de mil metros de altura. Em quarenta minutos estariam na cidade-sede da Parana Plantations.

_ Imagine, meu caro, o que seria cair de avião num lugar desses – comentou Lovat.

_ E desaparecer na selva brasileira, como Fawcett? – Blake se referia ao misterioso desaparecimento do explorador britânico Percival Fawcett, em 1925, no estado do Mato Grosso.

[...] _ Primeiro vim no final de 1923, na Missão Montagu. Esta missão estava encarregada de fazer o levantamento das possibilidades de investimentos no Brasil, como parte das negociações da dívida brasileira com a Casa Rotschild. Depois voltei várias vezes ao Paraná. Eu ainda era diretor da Sudan Plantations quando visitei uma fazenda e fiquei encantado com as potencialidades de um empreendimento. O coronel Barboza Ferraz não quis vender a fazenda dele nem por 15 mil contos de réis!

_ E quanto é isso?

_ Digamos que daria para comprar 5 mil Fords. Foi melhor assim, pois em seguida compramos terras do governo do Paraná a um preço muito, mas muito baixo. Quando voltei a Londres, reuni alguns sócios e fundamos a companhia. Naquele mesmo ano adquirimos este território selvagem. Sabe o que significa comprar 13 mil quilômetros quadrados de floresta pela bagatela de 700 mil libras esterlinas? Quase vinte por cento do estado do Paraná?

[...] _ E esse nome, Londrina? Pequena Londres?

_ Nascida em Londres seria uma tradução mais adequada. Foi a primeira cidade fundada pela Parana Plantations. [...] estamos falando de um empreendimento que oferece oportunidades a todos. Lotes com preços ao alcance do comprador, com estradas, ferrovia e água abundante. Sem falar no que isso significa para a Coroa na atual crise.

Desde a conclusão da ponte, a cidade está em conexão direta com São Paulo, o porto de Santos e o Rio de Janeiro. (Lopes, 2014. p. 32-34).

No Velório de Lovat

[...] Na cerimônia estavam dezenas de empregados da propriedade, habitantes de Beaulieu, políticos, militares, colegas do tempo da guerra sul-africana dos Bôeres e da Grande Guerra. Membros de outros clãs como os Cameron e os Mackintosh, além de vários funcionários da Parana Plantations, vindos de Londres.

[...] _ Desde os tempos remotos em que o primeiro Lovat lutou ao lado de William Wallace e Robert the Bruce, a história do clã Fraser de Lovat está ligada à história da Escócia. (p. 169-170).

Suspeitas de Envolvimento com os Nazistas

[...] _ Sim. Note que o volume de vendas de lotes e de madeira não corresponde ao lucro em caixa dos últimos anos. Desde 1931 há um aumento significativo de produção, mas isso não se traduz em lucros. Aonde eles foram parar? O mesmo acontece com a venda dos lotes. Posso garantir que é uma quantidade enorme de dinheiro. Setenta mil metros cúbicos de madeira em um só ano? Isso o que está declarado! Não é à toa que nas reuniões da companhia em Londres eles reclamam apenas de prejuízos. Estão roubando a Parana Plantations, Silva. Os dados dos balanços da companhia foram maquiados.

Silva refletiu um pouco.

_ Com o que estamos lidando? Desvio de dinheiro?

_ Ao que tudo indica, está mais para uma quadrilha, delegado. O senhor precisa apressar os homens de São Paulo para conseguir outras informações.

_ Calma, Blake. Eles estão trabalhando no caso.

_ Há alguns nomes que descobri nos documentos. Gostaria que seus amigos do Deops checassem. Blake pegou a caderneta preta, abriu-a numa página que havia copiado os nomes. Arrancou a folha e passou para o delegado. _ Estes aparecem várias vezes. Otto Braun, Walter Grämer Kraemer, Ernest Günther, Ludwig Aeldert, Kurt-Peter Müller, Martha Schröder e Hans Henning von Cossel. Alguém está usando o bom nome da companhia e seu crédito para desviar dinheiro para a Alemanha. (p. 331).

Envolvimento da Corte Britânica

[...] Pena que eu não seja uma mosca para ver os rostos dos homens em Berlim ao receberem a notícia do fim do nosso esquema. Quando perceberem que o plano de um rei inglês controlado por Hitler foi por água abaixo por causa do que aconteceu aqui. Eu estarei vingado. O senhor não acha que tenho meus motivos?

_ Dinheiro.

_ Errado, mister Blake. Dinheiro eu já possuo, diria que é hoje a minha única verdadeira paixão. Sabe o que vai acontecer quando o serviço secreto e o Parlamento inglês descobrirem que o rei da Inglaterra tinha negócios com a nossa Sociedade e com o partido nazista? Seus compatriotas vão adorar saber como a madeira e grande parte dos lucros imobiliários e ferroviários da Parana Plantations, da qual Edward é o principal acionista, estão indo parar no programa de rearmamento ilegal da Alemanha. Minhas revelações vão dizimar os planos daquele verme e de Wallis. Eles estarão acabados. E eu serei o responsável por isso. Eu. (p. 375-376).

2 Fragmentos do livro *O gênio do Crime* de João Carlos Marinho

A perseguição do cambista

[...] o malandro entrou numa rua deserta, dobrou uma esquina e o Edmundo virou atrás. Assim que virou, deu de cara com o cambista que tinha dobrado e ficado parado esperando na tocaia.

_ Brincando de meganha, hein?

Edmundo não teve tempo de nada, foi mas é agarrado pelos colarinhos e puxado junto do corpo do cambista e até sentiu o bafo dele quente no nariz. O cambista estava com muita raiva e foi levando Edmundo aos tropicões para o interior de uma construção abandonada onde não tinha perigo de ninguém ver.

_ Aprenda uma coisa, seu coió, tenho um sistema infalível de despistação.

_ Tira a mão da minha camisa!

_ Desde o começo notei o automóvel preto de vocês seguindo o ônibus. Te puxei nessa rua deserta de propósito.

Edmundo se aproveitou de que o cambista se distraiu um pouco na falação e deu-lhe um trançapé de judoca; o cambista pranchou no chão mas não largou a camisa do menino e os dois

se embolaram levantando muita areia da construção. O cambista trouxe a outra mão para segurar mais Edmundo e levou uma joelhada na boca do estômago e dessa vez gritou ai. Porém o homem era forte e conseguiu espaço para armar um rojão de soco na cara de Edmundo e depois mais outro que jogou o menino a cinco metros botando sangue no rosto todo.

O cambista levantou com a roupa branca de areia e estava com mais raiva. Tirou a facapeixeira do bolso.

_ Tá vendo meu fio aqui, meu chapa? Agora é que te furo.

Avançou para cima do menino, que estava caído e tonto, fazendo mira no umbigo que estava à mostra por causa da camisa rasgada. Apesar de muito tonto Edmundo ainda pegou num balde cheio de pó de cal e jogou na cara do cambista que ficou com a vista escurecida e doendo bastante com a queimadura da cal.

_ Garoto piolho desgraçado!

Era a hora de Edmundo aproveitar e atacar o cambista a paulada e tijolada mas o menino levava dois socos que não é brincado e estava cai-não-cai vendo pontinhos pretos no ar que subiam e desciam em velocidades diferentes. O cambista limpava os olhos e começava a enxergar de novo e foi aí que o Bolacha, que tinha chegado atrasado, ouviu o barulho do fuzuê lá da rua e entrou na construção com duas rodela grandes de suor embaixo do sovaco da camisa.

A vista do malandro estava se recuperando mas ainda enxergava malemal e, por um efeito de ótica qualquer que o cal fez, como nesses espelhos de parque de diversão, o cambista enxergou um gordo enorme paquiderme avançando nele e pensou: “Com esse gordo gigante eu não posso”.

E deu no pé.

O gordo viu o cambista passar por ele feito um foguete, olhou para Edmundo e perguntou:

_ Ué, que cara é essa?

_ Conto depois, Bolacha. Vá seguir o cambista.

_ Você não vem?

_ Estou tonto não posso nem andar. Pare de fazer perguntas senão perdemos a pista (p. 29-30).

A descoberta do plano

[...] O gordo andou de manso até a porta de um quarto e olhou lá dentro. Debruçado na janela estava um senhor de cabelos brancos olhando de binóculo; com a outra mão escrevia num bloco e usava luvas finas de borracha. Na hora que o senhor virou de lado, para escrever, o gordo viu que era muito narigudo.

“É” _ pensou o gordo. “O Raimundo põe a lista na carteira e o emissário copia de binóculo. Agora na certa vai mandar as encomendas por aquele telefone ali”.

_ Alô _ falou o senhor lá de cima _ Galo vermelho-gambá.

“Se anuncia por uma senha” _ pensou o gordo.

_ Lá vai a encomenda: 15 Pelé, 10 Rildo, 20 Ivair, 5 Rivelino, 6 Servilho. Só.

_ Precisa de mim chefe? Vou já para aí.

“Opa” _ pensou o gordo. “De colher”.

[...] O gordo abriu a porta do Volks bordô que estava parado no jardim e se embolou no chão do carro atrás do banco do chofer.

“Não dá tempo de avisar o Edmundo e não posso perder esta ocasião, estou na frente do Bigue-Bento”.

[...] “Troca de automóvel” _ pensou o Bolachão.

O gordo escapuliu suave do Volks, sem ranger a porta, andou plim-plim até a reentrância do muro e esperou que o cabelo branco trouxesse o Aero para a calçada. Enquanto ele descia do Aero e manobrava o Volks para a garagem, Bolachão se encaramujou no chão do Aero, como antes, só que mais confortável com o espaço maior.

O cabelo branco entrou no Aero, esse pessoal de quadrilha era mesmo do sobe e desce, e ligou o motor. Antes de dar partida, passou a mão na cabeça e arrancou a cabeleira branca, era uma peruca e tirou também o nariz pontudo e pôs no bolso. Ficou moreno e de nariz pequeno (p. 80-81).

A tortura dos meliantes

[...] “Nossa” _ pensou o gordo. “Parece a caverna do Ali-Babá”.

_ Aqui é a fábrica clandestina. Achou o que queria não é seu gordinho abelhudo cara de jaca.

[...] _ Menininho turrão não? Pois fique sabendo que vai morrer. Ninguém vai te descobrir aqui, arquitetei o esconderijo sem falha: o buraco que nós estamos só comunica com

o mundo de fora pela máquina que levanta e o mecanismo de elevação está todo aqui embaixo. É comandado pelo controle remoto da caixinha de couro. Lá em cima funciona a Fábrica de Tecidos Planeta, uma fábrica comum, e nenhum dos operários sabe deste buraco aqui; trabalham durante o dia fazendo tecidos como qualquer operário.

[...] _ Chefe _ disse o dos cachos. _ Posso quebrar o pescoço do gordinho já?

_ Nada de afoitezas Almeidinha. Costumo fazer as coisas perfeitas, sem deixar pistas. Vamos dissolver o gordo num banho de ácido para não deixar traço nenhum. A coisa mais difícil num assassinato não é matar, é esconder o defunto.

[...] Teu pai te educou muito mal, seu gordo. Atlas, traga o alicate.

O peludão abriu a estante e pegou o alicate de ponta fina.

_ Arranque a unha dele _ ordenou o chefe.

Almeidinha segurou forte o gordo. Bolachão quis se livrar mas o grandão tinha mão de pilão e atarrachou o gordo na cadeira. Atlas enfiou o alicate na unha do gordo, a do dedão, apertou e foi puxando para cima.

Dor assim o gordo nunca tinha sentido: a vista escureceu tudo e ele gritou:

_ Chega! Eu falo.

O chefe fez um sinal e Almeidinha afrouxou o alicate; o dedo estava inchado e pingava sangue, mas não deu tempo de arrancar fora a unha, só descolou um pouco (90-93).

3. Letras de músicas

ASA BRANCA (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Quando olhei a terra ardendo / igual fogueira de são João / eu perguntei a Deus do céu,
ai / por que tamanha judiação / eu perguntei a Deus do céu, ai / por que tamanha judiação.

Que braseiro, que fornalha / nem um pé de plantação / por farta d'água perdi meu gado
/ morreu de sede meu alazão / por farta d'água perdi meu gado / morreu de sede meu alazão.

Até mesmo a asa branca / bateu asas do sertão / depois eu disse, adeus Rosinha / guarda
contigo meu coração / eu disse, adeus Rosinha / guarda contigo meu coração.

Hoje longe, muitas léguas / numa triste solidão / espero a chuva cair de novo / pra mim
voltar pro meu sertão / espero a chuva cair de novo / pra mim voltar pro meu sertão.

Quando o verde dos teus olhos / se espalhar na plantação / eu te asseguro não chore não,
que eu voltarei, viu / meu coração / eu te asseguro não chore não, viu / que eu voltarei, viu, /
meu coração.

A SECA (Alceu Valença)

Nas patas do meu cavalo / galopei do meu sertão / vi a seca, vi a fome / lobisomem e
assombração / riacho virou caminho / graveto virou tição / e as pedras ardendo em brasa.

Asa Branca na amplidão / riacho virou caminho / de pedras ardendo em fogo / no poço
secou a água / menino morreu sem nome / na Caatinga homem chora / o boi que morreu de sede
/ a roça que era verde.

A seca torrou garrancho / Senhor mande chuva pro Nordeste! Senhor mande chuva pro
sertão.

SÚPLICA CEARENSE (Gordurinha e Nelinho)

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado / que de joelho rezou um bocado / pedindo pra
chuva cair sem parar / Oh! Deus, será que o Senhor se zangou / e só por isso o sol se arretirou
/ fazendo cair toda a chuva que há.

Senhor, eu pedi para o sol se esconder tiquinho / pedi pra chover, mas chover de
mansinho / pra ver se nascia uma planta no chão / Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor
me perdoe, / eu acho que a culpa foi / deste pobre que nem sabe fazer oração.

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água / e ter-lhe pedido cheinho de mágoa
/ pro sol inclemente se arretirar / desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno / desculpe
eu pedir pra acabar com o inferno / que sempre queimou o meu Ceará.

ANEXO B

Imagens da Exposição

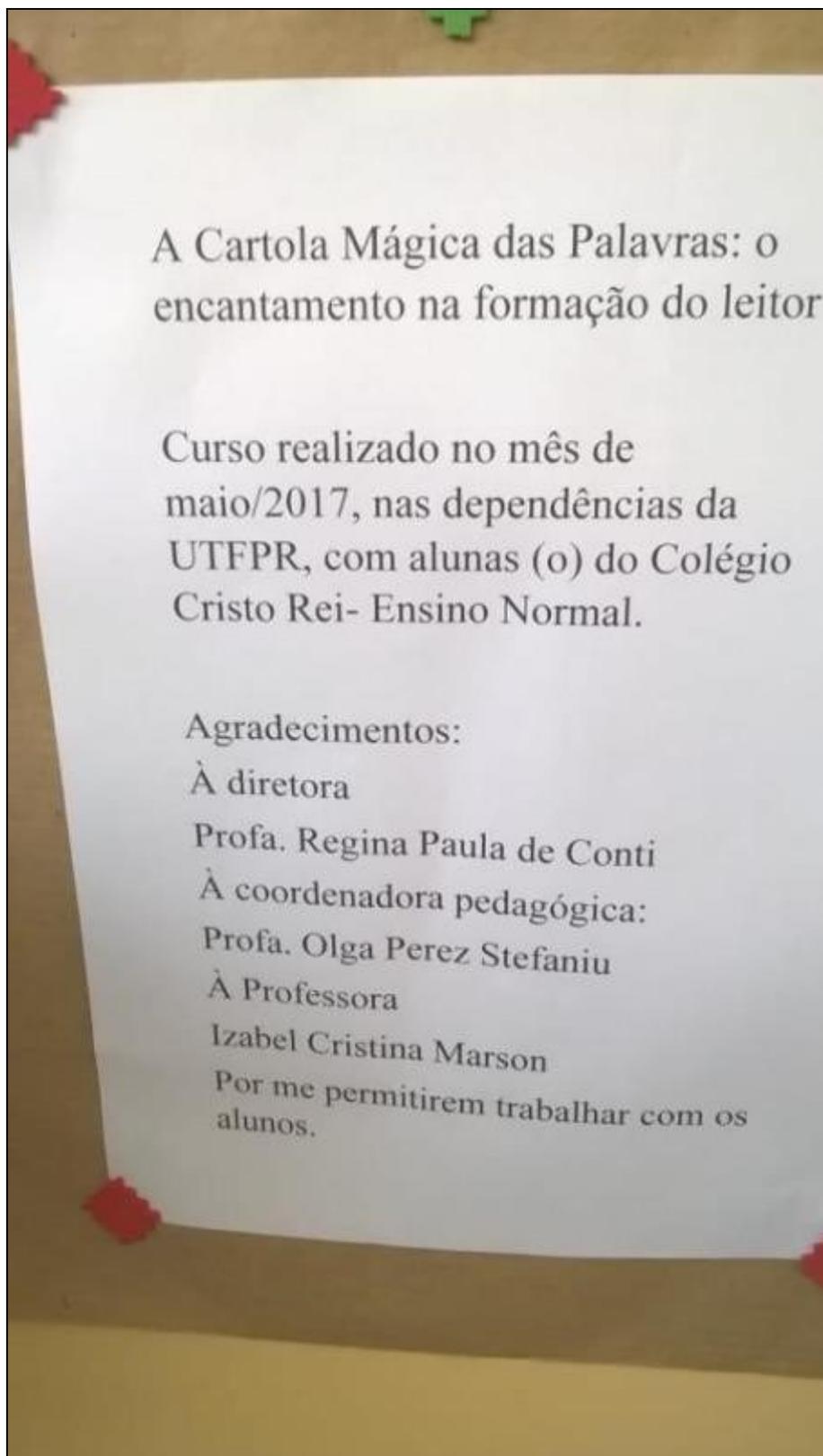


Figura 50 – Foto da Exposição
Fonte: da autora

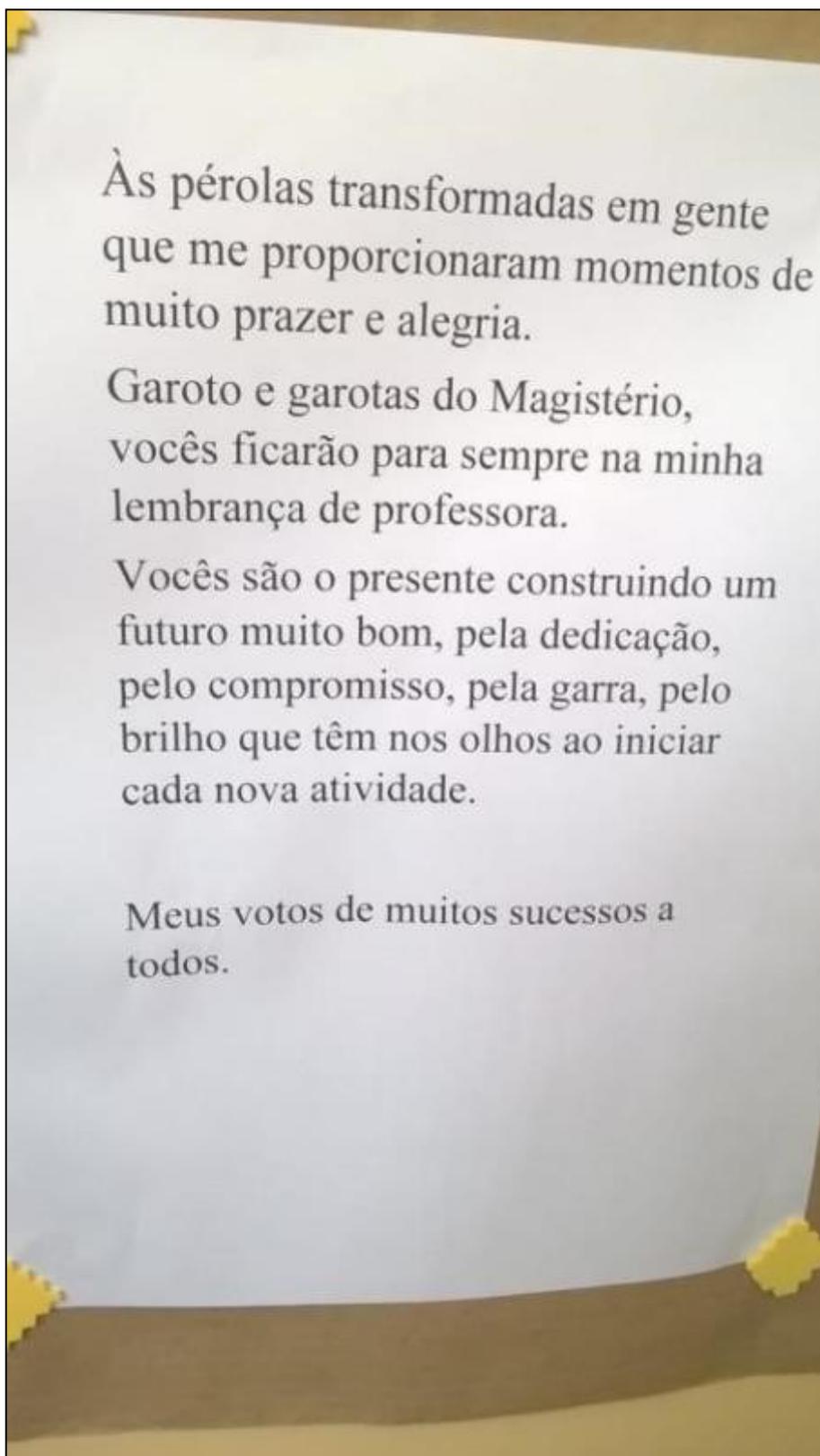


Figura 51 – Foto da Exposição
Fonte: da autora

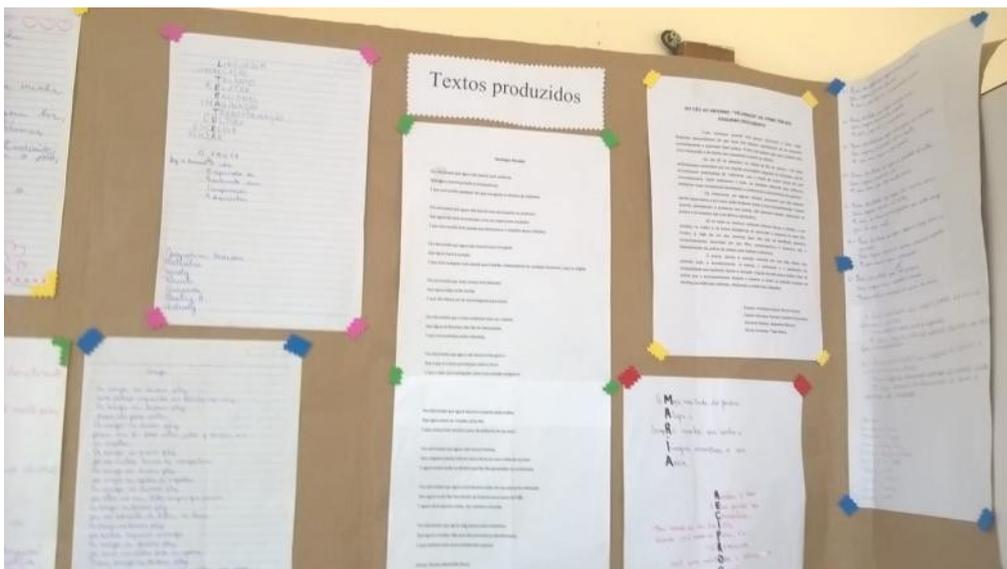


Figura 52 – Exposição: Produção dos alunos
 Fonte: da autora



Figura 53 – Exposição: Produção dos alunos
 Fonte: da autora

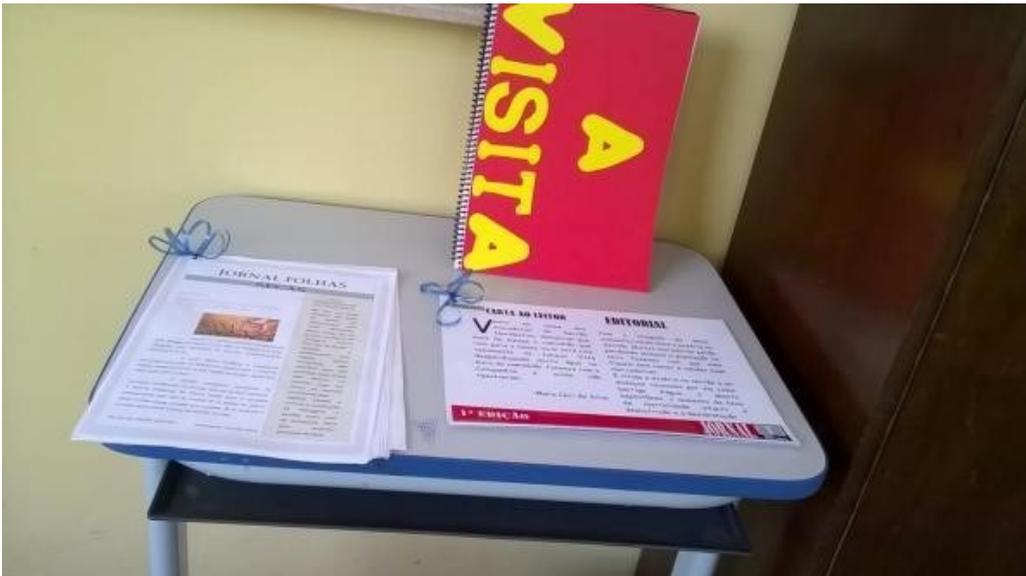


Figura 54 – Exposição: Produção dos alunos
Fonte: da autora



Figura 55 – Exposição: Produção dos alunos
Fonte: da autora

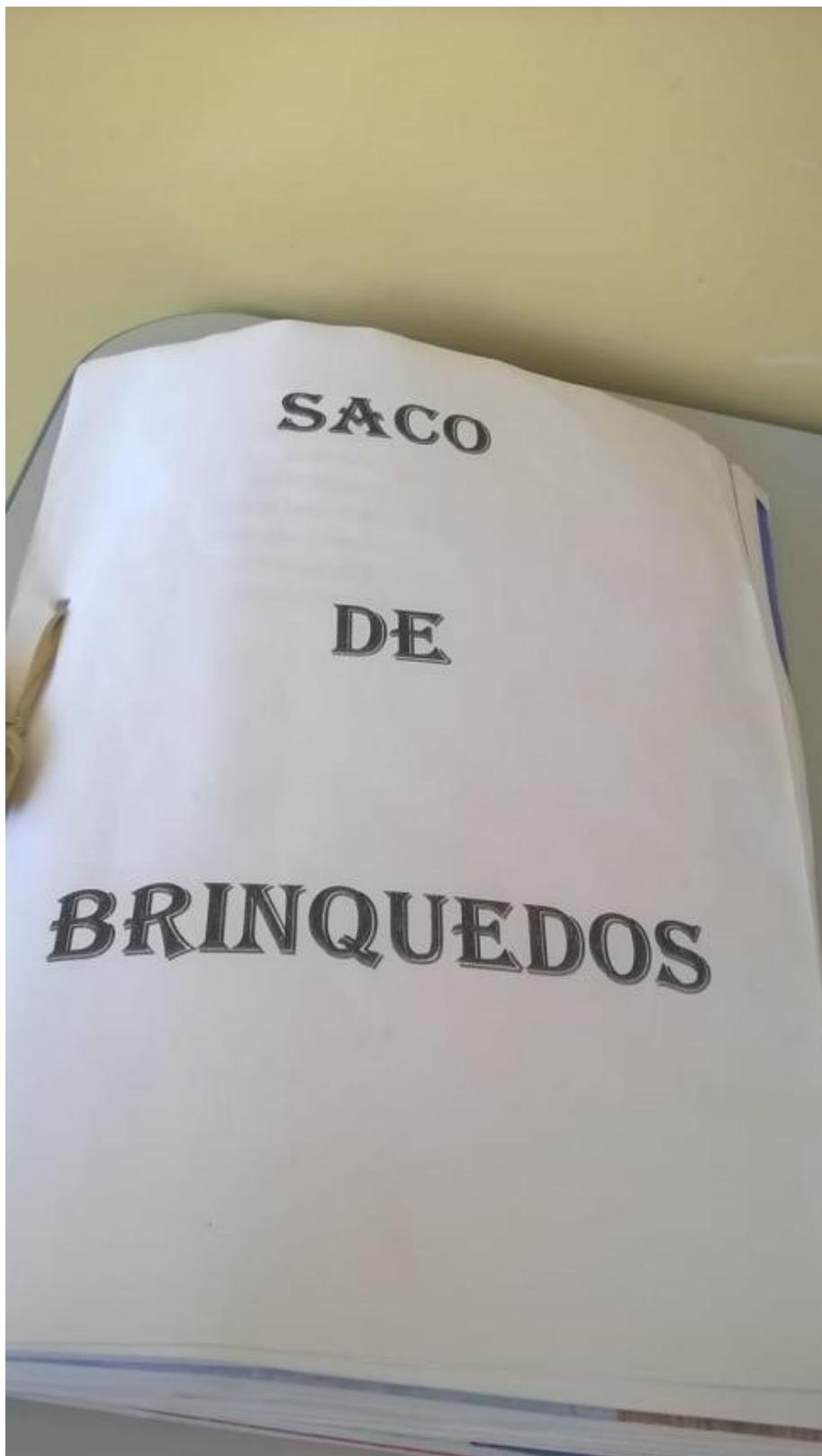


Figura 56 – Exposição: Produção dos alunos
Fonte: da autora



Figura 57 – Exposição: Produção dos alunos
Fonte: da autora

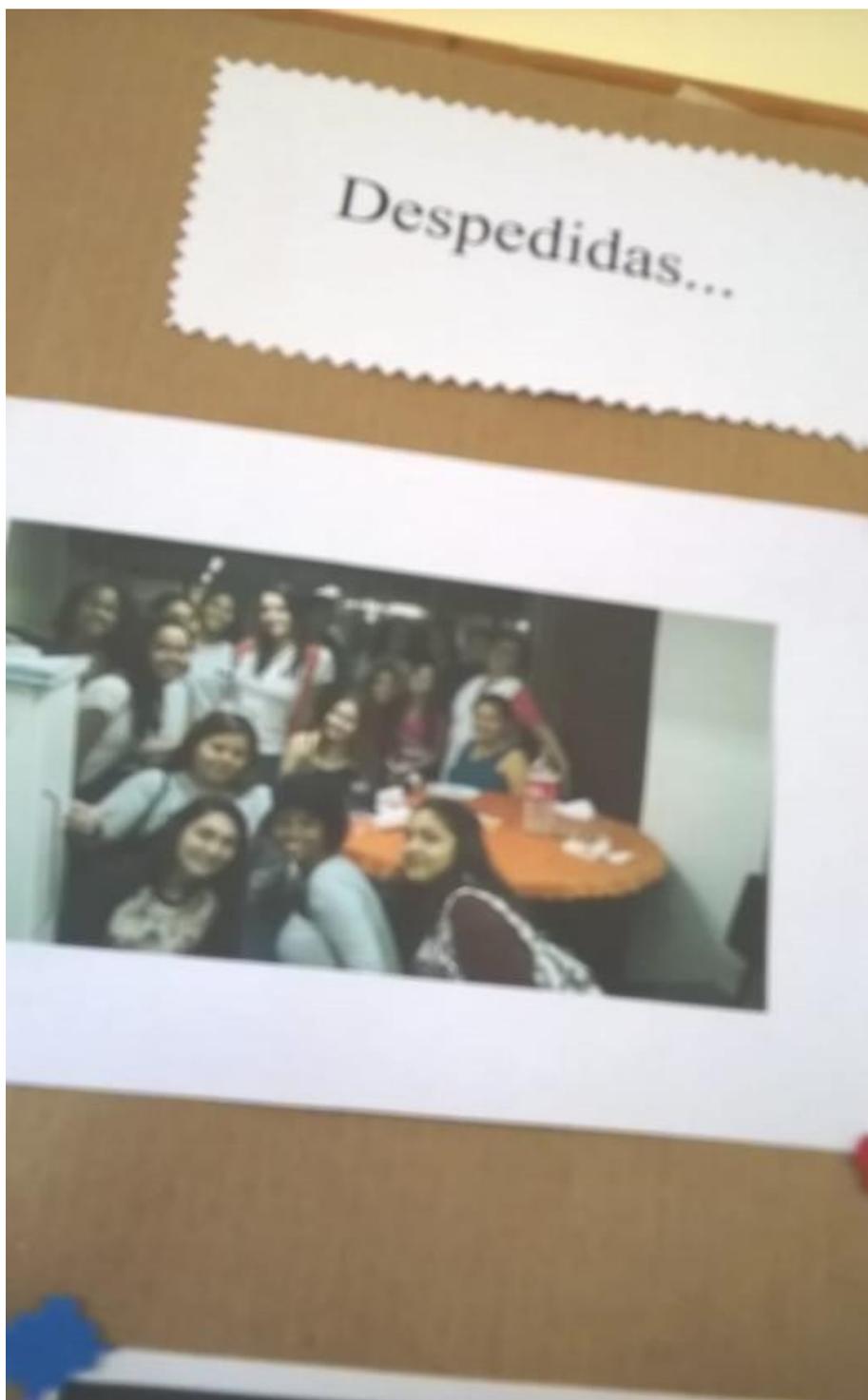


Figura 58 – Exposição: Cursistas
Fonte: da autora



Figura 59 – Exposição: Cursistas
Fonte: da autora

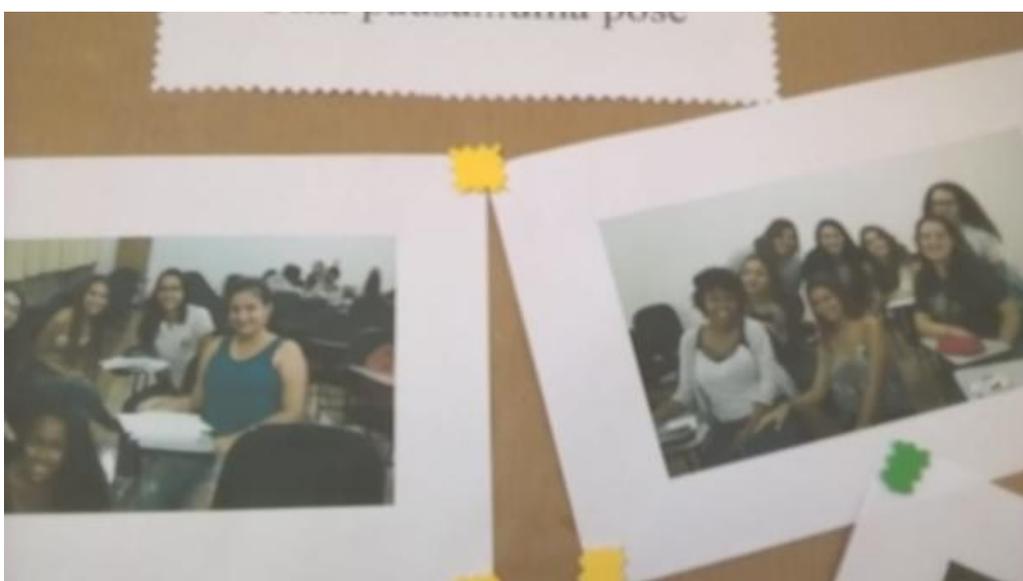


Figura 60 – Exposição: Cursistas
Fonte: da autora

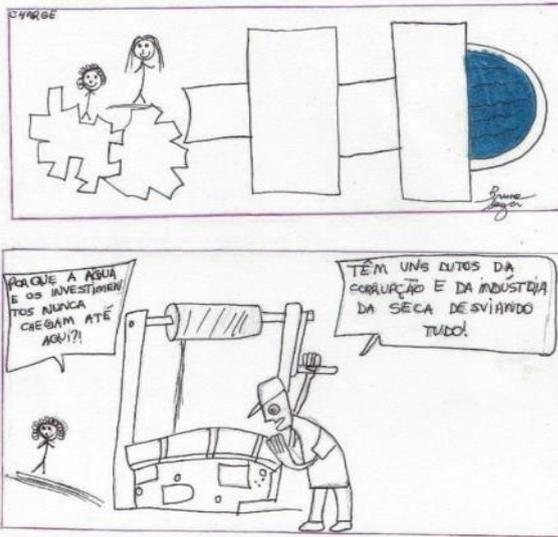


Figura 61 – Exposição: Cursistas
Fonte: da autora

ANEXO C

Jornal elaborado pelos alunos

26/06/2017 **ENTRETERIMENTO**



AUTORES

- Bruna Aparecida do Rosário Souza
- Carlos Henrique Camilo Gomes
- Giovana da Silva Soares
- Jaqueline Marson
- Nicolay Amanda Ruza
- Thaís Maria Rocha Martins



1ª EDIÇÃO **JORNAL** TRAB NEWS

Figura 62 - Jornal

Fonte: da autora

26/06/2017 **CARTA AO LEITOR**

Venho em nome dos moradores do Sertão Nordeste, denunciar que mais de meses o caminhão que vem para o nosso local está com vazamento no tanque. Está desperdiçando muita água no meio do caminhão. Falamos com a Companhia e ainda não resolveram.

-Mara Ceci da Silva

EDITORIAL

Com a chegada da seca, aumentou ainda mais a miséria no Sertão. Muitos moradores estão perdendo animais e plantaço na seca fazendo com que eles fiquem sem comer e vender suas mercadorias. É nítida a miséria no sertão e as doenças causadas por ela como barriga d'água, o aborto espontâneo, o aumento da taxa de mortalidade infantil, a desnutrição e a desidratação.

1ª EDIÇÃO **JORNAL** TRAB NEWS

Figura 63 – Jornal

Fonte: da autora

26/06/2017

CLASSIFICADOS

"Vende-se Jegue! Possui porte médio, é um excelente carregador. Pede-se R\$ 500,00. É um ótimo investimento. Venha Conhecê-lo no Sítio Napoleão, próximo ao rio Congado."

"Vende-se carroça! Está em ótimo estado. É ótima para sua locomoção. Suas rodas são extremamente resistente. Suporta muito peso! Adquira já sua carroça no Sítio Queiroz, ao lado da praça das flores."

"Vende-se enxada em ótimo estado. Possui tamanho médio, cabo de madeira e cor amarronzada. Interessados tratar no Sítio São José."

"Vende-se vaquinha leiteira prena. É de grande porte pesando em média 350 Kg. Negociar o preço no Sítio Santo Antônio."

"Vende - se Galinha gorda chocadeira! Tratar no Sítio Pena."

1ª EDIÇÃO

JORNAL TRAB NEWS

Figura 64 - Jornal
Fonte: da autora

26/06/2017

NOTÍCIA

Após 105 dias chove no sertão brasileiro

Depois de um grande período de seca ocorre uma forte chuva na região nordestina. A população aproveitou-se da situação para abastecer suas cisternas. A chuva Veio Como Grande Aliada para os trabalhadores da região, pois assim foi possível estabilizar novamente a agricultura.

Dias de sofrimento, onde os moradores tiveram que se submeter a adaptação, à fome, à miséria e a seca. Mas, com a chuva haverá por um bom tempo a Garantia de Alimentação e hábitos de higiene.



ESPORTE

Barão Vermelho Destaca-se em Brasileirão

O time do sertão brasileiro participou 3 jogos e permaneceu invicto em todas as rodadas. Agora o Barão enfrenta o time do SPFC no Morumbi pela 4ª rodada do campeonato brasileiro que acontecerá no próximo domingo (22/05).

Joelson do Botafogo conta história de sua infância na seca nordestina

O jogador relatou à nossa equipe como cresceu em meio à seca e qual o seu primeiro contato com o futebol. "Eu passei fome, muita fome, porque a seca não deixava as plantas crescerem e matava os bichos, mas graças a Deus e ao meu pai conheci o futebol. Jogava todos os dias no terreno de terra batida, mas graças a Deus estou aqui firme e forte!"

1ª EDIÇÃO

JORNAL TRAB NEWS

Figura 65 - Jornal
Fonte: da autora

26/06/2017

POLÍTICA

Presidente Michel Temer nega o esquecimento de Sertão brasileiro

Segundo o Excelentíssimo Presidente brasileiro, os comentários atuais em relação a seu abandono ao sertão são inverdades criadas a fim de prejudicar o seu governo: Temer afirma investir fortemente nas áreas secas, enviando uma grande quantidade de caminhões-pipa e ofertando materiais para construções de cisternas.

Primeira eleição no sertão brasileiro

Pela primeira vez, foram selecionados candidatos para a escolha de um prefeito no interior do sertão nordestino, entre eles: José da Silva, Florindo Joelmino e Carlos Silveira. Todos prometem o investimento de recursos financeiros para a melhor vivência na seca.

SOCIEDADE

Taxa de mortalidade infantil triplica no sertão nordestino

Devido aos 3 meses de seca no nordeste, crianças morrem a todo momento. A cada três dias falecem aproximadamente 9 crianças. A situação está caótica e clama por socorro das autoridades brasileiras

Moradores relatam abandono de São Pedro

Após 3 meses sem chuva, moradores alegam que São Pedro os abandonou. Dizem que já não sabem para onde recorrer, já que juntamente com São Pedro o governo os esqueceram. A única alternativa adotada por eles é a forte fé de que as coisas melhorarão.

1ª EDIÇÃO

JORNAL TRAB NEWS

Figura 66 - Jornal
Fonte: da autora

26/06/2017

CRÔNICA

Brejo Miserável

O cadelo via alguma coisa naquele brejo, não parava de latir. Era o demo, sem dúvida. A noite tenra, a lua anil, uma bola cheia. Os grilos. Cigarros. O vaqueiro lá no copiar da casa-grande, fumando seu cigarro. A orquestra noturna não cessava. O bafo noturno penetrava na consciência sertaneja. As silhuetas da caatinga: malditos demônios noturnos que se achegavam ao intelecto do cowboy. Era a miragem noturna da solidão do sertão. A fumaça diabólica que fugia do inferno que estava sob os seus pés. Atrás da serra do fundão, uma linha cor de ouro se delineava. O amanhecer se aproximava. O cigarro do peão, se acabava proporcionalmente. Os pássaros cantavam naquele sertão. Estátuas que ao anoitecer reviviam, num maldito círculo vicioso.

ECÔNOMIA

Seca começa a afetar a economia

A falta de água no sertão nordestino tem afetado a população e a economia negativamente. Sendo a agricultura um dos setores que mais sofre com as consequências da seca.

Ao menos 50 mil nordestinos estão sofrendo pela falta de água. Devido à seca a agricultura tem uma forte queda na produção, o que afeta diretamente a população.

Um exemplo disso, é a precariedade da disponibilidade de alimentos. É necessário uma intervenção dos líderes para que o problema seja solucionado.

Não há previsão para que a população volte a ter seu fluxo de água normalizado

1ª EDIÇÃO

JORNAL TRAB NEWS

Figura 67 - Jornal
Fonte: da autora